

The Project Gutenberg eBook of A Casa dos
Fantasmas - Volume I

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: A Casa dos Fantasmas - Volume I

Author: Luiz Augusto Rebello da Silva

Release date: May 5, 2008 [eBook #25330]
Most recently updated: March 17, 2013

Language: Portuguese

Credits: Produced by Ricardo F. Diogo, Rita Farinha and
the Online
Distributed Proofreading Team at
<http://www.pgdp.net>

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK A CASA
DOS FANTASMAS - VOLUME I ***

Nota de editor: Devido à quantidade de erros tipográficos existentes neste texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Maio 2008)

VOLUMES PUBLICADOS

- I — Ráusso por homizío
- II — Odio velho não cança (1.º)
- III — Odio velho não cança (2.º)
- IV — A Mocidade de D. João V (1.º)
- V — A Mocidade de D. João V (2.º)
- VI — A Mocidade de D. João V (3.º)
- VII — A Mocidade de D. João V (4.º)
- VIII — A Mocidade de D. João V (5.º)
- IX — Lagrimas e thesouros (1.º)
- X — Lagrimas e thesouros (2.º)
- XI — A Casa dos Fantasmas (1.º)
- XVI — Othello—As redeas do governo
- XVII — A mocidade de D. João V (drama).
- XVIII — O amor por conquista (comedia)—O Infante Santo (fragmento).
- XIX — Fastos da Igreja (1.º)
- XX — Fastos da Igreja (2.º)
- XXI — Fastos da Igreja (3.º)
- XXII — Fastos da Igreja (4.º)

ROMANCES E NOVELLAS—V

A CASA DOS FANTASMAS

EPISODIO DO TEMPO DOS FRANCEZES

2.^a EDIÇÃO

VOLUME I



LISBOA
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 | 45, R. Ivens, 47

1908

A CAMILLO CASTELLO BRANCO

Seja-me licito, amigo, dedicar-lhe este esboço informe, fructo de algumas horas de ocio. Quem melhor, do que o auctor de tantas composições profundas na interpretação da vida, admiraveis na pintura do coração e dos costumes contemporaneos, poderá desculpar o muito, que falta n'este quadro para sair menos imperfeito, e ao mesmo tempo apreciar em um, ou outro traço, os bons desejos e os esforços do auctor?

A epocha, que escolhi, pedia pincel mais fino, e tintas mais vivas. Tentei vencer-me, e desenhal-a. Sei que fiquei mui inferior ao ideal, que tinha concebido, e receio mesmo, que o enfado dos leitores castigue a ousadia do commettimento. Espero, que o seu nome applaudido sirva de escudo e de defensor ao modesto livro, de que elle vae ser o maior ornamento.

Não o consultei para lhe offerecer este testemunho da minha antiga e sincera amisade. Adivinhei a resposta, e ahi entrego em suas mãos mais este orphão, que sae a correr o mundo. Deus lhe conceda a sorte propicia, que elle não merece, mas que ás vezes uma boa sina proporciona mesmo aos menos dignos.

[6]

Lisboa, 22 de Janeiro de 1865

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

A CASA DOS FANTASMAS

I

Uma noite desabrida

Era de tarde. Tinham dado cinco horas, e o dia declinava rapidamente. O mez de maio do anno 1808, anno assignalado de successos estrondosos na peninsula, acabava, como tinha corrido quasi todo, entre diluvios de chuva e ventanias. A noite, cujos primeiros veus já começavam a cobrir as terras baixas, em quanto os derradeiros raios do sol esmoreciam na corôa dos outeiros, avisinhava-se, toldada de castellos de nuvens, que surgiam do sul, listrando o horizonte de barras cinzentas, rasgadas de espaço em espaço pelos clarões dos relampagos.

O ar estava tepido, ou antes quente, e todos os ruidos se iam calando uns após outros. A immobilidade das aguas, que não arrugava o mais leve sopro; a das arvores, cujas copas pareciam petrificadas; e as sombras, que avultavam mais pesadas de instante para instante, revestiam a paizagem de um aspecto gelido. Uma lufada de vento, halito abrazado da tormenta, passava solta por cima dos campos, acamando as hervas altas, destoucando os arbustos, e saccudindo as ramas das oliveiras, dos alamos, e das faias, e ia morrer distante no roncar soturno e rouco dos trovões. Algumas gotas, raras e grossas, caiam então, e a luz, offuscada por mais espessos vapores, sumia-se de subito para reviver depois, mas timida e desmaiada, sem alegria e sem calor. As aves fugiam, cruzando-se e pipitando; a solidão quasi que não tinha echos; e um silencio lugubre precedia a grande voz da tempestade, que ia principiar dentro em pouco.

[8]

Apezar das ameaças da atmospheria, um viajante trocando o conchego de povoação commoda pelas inclemencias do tempo, tinha-se despedido da hospitaleira casa, aonde jantára, e mettendo o pé no estribo de pau, e apertando as dobras da manta ribatejana, sem escutar os conselhos e vaticinios amigaveis, estimulava a mula com as largas rosetas da classica espora de correia, obrigando-a a espertar o passo por entre os viçosos pampanos, hoje gloria e gala da nobre villa do Cartaxo.

Em breve deixou atraz de si as vinhas, que, a esse tempo, (cultura nascente) apenas verdejavam em uma pequena parte do terreno, que se carrega agora de seus cachos, e achando-se em plena charneca, estendeu os olhos pela bella e vasta planicie, desatada por algumas leguas de ermo, não triste, nem agreste, mas tocado de risonha suavidade, e

rodeado de longes tão puros e desafogados, que a alma se consola e refrigera de estender por elle os olhos.

O aroma alpestre das plantas; aquelle pôr do sol entre nuvens; os lamentos da procella ao sul; e o vago indeciso de todo o quadro compunham um espectáculo de opposições tão firmes e tão bellas, que o viajante, quasi sem o querer, se deixou arrebatado por elle, e insensivelmente foi imbebendo a vista nas formosuras rusticas, que de todos os lados o convidavam. Suas feições, de uma gentileza viril e sympathica, não inculcavam tédio ou cansaço, mas impaciencia. A elevada estatura não se encurvava sobre os arções, e as pupillas pretas e cheias de fogo, se a miudo fitavam os trilhos enredados com estreitas fitas sobre o verde sombrio da charneca, denunciavam mais receio de chegar tarde a um ponto dado, do que temor de se ver assaltado pelo temporal no meio da jornada. [9]

A mula, que algumas horas de repouso tinham refrescado, como se adivinhasse os desejos do amo, despejava o passo, e o caminho; mas a noite e a cerração ainda corriam mais. A claridade baça do crepusculo seguiram-se as trevas; o céu forrou-se todo de negro; e os primeiros furacões bramiram acompanhados de um trovão proximo. A chuva principiava a fustigar de rajadas fortes o rosto do viajante, e a cegar-lhe a estrada inundada dos dias anteriores, e arrombada em diversas partes. A mula, apezar de afouta e vigorosa, atolava-se, tropeçando a miudo. Na ponte da Asseca, a varzea, que ella corta, parecia um immenso paul, cujas aguas a cheia despenhada dos altos empolava com sussurros, que, unidos aos silvos do vento e aos ribombos da trovoada, enchiam de horror e de estrepito aquella scena, tão repassada de grandeza e de magestade.

Á esquerda os olivae pendurados dos montes, que se encandeiam até Santarem, estorciam-se com o vendaval. Á direita os choupos e os freixos, na beira dos vallados, vergavam tremulos e desgrenhados como se mão gigante os dobrasse. O caminho parecia um mar, e os clarões, em que os céus pareciam abrir-se, golfavam d'Á esquerda os olivae pendurados dos montes, que se encandeiam até Santarem, estorciam-se com o vendaval. Á direita os choupos e os freixos, na beira dos vallados, vergavam tremulos e desgrenhados como se mão gigante os dobrasse. O caminho parecia um mar, e os clarões, em que os céus pareciam abrir-se, golfavam de repente o seu fulgor sinistro sobre este painel, que o tenebroso manto da procella tornava logo depois a esconder. [10]

Atravessando a ponte, por onde enxurrava quasi uma torrente, o viajante procurou orientar-se. Ajudou-o uma luz ao longe. Seguindo por ella, no fim de dez minutos encontrou-se junto do vulto massiço de um palacio arruinado, solitariamente erguido no meio das terras, e olhando quasi como sentinella esquecida para um angulo da estrada. Em uma das seis janellas sem caixilhos da fachada, através das fendas das portas de dentro, ou antes das tábuas de forro pregadas em lugar de vidros, brilhava a luz que lhe servira de norte, e pelas gretas mal juntas das frestas do andar terreo luzia o clarão de um grande brazeiro talvez acceso na cozinha. Applicando o ouvido sentiam-se estalar no lume os troncos humidos, e escutava-se o meio alarido de algumas vozes e risadas.

—Ah! exclamou o cavalleiro, detendo a mula, e derrubando sobre a cara por um gesto machinal as largas abas do chapéu de Braga, quebradas pela chuva. Gente na casa Negra! Quem?!...

Depois de breves momentos pareceu tomar uma resolução, e a passo, chapinhando na agua, como se passasse um ribeiro, desviou-se, atravessou para o outro lado, e cozido com o monte subiu por vereda ingreme até um alto a tres ou quatro tiros de espingarda de distancia. Pelos corregos, a uma e outra parte, estrepitavam verdadeiros riachos saltando pelas

pedras, e um relampago, fuzilando e extendendo como um lençol de fogo por cima das trevas, descobriu-lhe repentinamente a casinha caiada, de dois sobrados, tecto esguio, e duas janellinhas, que buscava. Cercava-a um muro baixo de pedras soltas. O ruido monotono de uma roda, e a queda de uma especie de cascata, sobrepujando o esparralhar da chuva, e os gemidos do vento mostraram-lhe que estava na azenha de cima, ou no moinho da *Raposa*, como diziam os visinhos dos arredores.

[11]

Sem se apeiar, o viajante bateu com o conto ferrado do cajado de marmeleiro por duas vezes tres pancadas na porta, e esperou. Não foi necessario mais. Os latidos feros de um cão de guarda, e logo depois vagarosos passos descendo a escada, advertiram-o de que fôra ouvido.

—Oh, de dentro! bradou.

—Quem bate?! perguntou uma voz cheia.

—Eu!

—Esse eu quem é?...

—Abre!...

—Pois não!... Ao mesmo tempo o ouvido fino do recém-chegado percebeu o leve tinir dos fechos de uma espingarda a engatilhar-se.

—Antonio! Pelo rei e pela patria!...

—Ah?! Agora é outro cantar. Lá vou.

E calando o cão, que pulava, ladrando e rosnando como furioso, desencostou a tranca, tirou o ferrolho, e a chave rangeu duas voltas na fechadura. Abriu-se finalmente a porta.

—Então quem é? repetiu a mesma voz, em quanto a cabeça se arriscava fóra no escuro, sem a mão largar a espingarda.

—Manuel Coutinho. Conheces-me agora? redarguiu o hospede, apeiando-se, e expremendo do chapéu a agua a escorrer em bica, e saccudindo a manta, que não estava menos ensopada.—Que diluvio! murmurava por entre dentes ao mesmo tempo. Se continúa, nadam ámanhã os saveis na tua horta, Antonio da Cruz!

—Que se lhe ha de fazer! Como v. s.^a vem!... Bemdito e louvado seja Deus!...

—Amen! Elle seja connosco e nos ajude, que bem o precisâmos; redarguiu o mancebo, porque o seu rosto moreno, mas fresco, e o cabello preto não inculcavam mais de vinte e quatro a vinte e cinco annos.

[12]

—Cuidei que me recebias a tiro! disse rindo, e mostrando duas fiadas de dentes finos, alvos, e eguaes, que uma dama franceza lhe invejaria para ornar um sorriso galanteador.

—Bem vê a noite?!... Depois a gente não sabe quem lhe quer mal, e uma bala depressa entra... Cá me entendo!... D'ahi não esperava já por v. s.^a!...

—Não me esperavas?... mas eu tinha dito!...

—É verdade, que disse. Mas choviam raios e coriscos e sempre cuidei que se deixasse lá ficar em baixo. Dê-me a redea da mulinha. Então não sahiu como se queria? Foi um ovo por um real. Entre v. s.^a e enxugue-se. Vou cá á nossa arribana, com sua licença, arranjar a Ligeira, e é um ai em quanto volto a accender-lhe o lume... Jesus! Santo Nome de Maria! Os relampagos cegam. Parece que nos cae o céu esta

noite na cabeça com a bulha lá de cima!

Manuel Coutinho entrou. O interior da casa, muito seu conhecido, era de apparencia singela e rustica. Suspensa do gancho preso em uma das vigas do tecto a candeia allumiava-a escassamente, apezar de pequena. No meio da parede do fundo rasgava-se a chaminé baixa e ladrilhada. Á direita uma arca de pinho alta, sem fechadura, tinha em cima um cobertôr de papa, e sobre elle enroscado com uma fisga aberta á vigilancia em cada olho, o gato preto do moinho, tão absorvido na sua beatitude extatica, e na sua pachorrenta immobilidade, que os latidos do cão amigo e alliado domestico, e as vozes do dono, nem um movimento lhe tinham podido arrancar! Á esquerda a barra de pinho pintado tremia sobre tres pés validos. Na cabeceira um devoto registo do milagre da Senhora da Nazareth correspondia a outro do glorioso confessor Santo Antonio, pregado na parede com obreias. A manta sobre o enxergão e duas pelles de carneiro compunham a roupa d'este catre de cenobita. [13]

Á direita, em todo o comprimento da casa, viam-se empilhados muitos sacos de trigo destinados á mó alveira da azenha. Os de milho jaziam mais adeante em pilhas. A fina flôr da farinha escapando-se pelas aberturas revoava ao menor abalo, polvilhando tudo em roda. Por cima de algumas pelles de lebre e de coelho, extendidas a seccar na parede, pendiam o polvorinho de chifre com o fundo, ou rodella de pau, e a bolsa de couro, ou chumbeiro, attestado de munición e pederneiras. Em um armario, vasado no muro, e resguardado com sua cortina de riscado azul, luziam, como prata, pelo aceio, a chaleira e a almotolia de lata, e acastellavam-se duas rumas de pratos. Dos lados, sumptuosidade rara (!), duas caçarolas de folha de Flandres e cabos de ferro acompanhavam a baixella de louça. Em uma prateleira por cima da chaminé a caixa da isca e alguns tachos e frigideiras de barro esperavam a hora de serem chamados a serviço activo.

Uma escada empinada, de degráus toscos, verdadeiro quebra-costas, subia de um dos angulos para o andar de cima, aonde um alçapão erguido e quadrado abria as fauces, como se quizesse engulir os que entrassem. Era ahi a labutação principal do moinho. As mós, rodando e zoando, ensurdeciam casadas no ruido somnolento com a queda da levada, que por uma longa calha de pau descia da preza a ferir a roda, e d'esta, saltando em cachões dos baldes, ia espadanar no canal, d'onde fugia ainda espumante a regar as hortas e as terras dos visinhos. [14]

Dois mochos de cerejeira brava, e uma poltrona de couro, roto e cossado, rodeavam no sobrado de baixo uma velha mesa de pau, collocada no meio do aposento por baixo da candeia de dois bicos. No meio d'ella um cangirão de aza larga, bojudo e vidrado, com sua tampa de cortiça guardava a agua-pé. Um copo de canada, limpo como crystal, um prato sobre toalha alva, meia broa de milho com um garfo de cabo de pau ao lado, e uma frigideira de sardinhas fritas annunciavam que a ceia do moleiro ía começar, quando fôra chamado. A navalha de mola e de ponta, um rôlo de tabaco de picar, e algumas aparas d'elle, assim como duas capas de papel de cigarros, estavam dizendo tambem o que elle fazia pouco antes da visita inopinada lhe bater á porta.

Vejamos agora que razão de estado attrahia o mancebo a tal hora e por um tempo semelhante áquella casa, e o que se passou alli n'esta noite fecunda em incidentes para os personagens, que temos de metter em scena.

O moinho da Raposa

O mancebo aproximou-se da mesa, picou do rôlo uma porção pequena, enrolou o cigarro entre os dedos, e, depois de o accender á luz da candeia, assentou-se em um dos mochos, com os cotovellos fincados na tábua, e o rosto entre as mãos, não sem primeiro ter tirado do cinto um par de pistolas inglezas e uma faca de matto hespanhola, encubertas com as compridas abas do gabinardo, que trajava.

Antonio da Cruz appareceu instantes depois.

Era robusto, largo de [ombros](#) e de peitos, mas esbelto. Trigueiro, e queimado do sol, as suas feições lembravam o typo arabe. Os beiços grossos sorriam com franqueza, e, apesar de muito rasgada, tinha graça na bôcca, mesmo quando descubria os trinta e dois dentes alvos e agudos, como os do felpudo molosso, que saltava em volta d'elle. O cabello rente e crespo cortado quasi em bico sobre a testa era negro como azeviche. O nariz revirado na ponta dava certo chiste á physionomia; e nos olhos pardos e vivos como scentelhas brincava uma expressão de finura natural e de malicia jovial, que lhe caía bem, e logo á primeira vista o faziam bem quisto. [16]

De mediana estatura, mas proporcionado, era tido por um dos homens mais forçosos d'aquelles contornos. O seu nome servia de grito da guerra nas aldeias contra a brutalidade dos valentões de arraial. Nas praças de touros em Villa Franca, em Salvaterra, ou na capital nenhum forçado o igualava em apanhar os bois de cara, ou de cernelha. A cavallo era um centauro; a pé não tinha par no salto, ou na carreira; em mettendo a espingarda ao rosto aonde punha o olho punha a bala. O seu cajado manejado por mãos de mestre varria as feiras, zombando de facas e de espadas.

Sobrio como um anachoreta, presentido e vigilante como um mohicano, o seu maior defeito era ser impetuoso e assomado de mais. Em o sangue lhe subindo á cabeça, e em principiando a picar-lhe a pelle com pontas de alfinetes, segundo elle dizia, cegava-se, corria direito ao perigo, e, sem attender a nada, atirava-se a um precipicio.

Temente a Deus, tinha tanto de bom amigo como de implacavel inimigo. Portuguez e patriota extremo, amaldiçoava os francezes como jacobinos, e chorava de saudade pelo principe regente, D. João, ao qual só vira duas, ou tres vezes, em sua vida. Manuel Coutinho affeiçoou-se a este character firme, honrado, e decidido. O moinho e a horta pertenciam ao mancebo, e Antonio trazia-os de renda. Ligado á conspiração, por emquanto quasi inoffensiva, urdida em Lisboa contra o governo de Junot, conspiração que regia o *conselho* denominado *Conservador*, secretamente instituido no dia 5 de fevereiro d'aquelle anno para auxiliar a restauração do throno legitimo e da independencia, Manuel Coutinho confiava no humilde camponez, e communicava-lhe até recados de importancia. Executor discreto d'estas missões arriscadas, Antonio da Cruz comportava-se sempre com exemplar acerto, não só enganando o faro da policia de Lagarde, cujos espiões corriam por toda a parte, mas supportando resignado por amor de seu amo (assim lhe chamava), e da boa causa desafios e remoques, que em outra occasião seguramente custariam caros aos aggressores. [17]

—Se não é hoje o fim do mundo, bradou elle entrando e saccudindo a agua de cima de si, não sei quando o será! Mas o lume em um instantinho está a arder. A lenha é secca. Ora, diga, meu amo: v. s.^a traz sua vontadica de comer, não? Do Cartaxo aqui é um pedacito menos mau... e a chuva e o

vento cavam cá por dentro como enxada em nateiro...

—Não. Não me faças nada. Se o appetite vier aqui temos de mais. Agora o lume sim.

—Essa é boa. Ha de perdoar; não senhor. Graças a Deus o Manuel nunca foi torto, nem aleijado, e ainda esta manhã, antes de almoço, não perdeu a polvora e o chumbo. Andavam aquelles fidalgos a saltar nas vinhas, e trouxe-os no alforge. Como os quer?...

E apontava para os dois coelhos mortos e pendurados junto do almario.

—Guizo-lh'os de molho de vilão n'um abrir e fechar de olhos, e depois ha de beber-lhe em cima um, ou dois copos de um vinhinho, que me deram, e que fica a gente a chorar por mais...

—Já te disse. O vinho e os coelhos guarda-os para ámanhã. Agora melhor me sabe este cigarro, do que todos os manjares. Accende o lume. Temos que falar.

O mancebo suspirou como quem se sente opprimido de tristeza, e lucta em vão por se vencer.

O Antonio da Cruz, curvo sobre a caixa da isca, a assoprar a chamma, ouvia-o, e percebeu-o, mas calou-se. A mecha pegou, e d'ahi a um momento levantava-se da lareira um clarão vivo e alegre, tingindo de vermelho as paredes e os pobres moveis da casa. [18]

—Bem! disse Manuel Coutinho. Isto já parece outra cousa! Senta-te, e come!

—Salvo o respeito, saiba v. s.^a que não tem pressa.

—Tem. Come e despacha-te. Depois falaremos. É preciso sair logo...

—Ah! Então a cousa aperta? Para termos de sair por uma noite d'estas!...

—Póde bem ser a ultima da vida de umas poucas de pessoas! exclamou o mancebo, pondo-se em pé agitado.

—Melhor o ha de fazer Deus, senhor Manuel! redarguiu o moleiro com a sua tranquillidade apparente, que illudia os que o conheciam mal. Com sua licença! ajuntou sentando-se á mesa, e rompendo o assalto contra a broa e as sardinhas, regadas de copiosas libações de agua-pé. Os sacos pesam seis alqueires, e por aquella escada acima apalpam as costellas. Á saude de v. s.^a! A minha pena é que não quizesse provar dos coelhos e do vinho do convento de S. Francisco. Olhe que os padres sabem escolher do fino!...

—Que gente era aquella, que esta noite vi na Casa Negra? perguntou Manuel Coutinho, que as proezas gastronomicas de Antonio já não maravilhavam, porque fôra testemunha d'ellas muitas vezes.

—Gente na Casa Negra? Na Casa Maldita?!... accudiu com a bôcca cheia, e estremecendo.

—Sim! Vi luz em cima, na terceira janella, e ouvi risadas e vozes no andar terreo. Não sabes o que será?!

—O meu padre Santo Antonio nos accuda! Cousas do demonio, que desde que me entendo é o unico morador d'aquelle casarão! Mas v. s.^a está bem certo!?... Gente a estas horas alli! Não póde ser! [19]

—Tanto póde, que havia fogo na cosinha, e gente a rir, a falar, e a aquecer-se a elle!

Antonio da Cruz enguliu á pressa o ultimo bocado, poz á bôcca cheio a trashedar o copo de agua-pé, e pousando-o vasio com um suspiro, tirou o barrete e benzeu-se.

—Olhe, senhor, creia v. s.^a o que lhe digo! tornou meio atalhado. Gente d'este mundo não era de certo. Por estes arredores não havia quem se atrevesse!... Ah, Jesus, Santo Nome de Maria! accrescentou mais pallido. Deram ainda agora, á noitinha, um tiro no Antonio Simões. Dizem que o mataram; mas o corpo não appareceu! Querem ver que foi parar a alma...

—Antonio! accudiu o amo um pouco severo. Alma que vae não volta! Isso são medos de criança. Os hospedes da Casa Negra estão vivos, como eu, e tu. Agora o que preciso saber, e já, é o que são e o que fazem alli!...

—Será o sargento Cabrinha, aquelle jacobino! Andou esta manhã pelo sitio com as milicias. Só se fôr elle! O maldito ri-se de Deus e do diabo. Ha de chegar-lhe a sua vez.

—Prendeu quem?!...

—Dizem que sim, ahi para os sitios do Casal do Ouro.

—Ah! exclamou o mancebo. Capaz seria elle? Se fosse quem receio!... Ouviste dizer?...

—Um velho e sua filha. Os nomes não m'os souberam dar.

—Nem é preciso! interrompeu Manuel Coutinho em voz soffocada, e com os olhos inflammados. O infame Lagarde cumpriu a promessa. Verá se a de um portuguez lhe fica atraz! Os nomes sei-os eu; dizia-m'os o coração antes de aqui entrar. Mas!...

[20]

Conteve-se, e caíu em reflexão profunda. Antonio da Cruz, tambem de pé, e animado, desde que sabia que não era com os demonios, ou com as almas do outro mundo a contenda, esperava, olhando para a espingarda, que uma palavra do amo lhe pedisse o apoio do seu braço.

—Depois de curta pausa, o mancebo, renovadas as escorvas das pistolas, e cingida a faca de matto, virou-se para o seu confidente e disse-lhe:

—Queres saber como se chama o velho, que o sargento arrasta preso a Santarem para o entregar á vingança dos francezes? É Paulo de Azevedo Carvalho. E sua filha...

—A senhora D. Leonor?! A noiva de v. s.^a!... Jesus... Pobre menina!

—Buscam-o para o processar como rebelde desde o caso de Mafra. Tinham-se escondido na Aramanha, e esse villão do sargento Cabrinha, por trinta moedas prometteu entregal-o. Não o achando já alli, correu os arredores, e de certo o foi encontrar no Casal do Ouro pela denuncia...

—Do Sapo! Foi o Sapo, aposto! Por isso o patife andava desde hontem de orelha fita e focinho aguçado! Só ao moinho, aqui, veiu duas vezes! Ah! Se eu soubera! Partia-lhe outra perna. Não importa. O que não se acaba dia de S. Braz n'outro dia se faz. Não as perde.

—Antonio! Paulo de Azevedo não ha de entrar na cadeia da villa, nem na de Lisboa. Esta noite a «Casa Negra» terá outra historia talvez mais feia que juntar á sua. Aprompta-te! Á meia noite saímos. Pódes resar por alma do sargento, se o encontro!

Duas paginas da historia d'este seculo

Antes de proseguirmos, para maior clareza d'esta mui veridica narraçãõ, cujo fio poderia enredar-se com as explicações de todos os momentos, pedimos venia ao leitor para resumir em breve noticia os acontecimentos, que formam o fundo da pintura, ou antes do esboço, que nos propozemos traçar.

A revolução franceza, representante das forças e interesses da humanidade, herdeira não só das aspirações e esperanças, mas tambem das dores e resentimentos de muitos seculos, saudada em 1789 com transportes de jubilo, em 1793 já tinha convertido a innocencia do primeiro entusiasmo nos accessos febris de um patriotismo sombrio, dando o espectáculo, novo e incrivel, dos maiores crimes a par dos rasgos mais heroicos, e das virtudes mais sublimes.

Só e contra todos arremessou audaciosamente a luva aos adversarios de fóra e ás facções internas. Decapitou no cadafalso a realeza; repelliu os exercitos da Europa colligada; atravessou após elles as fronteiras inimigas; suffocou nas provincias insurgidas as saudades e as iras do regimen decaído; e vigorosa, mesmo ao saír do berço, sobreviveu aos delirios e excessos da anarchia. Nada a detinha, nada a assombrava! Admirada de uns, execrada do maior numero, mas invencivel, precipitou-se, demolindo tudo no seu impeto, até, esvaída do sangue vertido nos patibulos e nos campos de batalha, cair por fim, quasi sem alentos, nos braços do mais illustre de seus capitães, d'aquelle de quem Siéyès disséra com persuasão prophetica: «que seria o senhor, porque sabia, queria, e podia tudo!» [22]

A ordem restituída por elle, a victoria inseparavel de suas armas, o esplendor de tantas acções applaudidas, os milagres de uma vontade, a que ainda obedeciam os obstaculos e o destino, compozeram essa rara epopêa, de que Napoleão I, grande como Cesar, ou maior talvez, foi ao mesmo tempo o heroe e o assumpto.

Guiada pela providencia, a sua mão, ao passo que ia lavrando nas primeiras paginas da historia d'este seculo as datas memoraveis, com que se abriu sua agitada existencia, unia, pesada como a de Attila, gloriosa como a de Carlos Magno, á queda do passado a transformação do presente.

A fortuna muitos annos constante seguiu-o de triumpho em triumpho, desde as planicies da Italia, immortalizadas pela sua mocidade, até aos gelos do norte para os quaes a sorte parecia attrahil-o, e aonde o clarão de Moscow incendiada havia de illuminar depois os funeraes do imperio.

Marengo, Eylau, Essling, Wagram, e cem estações assignaladas pelos prodigios do seu genio, viram a terra gemer abalada pelo galope dos esquadrões; viram os thronos vacillar, ou alluirem-se; viram os principios nóvos germinarem grávidos do futuro nos sulcos rotos pela inundaçãõ, quando a onda vencida recolheu ao antigo leito! Abrazada em odio, ou cortada de espanto, a Europa contemplava aquella epocha de terremotos e de transfigurações, sobresaltando-se com os decretos da voz soberana, que falava pela bôcca de bronze dos canhões, e inclinando-se serva, mas fremente, na presença das aguias, que passavam e revolviã profundamente o mundo das idéas e o mundo dos factos, desde as bases e os limites das monarchias, desde o solo e a familia, até ao estado physico e social, até á organizaçãõ politica e economica. [23]

N'esta lueta de gigantes, a França e a Inglaterra, travadas

como dois atletas, combatiam sem escolher as armas. Feriam-se sempre e em toda a parte! Percebiam que o duello era mortal, e que só podia terminar pela ruina de uma d'ellas. Aboukir e Trafalgar tinham assegurado a supremacia dos mares ao leopardo britannico. A Austria impaciente, mas resignada, a Prussia rendida em Jena, a Russia desenganada em Austerlitz e Friedland proclamavam a vaidade da liga continental.

Mas Bonaparte, na maior elevação a que fôra dado subir, tocado o apogeu, não foi superior á fragilidade humana. Os deslumbramentos da grandeza trouxeram a vertigem. O abysmo chamou pelo abysmo. Esquecido de que só Deus é omnipotente quiz e ousou tudo! Gerações inteiras immoladas semearam de cadaveres o rasto de seus passos. Os povos amaldiçoavam-lhe a ambição como flagello. As coroas, voando da cabeça dos reis legitimos, arrancadas pelos furacões da guerra vinham cingir a fronte plebea dos eleitos da gloria. Retalhando o corpo exanime das nacionalidades desmembradas pela espada, edificou na areia, s na areia, suppondo fundir em bronze esses reinos e dynastias ephemeras, que um aceno tirou do nada, que os seus revezes sepultaram para sempre.

[24]

Repartindo pelos irmãos e os generaes os diademas e os estados, queria ter n'elles satrapas, e não soberanos. Murat em Napoles, Joseph em Hespanha, Luiz na Hollanda, e Jeronymo na Westphalia representaram as peripecias d'esta ultima e arriscada phase de uma grandeza, que na usurpação dos sceptros e na provocação das antipathias populares encontrou o precipicio, a queda, e a lição!

Portugal, no extremo occidente, abrigado pela distancia das revoluções, que desmoronavam tudo ao meio dia e ao norte da Europa, não se eximiu afinal de participar tambem, e com largo quinhão, das infelicidades, que a nenhum paiz poupou a sorte. A iniciativa do marquez de Pombal, interrompida pela morte do soberano, que vinte e sete annos o sustentára, apezar das conspirações da nobreza, e da adversão da familia real, acabou com o monarcha tão notavel pela firmeza. O poder do ministro eclipsou-se com o ultimo suspiro do principe, e com elle expiraram as tradições viris, e os commettimentos reformadores. Um gabinete quasi todo composto de aulicos, sujeito ao veto do confessor valido, substituiu o mando odiado do marquez; e este poude vêr ainda do seu desterro a mão dos emulos alçada contra a arvore, que plantára, arvore que apenas principiava a cobrir-se de flôres, e á qual a inveja não deixou amadurecer os fructos.

A branda e devota indole da rainha atalhou em parte os bons desejos dos homens, que se prezavam de ainda respeitarem as maximas do grande reinado. José de Seabra, Martinho de Mello, e após elles D. Rodrigo de Souza Coutinho queriam continuar no caminho encetado por Sebastião José de Carvalho; porém divididos em partidos (o francez e o inglez), offuscados pelas intrigas dos hypocritas, e detidos pelos escrupulos, que assustavam a consciencia da filha de D. José I, luctavam muitas vezes em vão com a corrente, e os seus esforços a miudo naufragaram contra os artificios dos cortezãos, e contra as declamações dos beatos, senhores de todas as avenidas do paço.

[25]

As providencias uteis, que honraram o governo de D. Maria I, derivaram-se do predominio conquistado sobre o animo da rainha, sua penitente, pelo arcebispo de Thessalonica, prelado isento de preconceitos e ornado de virtudes. Mal elle desceu ao tumulo, a visão terrivel dos patibulos, erguidos por seu pae, tornou-se uma allucinação perenne, e as trevas da demencia apagaram para sempre a razão vacillante da princeza.

D. João, seu filho, empunhou as redeas do Estado, primeiro sem titulo expresso, depois com o de regente. Amigo da tranquillidade, avêso a complicações e lances arrojados,

humano e bondoso, era todavia mais sagaz e penetrante, do que supporia quem o conhecesse mal. Em suas mãos a auctoridade soberana podia enfraquecer-se e rebaixar-se, como aconteceu, mas ferir os subditos, ou irritar os alliados, não!

Comprada a preço de grandes sacrificios, a neutralidade foi a politica preferida pela timidez do principe, e ao mesmo passo o arbitrio prudente aconselhado pelas circumstancias. Comprada a preço de grandes sacrificios, a neutralidade foi a politica preferida pela timidez do principe, e ao mesmo passo o arbitrio prudente aconselhado pelas circumstancias. A republica tinha legado ao directorio esta amizade inerte, mas facil de conservar; e Napoleão, mais altivo, ou mais exigente, olhando quasi Portugal como colonia de Grã-Bretanha, não encobria já no consulado as suas repugnancias pela dynastia de Bragança. [26]

Dictando-lhe a paz em 1801, e obrigando-a a submeter-se a condições injustas, nutriu acaso a esperança de que, não podendo executal-as, ella lhe proporcionasse um pretexto? Não hesitando em animar a cobiça e a rivalidade do gabinete de Madrid, queria costumar-o a invadir-nos as fronteiras, offerecidas como pasto áquella ambição estimulada?

Seja o que fôr, a Hespanha tendo-se valido de [nossas](#) armas no Roussillon, pagou-nos com ingratições o soccorro, separando a sua causa da nossa, unindo-se a Bonaparte para nos humilhar, e aproveitando a sombra dos estandartes francezes para se apoderar de Olivença, que nunca mais restituiu!

Na mente de Napoleão I, a idéa de precipitar do throno os Bourbons de Hespanha, como os expulsára de Napoles e da Etruria, era idéa, que lançára raizes firmes. No seu tribunal tambem a casa de Bragança era condemnada por outras culpas. Accusava-a de seguir, como satellite, o astro da Grã-Bretanha, e queixava-se de que usasse e abusasse da neutralidade em beneficio dos interesses commerciaes dos inglezes, os quaes, por meio da oppressiva utopia do bloqueio continental, cuidava expellir dos mercados da Europa, fechando-lhes todos os portos desde Lisboa até Cronstadt!

Inspirado occultamente por mr. Canning, o governo portuguez promettia excluir o pavilhão britannico de suas praias, e não duvidava affiançar uma declaração de guerra simulada; mas prender as pessoas e sequestrar as fazendas dos subditos do rei Jorge, como exigia em nome da França o seu ministro, mr. de Rayneval, era violencia, que as relações anteriores e a ruina de grossos capitaes nacionaes e estrangeiros lhe prohibiam. Recusou-a sem ostentação, mas com vigor.

Napoleão queria tudo, ou nada! Para elle Lisboa e o Porto eram como puras feitorias britannicas, e, se não lh'as entregassem, estava resolvido a mandar os seus soldados conquistal-as. Contava com a repulsa, e no meio dos mil cuidados, que o salteavam então, acabava de pôr o ultimo remate ao seu plano. O tractado secreto de Fontainebleau assignado em 27 de outubro de 1807, affiançava-lhe pela cumplicidade da Hespanha a estrada militar, de que precisava para realizar a invasão. [27]

Junot, acampado em Salamanca á testa de vinte cinco mil homens promptos á primeira voz, apenas aguardava as ultimas ordens. Duas divisões castelhanas, uma de dez, outra de seis mil soldados, deviam coadjuvar as operações do exercito francez, apoderando-se a primeira do Porto, do Minho, e de Entre Douro e Minho, assenhoreando-se a segunda da provincia do Alemtejo e do reino dos Algarves. O pacto ajustado entre [Bonaparte](#) e Carlos IV, desmembrava o reino em proveito de ambos. O Principe da Paz lucrava um estado independente de quatrocentas mil almas, composto das provincias do sul, e denominado o principado do

Algarve. A rainha viuva do duque de Parma, filha querida do monarcha hespanhol, em compensação da Etruria cedida ao gabinete de Saint-Cloud, recebia um reino de oitocentos mil habitantes, formado de duas das provincias do norte, com a cidade do Porto por capital, denominado o reino da Lusitania Septentrional!

A marcha dos francezes correu tão rapida e atropellada, quanto era viva e ardente a impaciencia do imperador!

Bonaparte ordenára, que entrassem a tempo de salvar das mãos dos inglezes a nossa esquadra e os thesouros, que ella podia transportar para a America. A familia real não o preocupava tanto. Eram alguns prisioneiros de menos a guardar! Nunca a obediencia foi tão fiel. Junot voou! Passando a raia em Alcantara, precipitou-se, como torrente, por meio do paiz, que o ciume da independencia e o amor aos principes naturaes podia tornar-lhe todo hostil. A cada passo mil perigos o advertiam da temeridade. Aqui eram serras alpestres, aonde um punhado de homens resolutos facilmente o sepultaria com seus companheiros de armas! Além eram solidões, aonde a falta de todos os recursos exaggerava as miserias com que luctava desde que saíra de Salamanca!

Os rigores do inverno tempestuoso, as estradas arrombadas e cobertas de agua, os campos inundados, a falta de viveres, e o odio dos moradores, dizimavam suas fileiras rareadas pela fadiga, pela fome, e pelas enfermidades. Tudo se conspirava para o punir e demorar a invasão; o clima, os habitantes, e o territorio que se via obrigado a atravessar!

A firmeza do general triumphou. No dia 27 de novembro suas avançadas batiam quasi ás portas de Arroios, e nas praias de Belem o principe regente dava o ultimo beijamão aos vassallos consternados!

No caes e na praça não se via senão lagrimas e confusão. Os parentes despediam-se, abraçados, como se não esperassem tornar a vêr-se. Os escalares e bergantins carregavam para bordo as mobílias dos fidalgos e as alfaias mais preciosas do paço e da patriarchal. Nas ruas apinhava-se o povo attonito. Cercada do cortejo doloroso do infortunio, a familia real era o alvo, em que se empregavam os olhos de todos.

No meio das damas, açafatas, camaristas, e criados, pallidos e suffocados, o principe D. João, sua esposa a princeza D. Carlota, seus filhos, e sua mãe a rainha D. Maria I, cujos gritos de demencia cortavam o coração, diziam o ultimo adeus á terra do seu berço!

A multidão soluçava e estendia os braços em vão, como se quizesse retel-os. Um decreto datado da vespera tinha declarado que os conselhos pusillanimes prevaleciam. Em vez de chamar o reino ás armas, imitando o valor de seus antepassados, D. João ia refugiar-se além do Atlantico, no Rio de Janeiro, deixando nomeada uma regencia á qual deferia a triste missão de abrir as portas da capital ás tropas inimigas.

Demorada no Tejo pelos temporaes, a esquadra portugueza só largou as velas no dia 29. Nessa mesma noite arrastavam-se desfallecidos pelos arrabaldes de Lisboa os invasores, cuja sombra sossobrára o peito de um descendente de D. João I! Quasi nús, descalços, esmorecidos, recrutas imberbes com as espingardas cobertas de ferrugem, inuteis, ou partidas, os soldados do corpo de occupação infundiam mais dó e piedade, do que temor e respeito no [animo](#) dos que os viam desfilar. Escudava-os, porém, o nome de Napoleão com o seu prestigio. A hora dos desenganos ainda não tinha batido.

Junot entrou no dia 30, hospedou-se no palacio do barão de Quintella, e poz algumas auctoridades suas. No dia 13 de dezembro, depois de uma parada no Rocio, a bandeira

tricolor foi arvorada nas ameias do castello. Começava o primeiro acto do attribulado drama, cujo desenlace encerrou a capitulação de Paris, e a abdicação de Fontainebleau! As tropas hespanholas acompanhavam os movimentos dos alliados. O general Taranco apoderou-se do Porto; o marquez del Socorro, senhor do Alemtejo, adeantou-se até Setubal. As forças dos invasores cercaram-nos por todas as partes. [30]

Às saudades cada vez mais vivas da dynastia desterrada, aos resentimentos provocados pelo jugo estranho, que, arrogando-se fóros de conquista em plena paz, cada dia era mais detestado, uniam-se os aggravos e violencias inseparaveis de uma occupação, que só podia sustentar-se pelo rigor.

Amanheceu finalmente o dia 13 de fevereiro de 1808, o qual, rasgando o véu de todo, revelou sem disfarce os designios de Bonaparte. Rodeado de soldados e canhões, ao som das salvas das fortalezas de mar e terra, Junot proclamou sem hesitar a usurpação insolente de todos os direitos da soberania. A casa de Bragança, disse elle no seu edital, acabou de reinar. O imperador dos francezes será de ora em diante o protector e o arbitro dos destinos da monarchia! Para consolar os portuguezes da perda da independencia, o duque de Abrantes prometteu-lhes mil beneficios, e assegurou-lhes que um dia até o Algarve e a Beira Alta haviam de ter o seu Camões!

Os habitantes preferiam a epopea viva á epopea escrita, e poucos mezes depois com a espada em punho recordavam as proezas de seus avós, repellindo os estrangeiros.

As armas nacionaes picadas e substituidas pela aguia corsa, a contribuição forçada, decretada em 7 de dezembro de 1807, e repartida pelos moradores abastados de Lisboa, que nem o pretexto da resistencia tinham offerecido á cubiça, irritando os animos excitaram tumultos na capital e rixas em varias terras.

Correu sangue de parte a parte. Nas provincias os roubos impunes, os desacatos da soldadesca nas egrejas, e as tropelias de tropas licenciosas e pouco disciplinadas, ainda cansavam mais a paciencia publica.

A sorte da capital e do Porto não era menos infeliz. Lagarde, detestado pela sua tyrannia na Italia, e Perrot assaz inventivo em oppressões, cobriam de uma rede de delatores os pontos, onde suppunham que podiam abrigar-se os seus adversarios, faziam leilão publico da clemencia, e abriam, ou cerravam as portas das prisões com chaves de ouro. Tinham [pressa](#) de enriquecer! [31]

Adivinhariam que o seu governo não havia de durar muito? Os factos provaram mais esta vez ainda os perigos de tão errado systema. Filho da violencia, apenas o desamparou a força que era o seu unico apoio, despenhou-se nos abysmos, que elle proprio afundára.

IV

O bem soa, o mal voa

De ordinario voltam-se contra os poderes odiados os proprios meios empregados para algemar os povos. As visitas domiciliarias, as buscas, as denuncias, as multas, os encarceramentos, todos os instrumentos de tortura moral, em fim, excogitados pelo genio assolador de Lagarde,

produziam efeitos contrarios aos que elle esperava colher, ulcerando o orgulho nacional, enfurecendo as populações, e predispondo-as para vingarem no primeiro ensejo todas as offensas de uma vez.

Em Mafra, aonde um conflicto casual custára a vida, ou o sangue a alguns soldados de Junot, a crueldade da repressão, confiada ao general Loison, acabou de exasperar os animos. O desditoso Jacintho Correia expiou com o supplicio a culpa, quasi geral, da aversão aos invasores.

Estes rigores, longe de as firmarem, tornaram mais frageis as bases da dominação estrangeira, que a todos os instante via desabar o edificio vacillante do seu poder. As devassas e monterias ordenadas contra as pessoas implicadas n'esta guerra surda, mas implacavel, ameaçando alguns innocentes, apenas réos do horroroso delicto de aborrecerem a usurpação, recrutou em favor da reacção patriotica numerosas e decididas adhesões.

[33]

Paulo de Azevedo Carvalho, que no «Moinho da Raposa» ouvimos citar como uma das victimas da intendencia geral da policia, salvo quasi por milagre, graças á rapidez da fuga, das garras dos emissarios de Lagarde, vagueára de asylo em asylo, acossado de perto, mas sempre protegido, desde Torres Novas até Santarem pela generosa cumplicidade, que lhe patenteava todas as portas, do palacio até á choupana, apagando logo depois com discreto silencio o menor vestigio de seus passos.

Uma imprudencia ajudou os que o perseguiram. Sua filha partiu de Torres Vedras para ir encontrar-se com elle, e os olhos de argos da policia seguiram-a na jornada até ao humilde casal, escondido nas mattas da Aramanha, onde a esperava Paulo de Azevedo, e onde lhe abria os braços a hospitalidade rude, mas sincera, do honrado fazendeiro Antonio Simões.

Disfarçados em mendigos ou em jornaleiros, os agentes de Lagarde depressa descobriram o foragido no seio da casa rustica, em que se abrigava. Assaltaram-a de noite com um cordão de milicias ás ordens de Estevan Cabrinha sargento no regimento de Rio Maior, e capaz de vender o sangue de mãe e irmãos, uma vez que o preço correspondesse. Falharam, porém, todas as precauções. Cabrinha errou o salto. Avisados a tempo o pae e a filha evadiram-se na vespera, e o sargento só colheu da [ruidosa](#) diligencia as maldições de Antonio Simões, maldições e despresos, que estava [costumado](#) a engulir, como ossos do officio, mas que registrava cuidadosamente para as descontar aos devedores na hora opportuna.

D'esta vez a divida não esperou muito. Uma busca de contrabando sobre denuncia falsa proporcionou-lhe o desejado pretexto. Antonio Simões da Aramanha deu-lhe o gosto de entrar dias depois sob seus auspicios na cadeia de Santarem, quasi arrependido da soltura de lingua, com que tinha lançado em rosto ao perseguidor as lagrimas e a ruina das familias, e os crimes contra a patria. O fazendeiro, todavia, não gemeu nos ferros de el-rei, como se dizia então, sem jurar pelas costellas ao malsim. Deante de testemunhas protestou moel-o com o cajado de zambujeiro, especie de clava, que achatava um homem como uma bolacha, e vozes chocalheiras avisaram o sargento da promessa caridosa. Cabrinha enfiou. O intendente geral da policia Lagarde servia-se do mastim e açulava-o contra o Ribatejo, não regateando ao mercenario venal as recompensas; mas era duvidoso que podesse eximir-lhe o corpo do premio, affiançado pela gratidão de muitas victimas.

[34]

Em quanto Paulo de Azevedo respirasse livre, o amor proprio e a bolsa de Cabrinha padeciam, e não era elle homem que dormisse, quando o interesse o chamava com voz activa. Suppondo o cavalleiro de Mafra ainda proximo, deixou-o socegar por dias, e valendo-se da ardileza de um

subalterno sagaz, digno assessor de suas virtuosas empresas, o coxo Gaspar Preto, conhecido pela expressiva alcunha do *Sapo*, mandou-o bater os arredores, na idéa de que a vista de linco do agente, com mais facilidade desencantaria, ainda quente, o ninho aonde se refugiava a presa.

Não se enganou. O *Sapo*, cujos brios avivára a esperança de rasoaveis lucros, entrou sem demora em campanha, e tres dias depois trouxe-lhe a agradável nova de que o cavalheiro e sua filha se cobriam com o tecto modesto de uma casa, pouco mais do que choupana, solitaria, e situada nas abas da risonha povoação do Casal do Ouro no meio das vinhas e olivedos, que o vestem de verdura. [35]

O sargento não perdeu tempo. Apenou seis milicianos fieis ao copo e ao cangirão, e, acompanhado por elles, prendeu de tarde e á traição a Paulo de Azevedo e a Leonor. Temendo, porém, que o povo se alvoroçasse, apesar das ameaças da trovoadá metteu-se a caminho, não sem olhar a miúdo para traz, receioso, sobre tudo na charneca, de que a bala perdida de uma espingarda lhe testemunhasse o reconhecimento grangeado por seus longos e valiosos serviços!

O homem põe, e Deus dispõe! A fortuna que o protegêra, detendo Manuel Coutinho no Cartaxo, sem o que teria encontrado o seu amigo e a sua noiva presos, (lance de certo fatal ao sargento), mostrou-se logo contraria a Cabrinha, não demorando uma hora, ou duas mais, também, o temporal, o qual, perto da Ponte da Asseca rebentou com violencia tal, que o constrangeu, á falta de melhor, e não sem grandes arrepios de medo seus, e dos soldados, a descançar aquella noite no palacio arruinado, temido na vizinhança pelo significativo nome de *Casa Negra*, ou de *Casa Maldita*.

O *Sapo*, entretanto, não ficára ocioso.

Sabendo que Antonio Simões da Aramanha fôra solto da cadeia de Santarem por ordem do juiz de fóra, e que n'essa mesma tarde vinha dormir ao Casal do Ouro, doeram-lhe de repente todos os ossos, como se o cajado monumental lh'os triturasse, semelhante a mangual na eira, e assentou livrar-se a si e ao sargento da promettida sova, interceptando na estrada o robusto fazendeiro com uma bala.

Esperou-o, pois, atráz de um vallado, em azinhaga escura e estreita, ao anoitecer. Escutando o ruido de passadas cheias renovou a escorva, engatilhou a espingarda, metteu-a á cara, e com a tranquillidade, com que poderia desfechar sobre uma lebre, disparou por entre as ramas sobre um vulto, que vinha dobrando a quina do caminho, e que soltando um grito agudo baqueou por terra. [36]

—Deus seja com a sua alma! exclamou o assassino, saltando o vallado, e contemplando prostrado, e com o rosto banhado em sangue o corpo da victima, que todavia conheceu pela estatura e pelo traje ser Antonio Simões da Aramanha.

—Está com Christo! ajuntou depois de olhar para elle instantes. Este já não morde. Falta o Antonio da Cruz!... Também lhe ha de chegar a sua vez!

Feito este responso, torcendo a perna, e apressando os saltos, em que despejava mais caminho do que os sãoos, o coxo passou por entre as silvas, e atravessando pelas vinhas e hortas, veiu sair muito distante do logar do crime, ao alto do valle.

Soou a noticia do tiro dado em Antonio Simões. As mulheres, que se recolhiam do trabalho do campo, encontraram o corpo ensanguentado na azinhaga, e correndo e clamando, tocaram a rebate com a historia do homicidio por todas as portas. Juntou-se gente, accudiram alguns amigos, que o morto contava na terra, e em procissão encaminharam-se ao sitio aonde o desgraçado fazendeiro devia jazer, que era

aonde a azinhaga cortava entre a Ponte de Asseca e a Casa Negra.

Caso inaudito, e que fez erriçar de espanto as grenhas hirsutas dos aldeões, por baixo dos barretes de lã e dos chapéus desabados! Nem rasto da victima! Sómente duas poças de sangue, e a cama feita pelo cadaver na terra molhada denunciavam a verdade das camponezas e a existencia do delicto! [37]

Quem roubára aquelle corpo á sepultura christã? Quem fôra o assassino? A estas duas perguntas respondia a superstição, que só poderia ter sido o inimigo do genero humano, porque a azinhaga não se via trilhada senão dos pés curtos e deseguaes de um homem, que, fugindo, deixára assignalada no vallado a feição dos joelhos. Aonde acabavam as passadas fortes e largas dos sapatos de Antonio Simões não havia indicio de mais nenhumas.

A chuva caíndo em torrentes, os relampagos allumiando as trevas de clarões repentinos, e os trovões estalando uns após outros, depressa dispersaram os curiosos, que a luz de dois archotes, saccudidos e apagados pelo vento, não confortava muito contra os terrores do inferno, sobre tudo em tão medonha noite.

Benzendo-se, e acotovellando-se uns aos outros, recolhiam-se transidos, ensopados, e cheios de apprehensões, quando alguns mais audazes, que tinham ousado arriscar a vista na direcção do palacio arruinado notaram, que duas das janellas, sempre cerradas, deixavam transparecer por entre as taboas mal juntas uma claridade livida, brilhante na escuridão como os olhos de um demonio!

Esta ultima prova do poder sobrenatural do tentador foi tão decisiva que, trocando o passo ligeiro pela mais despedida carreira, os bons dos aldeãos, persuadidos de que Satanaz reunia na Casa Negra a sua côrte plenaria, não pararam senão á porta da igreja parochial, chamando pelo prior em altas vozes.

D'onde vinha ao palacio arruinado a má reputação, que afugentava de sua visinhança os moradores dos logares proximos? Que trasgo, ou que duende vexava com suas maleficas travessuras a casa ennegrecida pelo tempo, e rodeada de eterna solidão? [38]

Construida nos principios do seculo XVII, o gosto depravado do architecto traduzia-se nos dois pavilhões lateraes, que acompanhavam o corpo do edificio, esmagados pelos tectos, e massiços como duas cidadellas, carregadas de tristeza. Revestidos de pesadas cantarias, com as janellas estreitas e de volta baixa, e as portas abafadas de labores e ornamentos desgraciosos, o ar e a luz só a medo podiam circular pelas immensas salas e pelos extensos e escuros corredores, em que se repartia.

Solar desamparado, por mais de um seculo via-se as ervas crescerem nos pateos e eirados, as eras enrolarem-se pelos muros gretados, e os telhados verdejarem cobertos de plantas parasitas. Os anciãos mais antigos na terra, não se lembravam de nunca terem visto o dono d'aquella casa condemnada, e todos os annos os invernos, succedendo-se, e penetrando pelas brechas não reparadas, accumulavam ruinas sobre ruinas, estragos sobre estragos.

As lendas populares explicavam o destino singular d'aquelle palacio, o qual de certo vira dias mais ditosos, quando as malvas e ortigas não afogavam os canteiros de seus jardins, quando os entulhos não cegavam os canos á fresca lymphá, que jorrava em tórnos de agua crystallina para os largos tanques de marmore, quando, finalmente, as colgaduras de couro e os pannos de raz não pendiam em farrapos das paredes fendidas e esverdeadas, e as manchas de humidade não desfiguravam os relevos e molduras dos tectos.

Que horroroso crime expiava o palacio deserto, cujos vigamentos pôdres estalavam com o peso de telhados arrombados, cujos moveis ruidos de caruncho se desfaziam no pó da velhice e do abandono?

Contava a tradição que dois irmãos rivaes haviam disputado a mão de uma formosa dama, causa innocente do seu infortunio, e que o menos ditoso na porfia, como Iago, convertêra em desespero a felicidade do competidor, envenenando-lhe de suspeitas os amores. Não valeram prantos e supplicas contra as allucinações do ciume! O sangue da esposa e o sangue do filho innocente, doce fructo do seu enlace, vertido em um momento de delirio, vingou os zelos do marido, que suppunha lavar com elle a nodoa do nome e do brazão. Horas depois, mas sem remedio, descobriu-se a perfidia, e o desgraçado caiu em si do delirio, e viu-se tornado o verdugo de si mesmo e dos que mais estremecêra no mundo. O que passou n'aquella noite entre os dois irmãos é segredo, que dorme com ambos na eternidade. Sómente ao romper da aurora mais um cadaver descia ao jazigo da capella, e o infeliz, sobrevivendo á morte de todos os affectos, e algoz de todos elles, na idade de vinte e cinco annos, quando partiu para não voltar, mettia horror á vista. Os cabellos e o rosto eram já os de um velho. Bastaram poucas horas de remorso e de agonia para lhe consumirem a vida e a mocidade. [39]

O lucto do senhor cubriu a casa, theatro de tantos crimes. Deshabitada, fugiam d'ella donos e creados como de um logar maldito. Sempre êrma, e sempre muda, só os echos accordavam n'ella com o anniversario do terrivel drama. O velho guarda, ao qual primeiro foram confiadas as chaves, despertando sobresaltado por horas mortas, subiu ao andar nobre, e caiu sem sentidos, paralyzado pela visão terrivel, que se lhe representou alli.

Viu uma fôrma branca e suave, com os cabellos esparzidos sobre o collo, atravessar, chorando, as salas. Apertava ao peito uma creança adormecida, e seguia-a outro espectro ameaçador com o punhal erguido. Atraz, uma figura contemplava aquella scena rindo com satanica alegria. Os lustres accesos por si mesmos entornavam torrentes de luz livida sobre os aposentos. Os gemidos e soluços das victimas, o tinir dos ferros, as risadas e as imprecações retratavam ao vivo o tremendo espectaculo, em que o parricidio e o fratricidio tinham desempenhado os principaes papeis. O velho enlouqueceu de terror. [40]

Desde então ninguem mais quiz tomar conta do palacio. Os morgados deixaram-o cair em ruinas a pouco e pouco, e quando os francezes sequestraram por ausente os bens do fidalgo, aquellas paredes infamadas não acharam comprador. O fisco não quiz para si senão a posse das terras, e arrendou-as. Parece, todavia, que a invasão dos estrangeiros excitára a cólera das potencias sobrenaturaes, porque nunca se tinham mostrado tão malfazejas e ruidosas. Um allemão excentrico, apostando hospedar-se alli uma noite inteira, foi achado ao amanhecer sem fala, nem movimento, e seis mezes depois ainda tremia quando lhe lembravam a aventura da Casa Negra.

Era, pois, desculpavel o susto dos aldeões. Vendo a luz coar-se através d'aquellas janellas sempre escuras, e não achando o corpo de Antonio Simões no sitio aonde fôra assassinado, tudo attribuiram aos maleficios, e escudando-se com o amparo da egreja, invocaram a protecção do parochio, persuadidos de que as iras divinas, provocadas pelas abominações dos jacobinos, haviam quebrado a lousa das sepulturas, soltando os espiritos das trevas para flagello e confusão dos inimigos de Deus e de el-rei.

Entretanto, cousa notavel(!) n'esta assembléa dos homens bons do logar, como diria um foral de nossos avoengos, faltava o João da Ventosa, o orador popular por excellencia, [41]

o Hortencio, o Eschino laureado d'aquellas visinhanças! O que o detinha? Pouco timorato por indole, e até para a epocha e para a educação assaz limpo de abusões, trazia de renda as terras da Casa Negra, pegadas com uma horta sua; mas se algum lhe tocava na ruim visinhança do palacio, prendia-se-lhe de repente a voz, e uma visagem avinagrada torcia-lhe o semblante. Era mais orthodoxo n'este ponto, do que o cura. Os contos de visões e de almas penadas, que repetia, não concorriam pouco para entreter o pavor dos companheiros de copo e de touradas, os quaes se espantavam, de que elle tivesse animo para metter o arado e a enchada em terras, que mais deviam reputar-se vinculadas ao demonio, do que administradas pelo bondoso morgado, que as disfructára.

Mas como as terras eram excellentes e criavam bem, e como, não sendo affrontado por competidores, elle as trazia quasi pelo que queria dar por ellas, o João da Ventosa continuava a amanhá-las, e a servir-se das officinas do palacio, e até de algumas casas do andar terreo. Peccado de avareza que as almas pias e tementes a Deus prognosticavam, que lhe seria funesto um dia, arriscando-se a que o demonio, enfadado com o atrevimento, levasse pelos ares n'um furacão os bois, as charruas, o lavrador, os carros, e os telhados!

Nunca lhe viam o trigo e o milho na eira, que não rosnassem por entre dentes: «Queira Deus que o meu compadre uma vez se não arrependa. De parceria com o demo nunca ninguém medrou!» O João, como bom christão, ouvia-os, suspirando, queixava-se da carestia dos tempos, que obrigava o pobre a fazer pão até das pedras, e ia attestando de saccos o celleiro, dizendo sempre que muitas noites não podia pregar olho com o alarido infernal, que ía lá por cima.

[42]

Dadas estas informações essenciaes, que o leitor benevolo desculpará, tornemos á nossa historia, e acompanhemos as diversas pessoas, que estão em scena, esperando por nós, tanto no Moinho da Raposa, como na Casa Maldita.

Quanto aos honrados aldeões, apinhados defronte da porta do reverendo prior, não nos dê cuidado a sua inquietação. O parocho, consolando-os com duas maximas em mau latim de orelha, prometeu-lhes exorcismar, mesmo de longe o espirito maligno, e recommendou-lhes que se recolhessem e abafassem depressa, porque a noite estava medonha, e o anno corria infamado de pleurizes e catharraes. Dito isto lançou-lhes a benção da janella, e foi sentar-se á mesa para não deixar esfriar a ceia. As ovelhas imitaram o pastor, e meia hora depois, acalmado o alvoroço, reinava na aldeia o mais profundo socego, apenas interrompido pelos latidos de algum cão impertinente, e pelas rajadas da chuva e do vento, com que a tempestade açoutava as copas das arvores, e fustigava os telhados das casas.

V

Não ha atalho sem trabalho

Transportemo-nos sem demora ao andar baixo da Casa Negra.

As duas portas da fachada estão fechadas, mas um estreito postigo, que abre para o pateo, apenas se acha cerrado. Entremos por elle, e, seguindo o som das vozes, continuemos, apalpando no escuro as paredes, que se esfrelam de humidade pelo comprido corredor.

É uma especie de dormitorio ladrilhado com portas á direita e á esquerda, provavelmente accommodações dos creados do palacio, quando fôra habitado. As taboas do tecto, podres e despregadas, ameaçam cahir sobre a cabeça, e aqui e acolá montes de caliça dos muros esboroados promettem um desabamento proximo. No topo uma porta derreia-se pendente a meio cutelo do ultimo leme enferrujado.

Atravessemos depressa! Estamos em uma casa de abobada, fria e surda, com duas frestas engradadas. Subamos aquelles tres degraus, e guiamo-nos pela claridade baça, e pelo alarido que da extremidade de outro corredor nos estão avisando de que na estancia immediata conversam, ou disputam muitos homens.

[44]

No fim do corredor apercebem-se os vãos de duas escadas interiores, cujas vigas e degraus carcomidos tremem de velhice. Uma fenda larga racha ao meio a grossa parede, que as divide. Duas portas com travessas cerram a entrada das escadas, lançadas dos lados em ramos divergentes para o andar de cima.

Empurremos agora as taboas mal juntas de outra porta, que nos veda a vista, e adeantemo-nos. O espectáculo que vamos presenciar vale a fadiga a que nos sujeitámos.

É a cozinha, terrea e toda de abobada, com fomalhas ao fundo e chaminés enormes. Uma immensa pia de pedra á direita, e uma mesa tambem de pedra á esquerda, compunham a mobilia primitiva. Na lareira ardem e estalam grossos troncos de arvores, cortadas em verdes, e á roda da chamma afogueada e crepitante, sentam-se os novos hospedes do palacio. Pelas tres janellas lateraes sem vidraças sopra o temporal ás rajadas, e a chuva salpica dentro fustigada pelo vento; dos canos das chaminés, meio alluidas, escorre a agua, e geme o vendaval, afogando os silvos em sussurros prolongados. O clarão dos relampagos, golfando quasi sem interrupção, allumia de phantasticos e subitos clarões as paredes e o chão lageado da enfumnada, sombria, e vasta quadra.

No recanto, formado pelo angulo da chaminé, e pelo angulo de um grande armario embocetado, esconde-se, quasi suspensa, uma escada de caracol, toda de pedra, ainda menos mal conservada. Defronte da porta da sahida dois arcos de volta mui baixa, parecidos a bôccas de furna, communicam para a [cave](#) e para a arrecadação, ambas subterraneas e extensas.

Uma especie de lampião, em que são mais as folhas de papel azeitado, do que os vidros, balouça-se pendente de cadeia de ferro presa no tecto.

[45]

Uma tosca mesa de quatro pés, coberta de toalha, cuja alvura desapareceu debaixo da ramagem caprichosa das nodoas de vinho e de gordura, levanta-se no meio da casa. Pratos e garfos, um tacho colossal de migas com a classica colher de pau enterrada na appetitosa assorda; dois cangirões de vinho, e canecos monstruosos, uma cesta de laranjas ao pé de uma frigideira de queijos brancos, ladeiam a peça capital do brodio campesino, um cabrito acerejado, rodeado de batatas, e credor de tentar a gula do mais austero cenobita.

Finalmente, sobre a mesa de pedra, coberto com um capote de cabeções, do talho pouco airoso dos chamados Josésinhos, com um tronco por travesseiro, e um panno ensanguentado sobre a cara, jaz um vulto, que a immobilidade rigida dos membros, e duas vellas uma aos pés, outra á cabeceira, dizem claramente ser um cadaver.

De vez em quando os olhos dos que velam bem contra vontade o seu ultimo somno, voltam-se para elle, e afastam-se rapidamente, como se temessem, que a trombeta final, soando mais cêdo, o despertasse. O sargento Cabrinha e o

seu honrado confidente Gaspar Preto, o *Sapo*, as pessoas conspicuas da assembléa nocturna, em que a nossa indiscreção introduz o leitor, são as que olham mais a miudo, e de cada vez que fitam vista n'aquelle corpo inerte, um calafrio arrepiá-lhes a espinha dorsal, e um suor de mau agouro, apezar da temperatura, borbulha na testa de ambas. Dariam tudo por se verem a cem leguas da companhia d'aquelle morto, cujo sangue o seu remorso, como que está avivando mais em manchas vermelhas sobre o sudario, que lhes esconde o rosto. [46]

Os principaes auctores concordam com o logar e com os accessorios.

Comecêmos pelo chefe, como é razão.

A physionomia de Estevam Cabrinha não desmente a reputação. Conta pelo menos sessenta annos, mas póde melhor com elles, do que outros, menos robustos, poderiam com quarenta. A testa esguia e deprimída lembra a fronte felina, e a mobilidade de duas profundas rugas, cavadas logo por cima dos sobrolhos, ainda torna mais sensível a similhaça. Faces encovadas, beiços sorvidos, barba revirada, e por cima da pelle uma côr assanhada de amora mansa, não lhe permitem suppor-se por certo nenhum Cupido, nem seccar-se, como Narciso, de paixão pela belleza propria.

O nariz, adunco, em fórma de bico de papagaio, caía como apagador, ornado de botões vinosos, sobre a bôcca. Os olhos, cujo raio visual se torcia com sinistra expressão, tinham aquelle tom baço e frio de pupillas, que revela quasi sempre as almas traçoeiras. Curto de pescoço, largo de hombros, e prendado com uma corcova assás volumosa, imita nos movimentos lentos o pesado garbo do urso dos Alpes.

O ventre proeminente, e as pernas delgadas provam, que pouco tinha que agradecer á providencia as graças do busto. Os cabellos hirsutos, empastados na testa, alargam-se como duas orelhas derrubadas sobre as fontes, e terminam por um rabicho esplendido de meio covado de comprido, dançando enfeitado de seu laço de fita preta sobre a farda, polvilhando-a de pós, e ensebando-a de banha.

Um bigode, quasi todo branco, espetado nas guias, como as sedas de um chicote, e o resto da cara rapado e escanhado cuidadosamente, afinam perfeitamente o typo singular e repugnante d'este personagem funesto, que as desgraças civis fizeram sobrenadar com as escumas sociaes, mas que as galés cêdo, ou tarde, hão de recolher, como filho prodigo, se as iras populares se lhes não anteciparem. [47]

Trajava a farda de milicias, de panno azul ferrete, botões e vivos brancos, abas de tesoura, e gola de espeque. Os calções de uniforme e as polainas atraçoavam-lhe a magreza das pernas. A espada de bainha preta e copos de roca descansava fóra do boldrié a seu lado, e a alabarda, insignia do posto, via-se encostada da outra parte.

O *Sapo* merecia a alcunha. Teria trinta annos. Era todo branco-papel, cara e cabellos, como se um moleiro o tivesse amortalhado em um sacco de farinha, mas d'aquelle branco livido e sepulcral, que nos enoja e repugna, quando contemplâmos qualquer reptil asqueroso. Uma queda em pequeno tinha-lhe deixado em memoria a deslocação da perna esquerda, que, torcida quasi em rosca de parafuso, o obrigava a andar aos saltos como a rã, ou a agachar-se, como o animal immundo, cujo nome o baptismo dos visinhos substituiria ao seu.

Quasi sem nariz e beiços, vesgo, e da altura de um rapaz de nove annos, não mostrava no rosto ponta de barba, e quando se ria escarnava as gengivas e os dentes, de modo, que as mulheres lhe chamavam por escarneo o bôcca de tubarão.

Agil e matreiro, como a raposa, a sua actividade era incansavel, a sua consciencia larga como o peccado, o seu coração duro como um penhasco. Caçador dos mais destros, andarilho infatigavel apezar das pernas, curioso e falador como um cento de comadres, ouvia, sabia, e aproveitava tudo.

Accusavam-o de não perdoar aos outros a fealdade propria, e de se felicitar com os alheios males. Auctor de alguns furtos industriosos, espião e delator por officio, assassino por vocação, Gaspar Preto, como o imperador romano, desejaria ao genero humano uma só cabeça para lh'a decepar de golpe. Vestia calções curtos atacados sobre as meias de lã, botas de couro branco e salto de prateleira, collete e vestia de belbutina com botões ôccos de metal amarello, e cinta escarlata muito apertada ao corpo. [48]

A espingarda, sua fiel companheira, estava sempre á mão, e a tiracolo encruzavam-se-lhe sobre o peito as correias do polvorinho e do chumbeiro. A navalha de ponta e de cabo de osso, que trazia na cintura, era afamada em toda a comarca pela habilidade, com que a jogava, ou com que sabia atiral-a de arremesso aonde punha o alvo.

Os cinco homens da milicia e da ordenança, que acompanharam o sargento na diligencia ao Casal do Ouro, não merecem menção especial. Aldeãos corpulentos cabeceavam de somno ao calor do lume, e bocejavam de fome ao tinir dos pratos, que um creado do João da Ventosa principiava a pôr em cima da mesa. O João, sim, esse é que destaca de todo o grupo pela figura, pelos gestos, e pelo aspecto na realidade digno de exame. Será homem de quarenta e cinco annos, mas não inculca mais de trinta e oito. Bem posto e proporcionado de membros, mais esbelto, do que robusto, á primeira vista, mais engraçado, do que forçoso na apparencia. A cara redonda e os beiços grossos e sensuaes, o olhar fino e malicioso, e a bôcca cheia de riso, na sua mocidade tinham feito d'elle o enlevo e o adonis das bellas e namoradas raparigas d'aquelles contornos; porém debaixo d'estas fórmas quasi delicadas escondia elle vigor pouco vulgar, assim como o sorriso meio travesso, que lhe bailava nos labios, disfarçava uma firmeza e penetração mui pouco usuaes. [49]

Sabia ler, escrever, e contar como um mestre—eschola. Se tivesse nascido trinta annos depois, n'estes felizes tempos, era de certo juiz eleito, regedor, vereador, e quem sabe (!) talvez mesmo deputado! Outros muito peiores deu já á luz a urna rural. São os que, cerzindo umas abas de paletó á jaqueta hereditaria, mascarram de interpellações boçaes e de apoiados taurinos e beocios o extracto das sessões, acotovellando-se nos aditos da tribuna.

O nosso amigo contentava-se, porém, com os seus trinta a quarenta moios de colheita, com as vinte pipas de azeite, que expremia nos seus lagares, com os toneis attestados de vinho puro e genuino, honra e orgulho da sua adega, e com a vara de juiz de vintena, magistratura exercida a contento de clero, nobreza e povo.

O João da Ventosa, ou João Bonito, como lhe chamavam as mulheres da sua idade, gosava além d'isso da fama de rico, pastava bons rebanhos na charneca, fazia dinheiro de tudo, e abotoava-se com um bom par de louras. Solteiro e jovial vivia só em companhia de um sobrinho de quatorze annos, e de dois creados.

Ao pôr da tarde, vendo a trovoada armada, tinha ido de passeio rondar as hortas e o olival, tinha deitado depois até ás abegoarias, e na volta de uma das arribanas, por encurtar caminho, viera descair á azinhaga, aonde a espingarda do *Sapo* acabára de deitar por terra Antonio Simões da Aramanha.

O estrondo do tiro, a hora e o grito do ferido obrigaram-n'o a

apertar o passo. Assim mesmo chegou tarde. O assassino já tinha saltado o vallado, e o corpo do fazendeiro jazia prostrado. Era quasi noite, choviscava rijo, e o ribombo dos trovões amiudava. Inclinou-se para o morto, conheceu n'elle um amigo de vinte annos, exhalou um suspiro, rosnou uma praga contra o homicida, e, depois de alguns momentos de hesitação, levantou-o nos braços, como se o peso não o devesse ajoujar, e deitando-lhe a cabeça sobre o hombro, sem vergar, encaminhou-se com elle para casa. Á porta chamou o maioral e o abegão, e todos tres transportaram o cadaver para a cozinha.

[50]

Duas horas depois batia á porta o sargento Cabrinha com os seus milicianos, e da parte da justiça pedia agasalho por aquella noite para elles e para os presos. O João da Ventosa, ao que parece, estava occupado, porque os deixou repetir o recado terceira e quarta vez.

Por fim veio abrir em pessoa, e desculpando-se com o mau tempo, metteu o sargento na cozinha com os acolytos, e guiou Paulo de Azevedo ao andar nobre, a um aposento mais bem reparado, aonde um leito antigo de balaustres enroscados e baldaquino de seda carmezim, cama quasi regia, parecia esperar por elle. O quarto de D. Leonor era ao lado, e communicava por uma entrada baixa com o de seu pae. Cabrinha assistiu ao aquartelamento dos presos, visitou o corredor e a escada, que era a que dava para a cozinha, sondou a parede de duas portas entaipadas de fresco, que abriam d'antes para o corpo do palacio, e não socego senão depois de ter fechado o cavalheiro de Mafra e sua filha a duas voltas de chave nas duas camaras, que um official amigo do rendeiro havia separado do resto da casa, enchendo de pedra e cal o vão das portas.

—A menos de não lhes nascerem azas de repente, murmurava o sargento, para voarem, ou de passarem como espiritos através dos muros, os dois estão seguros. A evasão pelas janellas, vista a altura, equivale a um suicidio; e pela porta, mesmo que a arrombem, como não ha senão uma escada e uma saída, e ambas vão dar á cozinha, aonde conto acampar, qualquer tentativa serviria só de os tornar a metter nas goelas do lobo!

[51]

Tomadas todas as cautellas, que a prudencia aconselha, Estevam Cabrinha desceu com o seu hospede, e principiou a apalpal-o, ácerca da generosidade, que lhe suppunha de não consentir que elle e os seus jejuassem só com o leve almoço, esmoido no largo passeio do Casal do Ouro á Ponte da Asseca. João da Ventosa respondeu ás gargalhadas, que de sua casa nunca saiam barrigas famintas, e gritando pelos creados, mandou trazer luz e accender o lume.

N'este momento entrou o *Sapo*.

Rondando as visinhanças o virtuoso assessor do sargento achou a porta meio cerrada, ouviu de fóra a voz aspera e roufenha do amo, e sem mais cerimonia inseriu-se no texto, enfiou o corredor, e veio farejar a ceia e a pousada.

A manta, em que se enrolava, escorria como se fôra tirada de um tanque, e as botas atascadas de barro denunciavam a larga excursão de que se recolhia. Approximando-se de Cabrinha, tocou-lhe no hombro, e disse-lhe ao ouvido duas palavras. O digno mandarim recuou sobresaltado, e não poudo conter uma exclamação em alta voz, exclamação de susto e de alegria ao mesmo tempo, que não escapou á curiosa attenção, com que o João da Ventosa espreitava e escutava com todos os sentidos vigilantes o dialogo confidencial dos dois personagens, cujas proezas conhecia de longa data.

As suspeitas, que desde o principio o tinham assaltado ácerca dos verdadeiros auctores do homicidio da azinhaga, confirmaram-se.

Estevam Cabrinha era muito capaz de encommendar a morte do fazendeiro, e Gaspar Preto muito obediente servo, em se tractando de um crime, para elle os não accusar secretamente do delicto, e não vêr as mãos de ambos tintas no sangue do seu amigo. Sabia a historia da prisão de Antonio Simões, não ignorava a promessa indiscreta que elle fizera, de varejar as costellas do sargento e do *Sapo*, e o mau conceito que formava d'elles, auctorizava-o a crer que o tiro e a espera haviam partido de um plano concertado com a deliberação e perversidade, que tanto caracterizavam o coxo, e o seu Mecenas. [52]

Mas se o sargento era jubilado em velhacaria, e se o seu fiel Achates tinha estanhadas a alma e as faces, João da Ventosa lisongeava-se de os codilhar a ambos em esperteza, e armára uma rede, em que haviam de cair por força. Calou-se, pois, e esperou.

D'ahi a pouco o moço dos bois appareceu com o velho e cansado lampião, cuja luz mortiça só começou a avivar-se depois de pendurado. Logo atraz outro creado atirava ao chão com um grande feixe de matto secco, e arrastando para a lareira dois cepos de oliveira, petiscava lume com o fuzil, e incendiando tudo ateava uma labareda, cujos clarões, lambendo as paredes da vasta chaminé, derramaram por toda a casa viva e repentina claridade. De subito o sargento, que se achava com o *Sapo* junto da mesa de pedra, olhou, viu o corpo, e por um gesto machinal e irresistivel estendeu a mão, e levantou o panno que lhe cobria o rosto. A vista encandeou-se-lhe, os cabellos erriçaram-se-lhe, e um grito de espanto truncou-se-lhe suffocado na garganta. As côres rubicundas amorteceram-se, e, se não se ampara com a hombreira, resvalava redondo no chão, tão fracos lhe fugiam os joelhos. [53]

Gaspar Preto ainda revelou mais horror. Recuando até á parede com as mãos abertas como para afugentar de si a visão terrivel, parecia metter-se pelo muro dentro, com os cabellos em pé, as pupillas envidraçadas, e tal convulsão em todo o corpo, que o frio de uma sezão mortal não podera ser maior.

Os milicianos boquiabertos contemplavam o cadaver, e a figura singular de Estevam Cabrinha e do coxo, que não eram santos da devoção [de](#) nenhum d'elles.

João da Ventosa sorria-se para dentro. Dir-se-hia que fulminava os dois cumplices com o sombrio fulgor dos olhos. Um instante depois pousou a vista, sereno e temperado, sabendo conter-se e dissimular para não se prender no mesmo laço, que tecia aos outros.

Seguiram-se as explicações. O rendeiro com a voz macia, cujo timbre era quasi feminino, e aquelle ar de rir bondoso, que encobria tanta cousa, desculpou-se da triste companhia, que era obrigado a dar aos hospedes.

Tinha encontrado, disse elle, Antonio Simões morto, apenas o conhecia de vista, mas não tivera animo de deixar o corpo de uma creatura de Deus exposto no caminho toda a noite. Não havia outra casa decente, aonde esperasse a sepultura christã, e o tempo e a hora não permittiam chamar o padre, e deposital-o na igreja. Ao passo que explicava isto, o compassivo João accendia de vagar duas vellas de cêra, amarelladas dos ocios da gavêta, e cravando-as nos castiçoes de estanho amolgados, punha uma aos pés e outra á cabeceira do morto, completando com todo o socego, e de proposito, a exposição funebre, que arripiava os circumstantes, e especialmente o sargento e seu confidente, constrangidos a associar toda a noite o banquete e o somno dos vivos ao spectaculo do cadaver ensanguentado da sua victima. Se ambos podessem ler na alma do homem, que lhes estava falando, ainda haviam de tremer mais! [54]

Na mente d'elle tudo isto apenas era prologo!

VI

Ressurreição de Lazaro

Decorreram minutos sem que as mandibulas de Estevam Cabrinha, deslocadas pelo terror, podessem volver ao estado natural. Nem articulava, nem balbuciava. Só a pouco e pouco é que se foi restaurando do susto, e maldizendo o *Sapo*, o rendeiro, e aquella funesta casa, regougou meio desvairado uma evasiva para desculpar o pavôr, que o *accommettêra*, e que não era senhor de disfarçar.

Os seus nervos estavam tão delicados, que a vista do sangue e do cadaver, tirava-o de si, e tornava-o mais fraco, do que uma mulher! Entretanto fazia o possivel por ser homem; mas pedia por tudo o que havia de santo no céu e na terra, que o não obrigassem a velar a noite ao pé do morto, se em vez de um, não queriam enterrar dois cadaveres.

João da Ventosa affectou clemencia. Capitulando com os terrores do sargento prometeu dar-lhe um quarto retirado no fundo do corredor, depois da ceia. Pediu-lhe depois licença para ir cuidar dos hospedes presos, que desejava receber como pessoas nobres, e que a má reputação da casa [56] por certo assustaria, sobre tudo na escuridão, e com o temporal que parecia arrancar as arvores e os telhados. Cabrinha suspirou, e com um aceno respondeu que sim. Sentia-se gelado, e o coração batia-lhe com tal força, que parecia querer saltar fóra do peito.

O lavrador accendeu dois candieiros de latão amarello de tres bicos, pesados e disformes, pendurou pela argola um em cada mão, e começou a subir a escada, escoltado por Cabrinha, que apesar de meio tonto, e de tartamudo de mêdo, sempre desejou certificar-se outra vez de que a gaiola, como dissera antes, era solida, e não deixaria escapar os passaros.

Um creado poz a toalha, trouxe queijos e pão, e reanimou o alento dos milicianos, collocando triumphalmente em cima da mesa um bojudo cangirão e dois canecos de estatura descommunal, destinados ás libações. Os soldados chegaram-se a principio timidos, partiram e saborearam o queijo, acharam-o excellente, provaram o vinho, que estava ainda coberto da espuma da pipa espichada de proposito, e romperam o assalto, esquecendo gradualmente o morto, o sargento, e o *Sapo*, o qual, agachado como fera medrosa a um canto da chaminé, só dava signal de vida nos estremecimentos, que lhe *saccudiam* os membros.

A demora de Cabrinha em cima foi grande. Quiz assistir a todos os arranjos, que a velha servente do rendeiro determinou, e que ia executando com a mão vagarosa por entre as orações resmungadas entre dentes a Santa Barbara e a S. Simeão Stelita, advogados contra os trovões.

Viu, pois, lançar nas camas os lençoes de linho fino e defumados, recheio das arcas do lavrador; viu enfiar as fronhas e os travesseiros de folhos com fitas azues; viu deitar as colchas de seda da India matizadas, e pregar as cortinas dos leitos. Immovevel e calado os seus olhos vigiavam tudo, mas o seu espirito ausente estava ao pé do morto. Finalmente os moços trouxeram a ceia em bandejas largas, e a creada velha despediu o amo e o sargento, declarando que ficava e dormia perto dos presos para os servir. [57]

Cabrinha saiu atraz do seu *amphytrião*, fechou a porta, e

metteu a chave no bolso. Por este lado estava tranquillo. Restava a ceia com o cadaver defronte. Essa é que se lhe representava um supplicio insupportavel; e se não fosse o receio, com que o remorso ata a lingua dos criminosos, teria pedido um pedaço de pão secco, um ou dois goles de vinho, e iria para o meio da estrada esperar que nascesse o dia, mesmo em risco de uma pancada de agua o ensopar, ou de um raio o fulminar. Não se atreveu, porém. De cabeça baixa e passos incertos, sem ousar olhar, e não podendo, todavia, apartar a vista da mesa de pedra, veio sentar-se ao brazeiro, do outro lado, defronte do *Sapo*. Ao mesmo tempo o João da Ventosa consultava o immenso relógio de prata, e, vendo apontadas no mostrador as dez horas, gritava pelos creados, que apressassem a ceia, se não queriam que elle e seus honrados amigos morressem alli todos de fraqueza.

—Vamos! exclamou. Andar! Esse cabrito não acaba de sair do lume, mandriões? Para temperar umas migas será preciso chamar o cozinheiro do patriarcha? Oh [Pedro](#)? As batatas cozam-n'as no borralho!... Ficam mais gostosas. Dêem-me d'aquellas laranjas de casca fina do pomar de cima, que eu apanhei hontem. Tirem o vinho da pipa nova! Bem basta a inferneira que logo ahi vae em sendo meia noite! E então com esta visita em casa! E apontava para o morto. É preciso que o demonio e as almas do outro mundo, quando vierem, nos achem confortados e quentes de estomago, limpos de coração, e lavados de consciencia... Que tal é esse vinhinho, camarada? Ajuntou pedindo o caneco a um dos milicianos, ao qual o seu discurso petrificára os movimentos, conservando a taça rustica a meia distancia da mesa e da bôcca sem animo de a depor, ou de a sorver. Os outros, pallidos e sobresaltados, olhavam espavoridos para as portas, para as paredes, e para a mesa de pedra, e benziam-se, suppondo ver já um espectro em cada canto. [58]

—Vamos! ajuntou. Á nossa saude! E que Deus nos livre por muitos e bons annos de um amigo, como encontrou aquelle que alli jaz! E emboccando o caneco deixou cair do bico o vinho em fio dentro da bôcca á moda hespanhola, engorgitando-o lentamente com delicias.

O brinde funebre produzira o seu effeito. O sargento poz-se em pé e desabotoou tres botões da farda. Sentia-se a arder. O *Sapo* agachou-se mais, e ouviam-se-lhe distinctamente bater os dentes.

—A ceia! A ceia! Rapazes! clamava o lavrador acompanhando o rebate das vozes com fortes punhadas em cima da mesa.

Os creados acoçados por estas impaciencias, verdadeiras, ou fingidas, saccudiram a preguiça, e a correr acabaram de pôr a mesa, a correr trouxeram as migas e o cabrito, e a correr tambem vieram com as batatas e as laranjas. O cangirão refrescado por segunda visita á adega estava cheio até á borda.

—Vamos a ella? gritou o dono da casa. Senhor sargento, chegue-se para os bons, e será um d'elles! sente-se do meu lado. Tu, meu *Sapo*, com essa cara de alvaiade vae para alli. És curioso, e quero que me espreites o defunto a ver se bole com a alegria dos vivos! Os camaradas accomodem-se aonde poderem! Desculpem as colheres de pau e os garfos de ferro. A pratita, que tinhamos, está em Lisboa; nos tempos, em que vivemos, digam lá o que disserem, sempre é o mais seguro... Nada de tristezas! Longe vá quem mal nos quer! Senhor sargento á nossa! É bom copo, tenho ouvido, mas o João tambem não arreia. Encha-me esse caneco até cima, e despeje-m'o de um trago, senão digo que o vinho é mau, ou que debaixo de boa capa ruim bebedor! [59]

Por um esforço heroico Estevam Cabrinha conseguiu obedecer. Não tinha sede, nem fome, tinha medo. A ceia era para elle um martyrio, sobre tudo com as costas viradas para o cadaver, cuja sombra se lhe figurava a cada momento

alevantada por cima dos hombros. O *Sapo* não padecia menor tormento. Com o morto e a vista do sudario ensanguentado defronte enlouquecia de terror e de afflicção. Suas pupillas dilatadas não podiam despregar-se d'aquelle testemunho irrecusavel, que lhe avivava o crime pela bôcca das feridas, por onde fugira a alma. Deixou de ver o que o rodeava para vêr só a victima silenciosa, e ameaçadora. Poz-se-lhe um nó na garganta, e um véu nos olhos. A primeira colhér, que levou á bôcca, tornou-se-lhe de fel; o primeiro trago de vinho, que sorveu, soube-lhe a sangue. Sentia tentações de se atirar pela porta fóra, desatando em uma corrida louca; mas os pés estavam grudados ao c não padecia menor tormento. Com o morto e a vista do sudario ensanguentado defronte enlouquecia de terror e de afflicção. Suas pupillas dilatadas não podiam despregar-se d'aquelle testemunho irrecusavel, que lhe avivava o crime pela bôcca das feridas, por onde fugira a alma. Deixou de ver o que o rodeava para vêr só a victima silenciosa, e ameaçadora. Poz-se-lhe um nó na garganta, e um véu nos olhos. A primeira colhér, que levou á bôcca, tornou-se-lhe de fel; o primeiro trago de vinho, que sorveu, soube-lhe a sangue. Sentia tentações de se atirar pela porta fóra, desatando em uma corrida louca; mas os pés estavam grudados ao chão e as pernas mal o sustinham. A cada instante entrava-lhe pelos ouvidos o som dos passos de Antonio Simões, e ouvia o grito que elle arrancára caindo ferido. O suor escorria-lhe em bagas da testa, e os beiços tremulos denunciavam a intensidade da agonia.

[60]

O lavrador observava, e dissimulava. O seu ar de riso e a sua jovialidade cresciam á proporção, que iam aggravando-se as dores moraes de ambos.

—Que é isso, *Sapo*? accudiu elle apertando os tratos ao mais culpado. Que é feito d'aquella galhofa do outro dia, meu velho? Estás com cara de enterro. Terás tu morte de homem ás costas, diabo?!...

A esta interpeção directa, que o rendeiro disfarçou em uma risada larga e sonora, o remorso fez saltar involuntariamente dos bancos o sargento, e o seu cumplice, como se a voz do sangue chamasse por elles no tribunal de Deus. Á pergunta: Cain que fizeste de Abel, ao brado que a consciencia repetia aos dois, ambos tremeram, mas não puderam responder: não fui eu! Sentiam-se tomados de espanto até ás mais fundas cavernas do coração.

João da Ventosa, entendendo que não devia ir mais longe para não se descobrir, e vendo os dois de pé, mudos, e pasmados, tractou de os tranquillizar a seu modo, isto é, vertendo-lhes o terror nas veias por outro modo.

—Sente-se, meu sargento! disse elle mettendo o hospede no coração com o tom assucarado. Que vespa o mordeu? Os ares da casa não são bons, sei muito bem; mas o que quer? A gente toma amor ao ninho, e depois não ha quem o despegue d'elle. Não tenho mulher, nem filhos; nasceu-me aqui o dente do siso, e... É melhor não tocar em cousas más. Mas sempre lhe digo que ha noites! Ainda antes de hontem foi um reboliço lá por cima de cadêas arrastadas, de soluços e gemidos, que vinham os sobrados abaixo...

—E nunca viu nada, senhor João? atalhou um dos milicianos meio engasgado com um pedaço de cabrito, que o susto causado pelas reflexões caridosas do rendeiro lhe atravessára na garganta.

[61]

Estevam Cabrinha desabotoára todos os botões da farda, e pelas frestas da camisa aberta mostrava o peito vellôso como o de um cerdo. Tinha os cotovellos na mesa, a cabeça entre as mãos, e os olhos espantados.

Gaspar Preto recaira, sem poder reprimir-se, no tremor das primeiras horas.

Aquelles dois entes, tão fortes contra a consciencia, tão esquecidos de Deus e da justiça humana, desmaiavam como creanças deante da sombra do seu crime e dos pavores do invisível.

—Se não vi nada?... Oh! redargui o dono da casa, tornando-se serio de repente, e fazendo suppor com a reticencia, que não tinha animo para dizer tudo.

—Conte-nos isso! accudiu um dos comensaes, que não era dos menos timidos, mas que era de certo dos mais curiosos.

—Para que? Para não dormirem umas poucas de noites?!... respondeu João da Ventosa. É melhor falarmos de cousas alegres.

—Não. Não! Diga!

—Depois não se queixem! Faz hoje um anno, e justamente chovia e trovejava como agora, que parecia que se acabava o mundo. Tinha uma cadella de perdizes, que era um brinco, a Pomba. Faltou-me todo o dia, e cuidei logo que ficaria fechada lá em cima. A esse tempo ainda eu não tinha mandado tapar as duas portas dos quartos, que viu o sargento, e aonde estão os presos. Peguei n'uma lanterna e subi. Atravessei tres salas. Apitei, chamei a Pomba, não me respondeu, ella, coitadinha, que em me ouvindo era toda saltos e alegria. Olhei por acaso para um canto mais escuro, e vi... a pobre da bruta morta com a cabeça torcida!... Não sei o que me passou pela vista, mas tive medo, medo deveras, juro-lhes. Peguei no corpo da Pomba, e arrastando-me, e tropeçando, vim até á porta, que hoje está entaipada. De repente um sopro forte apaga-me a luz, um clarão bate-me nos olhos, e uma figura branca apparece-me tão alta e transparente, que se via através das roupas e do corpo (se era corpo!) como através de um vidro fino. Não posso dizer-lhes o que senti, mas quiz gritar e faltou-me a voz, quiz benzer-me e caiu-me a mão, quiz fugir e fiquei parado. [62]

«O Fantasma fitou-me dois instantes com um olhar frio, que gelava e disse-me: Desgraçado de ti se tivesses sangue nas mãos! Nenhum matador sae vivo d'esta casa! Perdi os sentidos. Quando tornei a mim era dia, e estava deitado na minha cama. Suppez ter sido tudo sonho; mas a cadella morta jazia aos pés do leito. Enterrei-a, fiz uma parede das duas portas, e andei um mez como doudo, malucando no caso, que podia ser peor... Fóra com historias negras! exclamou mudando de tom. Estamos hoje aqui muitos, e graças a Deus nenhum de nós tem de lavar as mãos de sangue, que vertesse. Vae dar meia noite! ajuntou tirando um relógio de prata. É a hora da senzala principiar lá por cima. Não se assustem! O vinho é bom, festejemol-o, e o que for soar. Nossa Senhora, minha madrinha, não ha de desamparar-nos.»

A consolação acabou de petrificar o auditorio, que a narração já não tinha estultificado pouco. O sargento e o seu assessor, ainda mais enfiados, trocaram um olhar desvairado, e gemeram um suspiro. Era a sua sentença que o espectro annunciára pela bôcca do lavrador? Os canecos ficaram cheios sobre a mesa; o cabrito, meio escarnado, viu suspensas as hostilidades, que ameaçavam deixal-o na ossada; e só o dono da casa levou aos beiços, e exgotou a libação, que propozera. O volumoso relógio de caixas de prata posto a seu lado, attrahia a vista anciosa de todos. Era tão profundo o silencio, que se sentia a leve pancada da machina trabalhando. Finalmente o ponteiro pousou-se nas doze horas, e o lavrador, como se obedecesse a um impulso espontaneo e invencível, poz-se de pé, e exclamou: [63]

—Meia noite! Deus seja connosco!

N'este momento, como se a natureza quizesse associar os seus terrores á scena allí representada, um furacão espantoso saccudiu e abalou todo o palacio com rugidos prolongados,

um trovão rebentou perpendicular com o estrondo de cem canhões no meio de medonhos estalos, fazendo tremer a terra, a casa encheu-se de luz electrica por um instante, e a chuva, açoutando com o seu granizo rijo e batido os telhados e os muros, enxurrou dos tectos pelas chaminés arrombadas, e veiu quasi extinguir o lume, que esmoreceu em chispas lividas por entre ondas de fumo. Ao mesmo tempo as duas portas pregadas com travessas á entrada das escadas, que desciam para a cozinha, vieram a terra com fragor, o cadaver deitado sobre a mesa ergueu meio corpo sobre o cotovello, e arrancou o panno cruento, soltando um gemido lugubre, e uma figura de altura descommunal, envolta em sudario branco e fluctuante, assomou ao limiar. Tudo isto occorreu em menos de um segundo, acompanhado do ruido de ferros arrastados, do tropel de passos e de quedas tumultuosas, e de um verdadeiro clamor de vozes e gemidos no andar de cima.

Os milicianos apavorados hesitaram um instante immoveis. Depois correndo, como loucos, investiram pelo corredor, e como rebanho tresmalhado e perseguido por alcateas de lobos, sentiram de repente azas nos pés, e voaram pela estrada inundada por entre os relampagos e por baixo das aguas da tempestade, gritando misericordia!

[64]

O sargento ao som das portas, que desabavam, e deante da apparição [inopinada](#), sem saber já de si, e sem ver o morto alçar-se, trepou em dois pulos a escada de pedra, mettu a chave na porta, e acoutou-se nos aposentos dos presos, tão cego e attonito que atropellou na carreira a velha servente na sua cama, e foi cair de bruços ao pé da mesa, aonde se apagava em vascas a véla consumida de um castiçal.

O *Sapo*, que observámos paralyzado momentos antes, vendo surgir o fantasma, sentiu todos os instinctos ferozes irritados, e pegando da espingarda, e apontando-a n'um abrir e fechar de olhos, só volveu em si, quando o cão bateu na pederneira, e esta faiscou, sem queimar a escorva, deixando-lhe nas mãos uma arma inutil. Então, como o tigre que rompe a jaula, arremetteu pelo corredor do dormitorio, e de lá, galgando o muro baixo do pateo, sem se deter a buscar a porta nas trevas, achou-se no campo, e precipitando-se por sebes e vallados, veiu parar sem folego, sem voz, e sem consciencia de si ao pé do moinho da Raposa.

Finalmente o proprio espectro, primeira causa de todo o alvoroço, não escapou ao contagio geral, e deu tambem parte de fraco. Vendo o morto levantar-se e saccudir os véus funebres, assaltou-o tal convulsão de medo, que, tapando os olhos com um grande grito, desabou no chão do alto das andas, em que estribava. Teve razão ainda d'esta vez o adagio. Virou-se o feitiço contra o feiticeiro!

Mas as peripecias d'esta dramatica noite não estavam terminadas. No momento, em que, afogado em riso, o João da Ventosa accudia a levantar o fantasma demolido pelo susto, o sargento Cabrinha despenhava-se pela escada, bradando possesso de espanto. Não era sem causa!

[65]

Seguimol-o quando subia os degraus a dois e dois para se refugiar na camara dos presos; vimol-o enrolar-se e tropeçar no corpo tolhido de rheumatismos da tia Margarida, a qual, pobre mulher (!), acordada em sobresalto pelos trovões, tiritava de joelhos em anagua de estopa, benzendo-se, e invocando todos os santos da côrte do céu, quando aquelle furacão humano se ennovellou com ella, e lhe fez das costas escabello. Os gritos da servente, a motinada do palacio, que alli soava mais proxima, desembriagaram um pouco do medo do andar de baixo o virtuoso agente de Lagarde, mas exaltando-lhe os terrores excitados pelo andar de cima. Percebeu que o asylo, que buscára, era peor do que o perigo, e tractou de apressar a retirada.

Mas apezar dos accessos de valor, que lhe notámos, era

malsim na alma e nos ossos, e a curiosidade prevaleceu. Antes de fugir quiz verificar de novo se os outros podiam fugir. A tremer pegou em uma véla e abriu as cortinas da cama de Paulo de Azevedo. Recuou pasmado. Estava vasia! Correu ao quarto immediato de Leonor; achou-o deserto! O unico preso, que não se bolira, fôra a inoffensiva e tropega Margarida! O sargento sentiu estalar uma cousa dentro do peito. Se tivesse coração diria que era o coração! Não o tendo acabou de se lhe varrer o sizo, e ficou por minutos estatico a contemplar aquella solidão, obra visivel do demonio.

Por fim este ultimo golpe e uns suspiros em tremulos, exhalados do outro lado da parede, venceram esses restos de vigor, que ainda conservára. Consumou o seu destino, e despejou o campo como os seus milicianos, porém com menos felicidade. Quiz descer a escada, os pés atraçoaram-o, e mediu-a com as costellas de cima até baixo. Quando tornou a si com a dor, e por ella conheceu que vivia ainda, os seus olhos horrorizados perderam a luz de assombro e de pavor.

[66]

No meio da casa o Manuel Simões da Aramanha, de pé, encarava-o sombrio e terrivel. Ao pé da mesa o fantasma branco, entrouxado nos lençoes, extendia o braço direito em ar de ameaça. Atraz d'elles João da Ventosa, mudo e inerte, e como gelado, apontava-lhe para o corredor, sem falar, como se o convidasse a fugir. Não poude mais. Atou as mãos na cabeça e caiu sem sentidos.

VII

Segredos em toda a parte

Os aposentos aonde Paulo de Azevedo Carvalho e sua filha foram encerrados, em um dos torreões do palacio, eram dos mais bem conservados. Os tectos não estavam arrombados; os filetes, que guarneciam as molduras das paredes, forradas de pannos de Arraz, ainda não tinham perdido de todo o ouro; e a humidade não acabára tambem de desvanecer inteiramente as tintas dos quadros de caçadas, batalhas e scenas campestres, representados na tela. Apezar de velhos e de ennegrecidos, os moveis ainda resistiam em parte aos seculos e ao caruncho.

O venerando leito de cabeceira de talha alta e columns enroscadas occupava o centro da primeira casa, e podia quasi dizer-se um edificio, um monumento, pelo descommunal das proporções. Um pesado baldaquino de seda desbotada cobria o céu da cama, e largas cortinas do mesmo estoffo desciam dos lados a arrastar pelo chão.

Defronte um tremó, que na sua mocidade brilhára pelo esplendor dos dourados, mas que na velhice, ou antes na decrepidez, apenas se recommendava por bellos relevos de folhas e flores, com um espelho de Veneza em cima, comido e manchado no aço, sustentava duas jarras do Japão da mais preciosa porcellana, infelizmente rachadas. Cadeiras de braços, mutiladas, um velador alto desgrudado, um bofete de almofadas com sua escrevaninha de prata mareada, olhando para o espelho, completavam a mobilia.

[68]

Na segunda camara havia um leito mais singelo sem cortinas, e um espelho embutido na parede, que enchia de alto a baixo um vão inteiro. O bofete liso com tinteiro de bronze antigo, e as [quatro](#) cadeiras que constituiam todo o seu adorno, não accusavam pouco os annos pelo estado de ruina; e as colgaduras^[1] de couro, rotas ou tão coçadas, que

não tinham já côr possível, deixavam em parte nus os muros, provando que o tempo as respeitara menos, do que aos pannos de Arraz do quarto principal.

O cavalheiro de Mafra mal correu a vista em redor de si. Sentou-se deante do bofete da sala grande, molhou a penna na tinta grossa da escrevaninha, e começou machinalmente a traçar linhas e dezenhos informes em um papel. Desde o Casal do Ouro até alli não descerrára os labios, nem para falar á companheira do seu infortunio; e só o ardor sombrio das pupillas denunciava a ira, preferindo consumir calado as tristezas a desafogal-as em vozes, ou em queixas. Leonor contemplou-o silenciosa por alguns momentos, e, avisinhando-se depois nas pontas dos pés, pousou-lhe na fronte annuviada um beijo, que a ternura humedeceu de lagrimas.

Paulo, como se acordasse repentinamente, vendo no espelho o lindo rosto debruçado sobre o seu estremeceu. Um sorriso melancolico adoçou-lhe a expressão severa. Cedendo ao carinho de tão suaves caricias, e tornando os olhos meigos, fitou-os cheio de enlevo na formosura da filha. Cingindo-lhe depois o collo com os braços, cobria-lhe de osculos os cabellos e a fronte, e procurou tranquillizar-lhe a inquietação. [69]

Leonor era todo o seu amor e toda a sua familia. Se desejava sobreviver ás desgraças da patria é porque não queria deixal-a orphã e desamparada n'uma edade, em que as illusões armam tantos laços á candura e á innocencia.

Mas as palavras do velho cavalheiro não o enganavam a elle, nem á donzella. Quando para a consolar affirmára, que um vago presentimento lhe augurava, que não chegaria a entrar na prisão da villa, via-a aberta para o receber, e o conselho de guerra convocado para o sentenciar! Quando lhe lembrava, que seus amigos não dormiam, e que Manuel Coutinho, e dois d'elles, andavam perto, sorria-se por dentro da invenção, porque ignorava se a sorte d'elles não seria igual, ou peor n'este momento!

Leonor ouvia-o com a incredulidade do affecto. O fino instincto das almas, que são todas sentimento, é adivinharem os verdadeiros motivos dos sacrificios generosos. Palpava a verdade, e tremia que o futuro fosse ainda mais funesto. Mas dotada de character varonil vencia-se para não atormentar seu pae, devorando os prantos, e comprimindo os soluços.

Á ceia a visita do lavrador, e a presença odiosa do sargento de sentinella, como vimos, á hospitalidade do rendeiro, interromperam a conversação cortada, com que os dois se distraíam, e apenas as portas tornaram a fechar-se, e Margarida poz a mesa, o pae e a filha, tomada uma refeição mais do que sobria, e já cansados de dissimular, despediram-se e cada um se recolheu á sua camara. [70]

A creada no mesmo instante fez a cama para si em um recanto, e fatigada adormeceu mal a cabeça tocou no travesseiro.

Leonor aproximou-se então do espelho, lançou sobre as espadas núas um penteador de cassa, e principiou a desatar as tranças, que, desfeitas, se encrespavam em madeixas negras, envolvendo-a no mais luxuoso véu. Duas lagrimas, duas perolas, avelludavam-lhe o olhar tocado de branda ternura, e as pupillas, pretas e languidas, ás quaes aquella nuvem leve de melancholia toldava um pouco o brilho, levantavam-se armadas d'aquelle requebro meio tristeza, meio reflexão, que fala com tanta eloquencia; e prende com tão irresistivel poder até os mais isentos. A bôcca, pequena e graciosa, abria aos cantos duas covinhas assetinadas, berços de lyrios aonde se embuscava a malicia espirituosa, tornando o sorriso fascinador. Os dentes, ora appareciam finos e eguaes, como fios de aljofres entre rubis,

ora se escondiam, quando a phisionomia tomava a expressão contemplativa e serena, que era o seu maior triumpho. O collo esbelto, disputando alvura ás açucenas, pousava-se com graça; as faces e a fronte douravam-se d'aquella transparente e mimosa côr, em que as rosas nascem e desmaiam á mais leve commoção, radiosa carnação, que tanto realça a belleza meridional, mesmo quando não cede ás mulheres do norte a palma dos niveos encantos. O seio virginal palpitava sobresaltado. A mão estreita e leve deslaçava impaciente os nós de fita do justilho; e a estatura elegante e flexivel prestava-se em ondulações airosas a todos os movimentos.

Um suspiro e um gesto, que exprimiam a tribulação do animo combatido de apprehensões, e uma pausa, em que a vista se perdeu pelos idilios do primeiro amor, revelavam as duas correntes encontradas, com que luctava áquella hora. O que lhe dizia a ternura filial repetiam-n'o as lagrimas lentas e silenciosas, vertidas quasi sem as sentir. O que anciava e assustava a timidez da paixão entre hesitações e receios, mais fortes que a vontade, retratava-o a repentina chamma da vista, e o extasis em que o rosto se transfigurava subitamente, illuminado pelo duplo clarão da esperança e do pudor. Quem podesse colher n'este instante o segredo da sua alma só encontraria n'ella duas imagens—a do pae extremosamente querido, e outra mais viva, mais occulta, e mais funda ainda, a de Manuel Coutinho, que o pejo quasi encobria de si mesma, mas que uma ternura invencivel avivava a cada palpitação do peito!

[71]

Leonor sentou-se ao bofete no desalinho da meia nudez, dobrou uma folha de papel, e contemplou-a por momentos com a cabeça entre as mãos e a vista vaga e esquecida. Depois, meneando a fronte, como se quizesse sacudir o peso dos cuidados, inclinou-se para a mesa, soltou a penna sobre o papel, e começou a retratar as tristezas do captiveiro e os sonhos do coração.

Usando do privilegio concedido aos auctores de historias, tão veridicas como esta, introduzir-nos-hemos n'este ninho virginal, e por cima do hombro da linda escriptora ao qual o véu diafano das rendas mais faz sobresaír o marfim polido e a fórma admiravel, iremos lendo á medida que ella as escrever, as confidencias, que julga depositar unicamente no seio da mais discreta e mimosa de suas amigas de infancia, de D. Marianna de Sousa, mais velha um anno, e tambem desterrada com toda a familia para longe do antigo solar de seus paes em Lisboa.

[72]

Escutemos a conversação travada a distancia entre ellas. É de crer que nos diga mais, do que extensos commentarios ácerca dos principaes personagens, cujas aventuras emprehendemos esboçar com a fidelidade e escrupulo proprios de narradores inacessiveis á fabula e á lisonja.

Leonor de Azevedo a D. Marianna de Sousa

«Minha freirinha!... Deixa-me dar-te mais esta vez ainda o doce nome da nossa amisade! Escrevo-te das portas de uma prisão, e talvez, ai! tremo dizel-o! dos primeiros degraus do cadafalso de meu pae. Realizou-se o que eu tanto receiava. Lagarde descobriu o nosso asylo. Estamos em suas mãos. Offendi-lhe o orgulho; é capaz de tudo; e conto com a vingança promettida. Não me arrependo. No meu lugar, Marianna, farias tu o mesmo, e esperavas resignada a tua sorte... Se não fosse meu pae, pouco ou nenhum caso faria d'elle... O desprezo até mata a aversão, e de certo ninguem o despreza tanto, e com mais razão.

«Lagarde veiu a Mafra a um baile que lhe deram. Tentaram-lhe a cubiça as terras e os vinculos, que hei de herdar, Deus queira que bem tarde (!), e por desgraça poz os olhos em mim para enriquecer um parente, que não conheço, que me não conhece tambem, mas que elle ousou dizer que me

adorava pelo retrato, que lhe fizera de mim... dos bens da minha casa é mais provavel! Marianna, lê na minha alma, e bem podes imaginar o espanto em que fiquei, ouvindo de um estrangeiro esta proposta, que me offendia na ternura filial e no amor proprio... Nem lhe respondi! Encarei-o, e, levantando-me, deixei-o acabar a ultima cortezia e o ultimo sorriso deante de uma cadeira vasia. Dizes que me pareço com meu pae, e que a natureza errou em mim o sexo. Talvez. Nunca senti tantos desejos de ser homem! Mulher, senão fosse o mundo!... Ha affrontas, porque choro amargamente a nossa fraqueza!

[73]

«Lagarde tem maneiras e grande uso da sociedade. Não sossobrou com o revés, começando a girar pelas salas como o convidado mais jovial. Notei que não tirava a vista de mim, e preparei-me para segunda instancia. Não tardou. Veiu tirar-me para dançar, louvou o meu toucado, o meu vestido, a delicadeza das mãos, a graça e a alvura das rendas; achou-me linda e seductora; extasiou-se de lhe responder algumas palavras em francez; e falou-me com entusiasmo dos elogios que tinham feito da minha voz... Constrangi-me e escutei-o sem colera, sem impaciencia, mas com aquelle sorriso que tu dizias ás vezes, que era cortante como fio de dois gumes. Que remedio! Estavamos em scena, e elle é actor consumado. Depois, e no fim de tudo, por acanhada e esquerda não queria deshorrar a nossa educação do convento, nem dar-lhe motivos para que me tomassem pela provinciana boçal e nescia, que ao principio cuidára encontrar...

«Acabada a dança, em que te affirmo sem vaidade, que não envergonhei as lições do nosso mestre mr. de Lisieux, tão airoso com a sua cabelleira empoada, casaca direita, e rabequinha de estojo, ao apartarem-se os pares, convidou-me para darmos um passeio pelas salas. Inclinei-me, e acceitei-lhe o braço. Démos algumas voltas, e no meio de uma d'ellas, junto de um tremó carregado de flores, teve o despejo de renovar a supplica, assim lhe chamou, em ar de riso, porém o tom e a expressão diziam assaz que era uma ordem.

[74]

«Ouvi-o estremecendo. Não acreditas a jactancia, a soberba, e por baixo do verniz das phrases, o modo imperioso, com que este sultão me atirava o lenço em nome da felicidade do seu parente, e da minha, em nome da gloria e ornamento dos bailes de París e das recepções das Tulherias, que a rosa do occidente iria realçar com seus encantos!... Contive-me. Subiu-me em ondas a côr ao rosto. Empallideci depois. Aquelle escarneo era tão pungente, que me custava a supportal-o, sem lhe explicar ao menos que o entendia. Mas contive-me, protesto que me contive a ponto de me saltarem as lagrimas pelos olhos seccos! Não é possivel exprimir-te o que padeci nos minutos que durou este supplicio. Foram annos de angustia e de anciedade! Lagarde, como se adivinhasse, tocava em todas as partes melindrosas da minha alma e offendia-as. Tornou-se por tal fórma transparente a ironia, que se me figurava ouvil-o rir por dentro da eloquencia, que estava gastando em convencer a herdeira sómente cobiçada, para remir do naufragio a mocidade tempestuosa d'aquelle sobrinho, arruinado e invisivel, cuja causa advogava.

«Perguntarás, talvez, porque não fiz o que já tinha feito, porque o não deixei? Não me atrevi. Meu pae estava perto; Manuel Coutinho tambem; olhavam para nós, e ao menor signal que me escapasse, castigavam alli mesmo o insolente! Vê tu o meu enleio e o meu martyrio! Quando se afastaram, respirei. Podia mostrar a Lagarde, que a estatua vivia e tinha brios para vingár a dignidade do seu sexo. Inflammou-se-me a vista com a ira, fitando-a n'elle com um desdem tão altivo e firme que o obriguei a calar-se de repente no meio das lisonjas impertinentes. Percebi que não esperava tanto, e que se perturbava. Retirando então o meu braço, dei dois passos atraz, e medi-o da cabeça aos pés com aquelle olhar scintillante e frio ao mesmo tempo, que me achaste duas

[75]

vezes, e que depois contavas, sorrindo, que era o mais fero e fulminante olhar, que nunca viras, porque gelava e queimava ao mesmo tempo. Não sei se foi esse, ou outro peor, o que sei é que recuou lentamente e quasi pasmado deante d'elle, como deante da ponta de uma espada; e quando lhe respondi, que preferia a cella do mais austero convento, a pobreza, a mendicidade até, á ignominia de me vêr em leilão na praça, á vergonha de acceitar o nome de um homem, que nem ao menos guardava as exterioridades hypocritas de um galanteio, julgando-me tão pouco que se propunha amar e pedir esposa por terceiro, vi-o fazer-se branco como a tira da camisa, esconder o sorriso nos cantos da bôcca, e olhar-me direito e serio como deve olhar-se para alguém, quando recebemos uma injuria grave. Mas polido, mesmo na sua colera foi senhor de si, e mordendo os beiços com tal furia que lhe espirrou o sangue d'elles, cortejou-me, e retirou-se. Á roda de mim tremiam todos. Eu levantára a voz, e tinha-o constringido a curvar a fronte deante de muitos. Foi o que não me perdoou.

«Todas as nossas desgraças datam d'esta noite. Jurou humilhar-me, mas não o consegue. Livre, ou em ferros, o desprezo será igual... Antes a clausura, antes a vida errante que levo ha mezes, antes as estreitezas de uma prisão, do que a infamia de um laço apertado sem amor pela avidez! Lagarde não tornou a falar-me. Sómente poucos dias depois, sahi a cavallo, e encontrei-o com Loison, general maneta, que dizem ainda mais perverso. Pararam para me vêr passar. Sabes que sou cavalleira, e que um animal fogo não me assusta. Montava a Estrella, a egua valida de meu pae, e apenas os descobri, larguei-lhe a redea, e atravesssei como uma seta por meio d'elles. Saudaram-me, respondi, e dentro em pouco já não os avistava. Foi na vespera dos tumultos das Caldas e da emboscada de Mafra. No dia seguinte, dia de terror e afflicção para os habitantes, estava achado o pretexto que havia de manchar de sangue o poder dos estrangeiros.

[76]

«O que nos reserva o futuro? Não ignoras quanto meu pae é ativo e decidido. Se a sua vida dependesse de uma palavra, de um passo, que reputasse de quebra para a honra, ou para os brios, preferiria morrer mil vezes... Sei o que elle ha de fazer como se o estivesse vendo. Ha de dizer a verdade, toda a verdade; ha de expor-se... Meu Deus! Parte-se-me o coração, e não tenho animo de cuidar!... Não! Não! A providencia não o póde permittir! Marianna!... As lagrimas que estou chorando, a dôr que padeço são tão crueis, que ha momentos, em que a razão me foge. E Manuel Coutinho?! Ainda me assusta mais!... Em sabendo a nossa prisão... com o seu genio impetuoso e aquella intrepidez de cavalleiro andante, porque é um verdadeiro paladino perdido n'estes dias de Junots e Lagardes, é capaz de entrar só em Santarem para nos arrancar dos ferros á luz do sol e deante de todos. Não rias?! Não creias que estou pintando de imaginação um heroe de novella!... Perguntas-me desde quando o amei, e se foi necessario o fulgor de Marte para vencer a isenção de Juno!? Entendo-te! Viras contra mim as palavras, que eu soltava na ingenuidade do orgulho, quando a inexperiente educanda te divertia com seus encarecimentos de desdem pelas fraquezas apaixonadas. Ouve! Amei-o logo, amei-o com extremo apenas o vi. Mal nos olhámos, sorrimos, e conhecemo-nos sem lucta, sem resistencia, sem juras, nem protestos. Elle sentiu que era meu; eu entreguei-lhe o coração com tanta confiança, como se nos tivéssemos creado juntos desde a infancia. Marianna!... Se és a amiga, que eu creio, has de estimal-o tambem, e approvar a minha escolha. Asseguro-te que o merece. Aquelle rosto nobre e gentil, mas um pouco triste, é o espelho do seu character. Meu pae, e mais não é facil em affeições e elogios, admira-o, e não vê por outros olhos em muitas cousas. A palavra de Manuel Coutinho, que o não lisonjeia, que até o contraria em algum dos habitos e idéas mais arraigadas, vale um juramento para elle. Entre estes dois affectos, tão doces e acerbos, reparte-se-me a alma, rasga-se-me em duas, e não ousa dizer-te a ti, a mim propria, qual é maior, ou mais absoluto!...

[77]

«Accusas-me de dissimulada?! Não te encobri nada. Lês nos meus segredos como em livro aberto. Amo, como não se torna a amar, como não imaginava que pudesse amar-se... Digo-te sem disfarce o que occultaria a outra, e tu ingrata (!) ainda tens animo de me arguir! ...Lembras-te d'aquellas nossas madrugadas nas Salesias, entre as rosas e jasmims do jardim, e os vôos dos passarinhos, que chalreando não nos deixavam um instante?!... Não tens saudades d'ellas e das brandas illusões, com que nos embalavamos no meio das flores d'esses dias tão curtos, ai (!) e tão depressa desvanecidos?! Com que dôr melancolica e agradável, os estou recordando, sobre tudo agora!... Como a esperança nos fazia palpitar!... Que desejos pueris, que planos impossiveis, que doces contestações, e que amuos logo esquecidos entre dois beijos! O nosso mundo era tão pequeno, que alli principiava e [acabava então!](#) [78]

«Meu pae, militar e arrebatado, a rogos meus ficou em casa. Por vezes o vi ir direito á sua espada, e suspender-se com os olhos arrazados de agua. O que o prendia era o receio de me deixar orphã, era a certeza de que se arriscaria sem proveito. Que dia aquelle, e sobre tudo que noite!... Os francezes em bandos pelas ruas alvoroçavam a terra com vozes, affrontas, e tiros. Duas vezes as balas das espingardas vararam as portas das nossas janellas. Sobre a madrugada appareceu Manuel Coutinho. Vinha pallido e desfigurado. Nenhum de nós se tinha tambem deitado. Chamou meu pae de parte, falaram em segredo, e minutos depois, ás escuras, e sem ruido, fugiamos pelas hortas, e montavamos a cavallo. Rompia o sol, quando entrámos em Torres Vedras, e só alli me disseram que a nossa casa estava cercada, e que Lagarde expedira de Lisboa ordem de prisão contra meu pae. Não lhe custou a implical-o na devassa, e contava provavelmente fazer de mim o penhor da sua clemencia...

«Desde então trocámos o socego domestico pela vida attribulada, que ha mezes nos não consente uma hora de repouso. Acoissados, como feras, vagueando de homizio em homizio, e de solidão em solidão, por toda a parte a hospitalidade dos que nos acolhiam, não sem risco, nos foi leal e caridosa. Rodeados de espias, inculcados aos delatores como presa digna de subido premio, achámos na bondade rude, mas sincera, dos casaes, corações de ouro, que nos agazalharam com o maior carinho, e almas compadecidas, que nos ajudaram a supportar o peso da desgraça.

«Os mais pobres foram tão honrados como os ricos. Ninguém nos trahi. Perseguidos como réos de grandes crimes, todos os braços se abriram para nos receber, todas as portas se fecharam cuidadosamente para nos guardar... Descansámos, por fim, mas á porta de uma prisão, e nas mãos de inimigos implacaveis! Meu pae dormia, e nem teve tempo de se defender... Estimei! Já que havia de ser, foi melhor assim! Chegámos a tempos em que é delicto até o valor! Um malvado, cego e venal instrumento de Lagarde, descobriu o nosso ultimo asylo, e prendeu-nos á traição... [79]

«Com que socegada ignorancia te ouvia eu pintar a vida, que nos aguardava fóra das grades da nossa prisão dourada!... Com que vaidade infantil me compadecia das fragilidades das donzellas, cegas de amor, que tudo arriscam por seguir o eleito da sua alma!... Castigou-me Deus! Sou mais escrava, mais timida deante da minha fraqueza, do que nenhuma! A ternura, que sinto por elle é tão grande, que me quebra a vontade e o orgulho.

«Felizmente adoro um homem digno do meu coração. Mas se o não fosse! Marianna! Não me vejas córar, não me vejas cobrir o rosto de pejo! Se o não fosse... Perdôa! hei de ter animo de confessar a verdade, amava-o [do mesmo](#) modo, sei que o amava tanto, porque mais é impossivel!... E agora terás dó de mim?! Falarás ainda da soberba, que me fazia idolo indifferente a todos os cultos?!...

«Cheguei áquelle excesso, em que parece que o coração não vive senão do que é de outrem, do que o amor, que inspira e domina tudo, quer dar-lhe quasi por esmola! A minha luz, todas as minhas esperanças, todo o futuro, pendem de um olhar, de um sorriso, de uma palavra d'elle!... Vê como o préso, e como deixei de ser a mesma!... Ha cinco annos, quando iamós sentar-nos debaixo das madresilvas do caramanchão do convento, em quanto as nossas amigas passavam, correndo e saltando com os seus risos descuidados, porque suspiravas tu, e por mais que eu interrogasse a minha alma, porque a achava sempre muda e insensivel!?... O que foi que me acordou d'aquelle somno tranquillo, d'aquelle apathia dos sentidos, que só despertam com o primeiro alvoroço, quando entre jubilos e sobresaltos o peito começa a agitar-se? Não sei se outras são assim. Vivo desde que principiei a amar. Até ahi dormia. Era uma estatua! O meu coração como que esperava *por elle* para se abrir e brotar essa flor tão mimosa, que um nada queima, tão rara que uma vez só na vida a sentimos pelo perfume, pela alegria, pelo esplendor... Desejava ser formosa, ser princeza, ser rainha, ser tudo, para elle subir, e eu me saber invejada. Que loucuras! Vê! Agora mesmo estou perguntando, sem querer, ao espelho baço e empanado da minha prisão, por esta noite medonha de trovões, se me acha ainda bella?!...»

Neste ponto terminavam as confidencias. Leonor nem acabára de formar as ultimas letras. Quando, entre o meio sorriso e as rozas avivadas, de que a travessura da revelação lhe animára o semblante, ergueu de repente os olhos para o espelho, a que alludia na carta, pasmou, estremeceu de o vêr mover-se lentamente com a moldura, e entre-abrir-se como uma porta. Outra, menos varonil, teria soltado vozes de terror; ella não. Fez-se pallida, sentiu-se fria, porém não articulou palavra, nem deixou escapar um grito. De pé, tremula, com os olhos fitos e algum tanto dilatados pelo espanto, aguardou a aventura, que esta singularidade lhe promettia. Não esperou muito. O espelho girou, rangendo um pouco, e á entrada da passagem occulta, que fechava, appareceu uma figura com um castiçal na mão, avultando á medida que se adeantava e que a luz morticia da véla lhe batia no corpo, desfazendo a escuridade. Era um homem de carne e osso, e não um fantasma. Podia ser um salteador, um assassino, ou um indiscreto, não era de certo uma alma penada. A donzella respirou. Apezar da fortaleza do seu espirito a visão tinha-lhe paralyzado os membros, e o coração, pulando descompassado, trahia o susto, que os labios a custo disfarçavam. O desconhecido trajava de preto, vinha envolto em um capote de cabeções, e as largas abas do chapéu enchiam-lhe o rosto de sombras. Quando percebeu que Leonor o contemplava, levou o dedo á bôcca e recommendou silencio. No movimento de braço o capote descobriu os canos luzentes de duas pistolas passadas em um cinto de couro, e a bainha de uma espada larga e curta.

A filha de Paulo de Azevedo deixou-o approximar de si sem denunciar terror. Só falava com a vista, e desvanecido o primeiro sobresalto, o que o semblante exprimia era a curiosidade natural, excitada pela visita, que, por tal modo e a taes deshoras se via obrigada a receber. O hospede punha entretanto os pés no sobrado, roto e carunchoso, com tanto resguardo, e pisava com tão grande subtileza, que os passos eram surdos, como se caminhasse por cima de lâ. Chegando ao pé d'ella, encarou de perto a formosura intrepida, que sem receio olhava para elle firme, e um sorriso alegrou a sua physionomia carregada, certo ar de sincera admiração inculcou que não contára encontrar tanto valor.

—Vejo que não me enganaram! murmurou ao ouvido de Leonor. Tem mais animo, do que muitos homens. É digna do que tentâmos para a salvar e a seu pae!

—Mas quem é?... D'onde vem?... Como está aqui?!... perguntou a donzella atropelladamente, mas no mesmo tom submisso.

—Somos tres. Os meus companheiros esperam no fim do corredor, que desembocca n'esta porta secreta. Pertencemos ao conselho conservador de Lisboa, soubemos da prisão de seu pae, e seguimos os milicianos de longe. O lavrador, que traz esta casa de renda, é nosso, e ensinou o modo de entrarmos aqui. Temos caminho facil para fugir.

—Ah! E Manuel Coutinho veiu tambem?... accudiu Leonor córando.

—Não! Pouco ha de tardar. Está perto, e mandou-se-lhe recado... Mas os momentos são preciosos. Não podemos demorar-nos aqui. Quer ir acordar seu pae sem bulha e dizer-lhe?...

—Já! Vou immediatamente. São dois minutos em quanto volto com elle.

—Pois sim. Aqui espero.

De feito, instantes depois Leonor tornava com Paulo de Azevedo, e este apertava silenciosamente a mão ao desconhecido, que lhe dizia em voz baixa:

—Venha! Temos os cavallos promptos e tudo a postos. Simão da Costa e Nuno do Rio, seus amigos, estão alli dentro, Manuel Coutinho vem já caminho da Ponte... São mais de onze horas. Ás duas saímos, se a noite lhe mette menos medo, que a cadeia de Santarem...

—Quando quizer. Para onde?...

—Para Lisboa. Para o covil do Lobo. Aonde menos cuidem que póde estar, ahi será o mais seguro.

Paulo inclinou a cabeça e seguiu-o com sua filha.

O espelho fechou-se. Quando o sargento veiu não achou nem o rasto de seus presos.

VIII

Entre os bastidores

Lá sabemos como Leonor e seu pae conseguiram evadir-se sem as chaves da prisão saírem do bolso do carcereiro. Agora cumpre-nos explicar a resurreição dos mortos na casa maldita, e esboçar em duas palavras a biographia do intrepido espectro, que, mascarado em alma do outro mundo para assustar os valorosos milicianos da comarca, ás ordens do sargento, baqueou das andas abaixo, transido de pavôr, por achar o defunto, de pé tendo-o visto entrar em braços dos creados.

Nos acontecimentos d'esta infausta noite para os agentes da policia franceza, o morto-vivo e o espectro medroso representaram um papel, que os torna dignos de nos demorarmos com elles por algum tempo.

Principiemos pelo honrado fazendeiro, cuja desastrada sina choram em côro as visinhas e as comadres da aldeia. Como o encontramos de repente são e escorreito com profundo terror dos sicarios, que se julgavam livres do seu nodoso cajado de marmeleiro? Que santo obrou o milagre de levantar da sepultura este Lazaro de japona para confusão e ruina dos inimigos? Como dormiu elle no reino das sombras tantas horas, e só accordou, como ao rebate da trombeta

final, com o dobre fatidico da meia noite, hora fadada a visões, a trasgos e a feitiços?

As tres perguntas são razoaveis, e a curiosidade do leitor é [natural](#). Desejariamos de bom grado asseverar-lhe, sem faltar á verdade, que o sabido condão do palacio deserto fôra o auctor de todos os prodigios, porém somos obrigados a confessar como sinceros chronistas, que até aqui o maravilhoso e o sobrenatural só existiram na imaginação escandecida de alguns dos actores, que pozemos em scena. Tudo o que passou se explica perfeitamente sem ser preciso prevalecermo-nos da má reputação da Casa Negra.

Em primeiro logar o Manuel Simões não resurgiu á sexta hora de entre os mortos, embora padecesse sob o poder do sargento Cabrinha, porque para resuscitar era necessario estar morto, e elle nunca chegou a fallecer! A bala do *Sapo* roçou-lhe pela testa, ferindo-o de raspão, e lançando-o por terra sem sentidos; mas não penetrou na cabeça.

Quando vieram as mulheres, e entoaram em roda do seu corpo as nenias costumadas, principiava elle a voltar a si; e quando o João da Ventosa se aproximou, suando e esbaforido, porque do alto de um cabeço ouvira o tiro, e dois minutos depois descobrira no luz-que-fusque o *Sapo*, correndo em saltos de gafanhoto com a espingarda na mão, já achou o corpulento fazendeiro sentado no chão, muito tonto ainda como se recolhesse de alguma feira, ou romaria, porém sem lesão grave, e apalpando escrupulosamente todos os ossos e costellas.

—Ah! Ah! Compadre! gritou o rendeiro extendendo a mão ao amigo e contentissimo de o ter vivo. Com que então os caçadores andam pelo sitio, e fizeram-lhe alvo da cabeça? Safa demonio! ajuntou examinando-lhe a frente mais de perto. Escapou mesmo por uma unha negra!... O maldito tinha-lhe vontade, e não queria perder a polvora. Upa!... Póde vir outra ameixa detraz do vallado, e custar-nos mais a engulir... Se foi só isso não é nada. Mas!... [85]

—Ainda não foi d'esta, sôr compadre, e se eu soubesse quem me fez a esmola... com seiscentos milheiros... de cobras!... Moia-lhe os ossos com este cajado mais moidos que pimenta em almofariz... Patife! Atirou-me como a um lobo! Ah, sôr João, vossa mercê acaso veria quem foi o alma ruim?!... Parece que tenho dentro da cabeça a mó do moinho a zoar, e que me anda tudo á roda! Ora esta!...

—Olhe compadre, o melhor é mudarmos de pouso; depois falaremos. Alli em baixo, na fonte, ata um lenço molhado na cabeça, e lá em casa lhe diremos o que vimos. Agarre-se a mim, não tenha vergonha. Forte historia!

—Antonio me não chame eu, sôr compadre, se me ficar inteiro uma semana o ladrão, que me pregou esta bala! Hei de achal-o, mas que haja de descer vestido e calçado em busca d'elle aos infernos...

—Não será preciso, homem!... Agarra-o cá em cima sem ir tão longe. Mas ha de fazer o que eu disser.

—Pois vá! Olhe que o dito, dito! Isto não se leva a rir.

—Tem razão, compadre; vamos. Trago cá uma idéa!... Emfim! O que for soará...

Os dois pozeram-se a caminho, porém muito devagar, porque Manuel Simões de cinco em cinco passos cambaleava com vertigens, a que chamava nobremente vagados. Era noite fechada, quando avistaram a Ponte da Asseca, e a casa. Chovia e trovejava que mettia mêdo. [86]

O João da Ventosa, que em todo o tempo não soltára palavra, labutando, contava elle depois, com a sua idéa, virou-se então para o fazendeiro e disse-lhe que se deitasse e se

fingisse morto enquanto ía chamar os creados.

—Que me deite e faça morto, salva tal logar?! Oh sôr compadre?! exclamou o ferido. E para quê com um milheiro de cobras?...

—Para apanhar a raposa e as gallinhas na capoeira. Você não sabe, homem!? Não vê que se quem lhe atirou atinar que perdeu a bala muda-se com vento fresco, e nunca mais lhe pomos os olhos em cima... Estire-se-me já n'esse chão, não venha alguém. Nem trus, nem buz! Pela lingua morre o peixe.

—Ora essa!... Sempre tem cousas, este sôr compadre! Com que então ainda em cima quer que me espoje n'este charco, e que feche a bôcca a cadeado?... Vá lá! Por esta não esperava eu. Arrenego!

—Viu pescar á linha sem anzol, sôr casmurro? Vamos. Esse corpanzil já por terra, e caluda! Não me demoro.

Manuel Simões, resmungando, e praguejando, sempre se foi deitando no sitio mais enchuto.

Minutos depois tornou o compadre com o maioral e o abegão, em grandes lastimas por tamanha desgraça, e levaram-o por morto em braços até á cozinha da casa, aonde o vieram encontrar, como vimos, os dois assassinos.

Os creados, apesar de conhecerem por experiencia a força herculea do João da Ventosa, benziam-se de que elle tivesse carregado só com aquelle corpo, tão pesado, desde a azinhaga, como lhes disséra. Sentiam os braços derreados só de o trazerem de tão perto!

O lavrador mandou accender fogo, e pôr agua ao lume; pediu um alentado cangirão de vinho, uma tigela de assucar mascavado, e chamou de parte a tia Margarida, ministro feminino de todas as repartições domesticas da granja, para lhe confiar o occorrido, exigindo o maior segredo. A velha esconjurou-se, louvou a Deus pelo milagre visivel, e saíu, trotando e rosnando, para fazer a cama ao fazendeiro em um vão escuro, e desviar da cozinha a vista e as orelhas dos curiosos. [87]

Seguiu-se um entre-acto bacchico, durante o qual a agua quente e o assucar serviram de pretexto ao vinho, o qual representou a parte principal. Estava já menos de meio o cangirão, quando a voz esganiçada de José Vardasca, diabrete de quinze annos, sobrinho do rendeiro, em altercação com o contralto enrouquecido da tia Margarida, obrigou os dois campeões a suspender as hostilidades. Manuel Simões amarrou o lenço manchado de sangue á roda da testa, de modo que lhe cobrisse a cara, e estendeu-se sobre a mesa de pedra. Um feixe de palha serviu-lhe de cabeceira, e uma manta cobriu-o até aos pés.

Ensaíada assim a peça, João da Ventosa abriu a porta, e com um—Olá!—que fez tremer as paredes, poz termo ao dueto da velha e do rapaz.

José Vardasca não vinha só. Acompanhava tres sujeitos, envoltos em capotes de baetão grosso de gola alta, cobertos com sombreiros de abas derrubadas, os quaes esperavam fóra da porta, no escuro, que elle dêsse ao tio o seu recado.

Ao que parece os viajantes eram conhecidos do rendeiro, porque apenas o rapaz lhe disse, quasi ao ouvido, algumas palavras, este correu sem chapéu apesar da chuva, e encaminhou-se para elles. Ninguem ouviu o que falaram, mas os creados viram desaparecer o amo e os hospedes por detraz do muro da horta, e recolher-se passado um pedaço o João da Ventosa só, em ar de quem se não tinha cansado com o passeio. As conjecturas dos servos não foram adeante. Cuidaram que elle saíra a metter os tres embuçados no [88]

atalho da azinhaga, e se acaso se admiraram foi, sendo tão largo e generoso, de lhes não ter dado agasalho em sua casa por uma noite, em que a agua era tanta, diziam os rusticos, que a podiam os cães beber de pé!

Mas o lavrador sabia melhor do que elles o que fazia. E nós, que não somos de segredos, e que não receiamos que a policia dos francezes nos tome contas em 1864, das conpirações de 1808, não duvidaremos revelar as razões do seu procedimento.

Os tres sujeitos eram nada menos do que tres delegados do conselho conservador de Lisboa, associação composta de patriotas dedicados á restauração da independencia e do throno legitimo, e decididos a todos os sacrificios para arrojarem da sua terra os soldados de Bonaparte. Tinham atado relações em todo o Ribatejo com os homens que podiam ajudal-os em seu arriscado proposito, e haviam partido dias antes da capital para se reunirem em Santarem com Manuel Coutinho e alguns cavalheiros do Sardoal, Leiria, Pernes e Rio Maior, no intento de assoprarem de mais perto a irritação popular, e de irem dispondo os animos para a sublevação geral, que meditavam, apenas as cousas lhes proporcionassem ensejo favoravel.

João da Ventosa, assim como o Manuel da Cruz, e outros visinhos, iniciados em parte do plano, executavam com cega fidelidade todas as ordens emanadas d'este governo occulto e revolucionario, que na ausencia da familia real, e em presença do jugo estrangeiro, representava para elles a unica e verdadeira auctoridade do paiz. [89]

O rendeiro, pois, assim que os tres desconhecidos lhe repetiram as palavras, que serviam de senha aos amigos da liberdade—pelo rei e pela patria—largou tudo, e offereceu-se logo para o que mandassem com a maior submissão.

A reputação diabolica da Casa Negra, guardava-a por tal modo da curiosidade, que nenhum refugio mais seguro podiam encontrar os conspiradores, não só para pernoitar, mas afim de celebrarem as conferencias. Explicaram os seus desejos ao lavrador, e este, que o medo dos fantasmas não vexava, guiou-os pela horta a uma entrada secreta, disfarçada com um tapume de tábuas, e introduziu-os nas salas e aposentos do primeiro andar do palacio. Accendeu luz com o fuzil, ensinou-lhes alguns dos segredos dos quartos e corredores, e prometteu trazer-lhes vinho e refrescos.

A chegada do sargento e dos presos, espertando a imaginação do malicioso rendeiro, e a coincidencia de abrigar debaixo do mesmo tecto a victima e os assassinos, suscitou-lhe a idéa de salvar Paulo de Azevedo e sua filha das garras dos agentes de Lagarde, castigando ao mesmo tempo a perversidade de Cabrinha e do seu acolyto. Avisou os delegados do conselho de Lisboa, ajustou com elles a maneira de fazer evadir o cavalheiro de Mafra e Leonor, condemnou o fazendeiro á immobibilidade, assegurando-lhe em premio da sua paciencia as delicias da vingança, e para não omittir nenhum episodio distribuiu ao travesso José Vardasca o papel conspicuo de phantasma branco, marcando a todos a meia noite, como a hora mais opportuna para o feliz exito do drama.

Sabemos qual foi o resultado. Os milicianos fugindo, o *Sapo* correndo até perder o folego, e o sargento estatelado sem sentidos no meio da cozinha! O que se tornou mais difficil foi calar os berros do intrepido José Vardasca, assombrado com a vista do fazendeiro, e convencel-o de que não estava com um defunto, mas com um homem vivo e inteiro. O rapaz não se rendeu á evidencia, senão depois que viu e apalpou como S. Thomé. [90]

O sargento, cujos ossos ameaçou por umas poucas de vezes o cajado, ou antes a clava de Manuel Simões, e que o João da

Ventosa não trabalhou pouco por salvar ainda d'esta vez, o sargento, desmaiado e inerte, foi levado para cima de um catre e vigiado por um dos moços com ordem de chamar o lavrador assim que abrisse os olhos. O fazendeiro da Aramanha, mal rompia a aurora, tomando o conselho do compadre, montou n'uma egua, e partiu para casa a descansar, não sem primeiro rezar um responso ás costellas do virtuoso Cabrinha e ao pescoço de Gaspar Preto, aonde quer que os encontrasse.

O sargento esteve duas horas sem accordo. Quando voltou a si não via senão fantasmas em redor da cama. Custou a socegal-o.

O que mais abalára aquella alma seraphica fôra a fuga dos seus presos! Não podia conceber como lhe tivessem escapado, e na sua dor pharisaica arrepellava as melenas, e blasphemava como um possesso, jurando contra Satanaz, contra a Casa Maldita, e contra si. Mesmo de noite quiz saír. Pediu o cavallo, outro espectro na transparencia e magreza, e cravando-lhe as esporas voou a Santarem, talvez na esperança de ainda pôr a mão em cima da presa.

Voltemos agora á Azenha de Cima, aonde deixámos Manuel Coutinho e o Antonio da Cruz, esperando pelas horas mortas da noite afim de emprehenderem a campanha planeada por ambos. [91]

Apezar da chuva caudal e dos relampagos, o moço do moinho, garoto leve como um ginete, que via de noite como os gatos, e era capaz de entrar pela bôcca de uma manilha, tinha sido mandado pelo amo á descoberta até á Casa Negra com ordem expressa de não se deixar agarrar, e de espreitar em roda com a sua curiosidade habitual. O rapaz partiu a correr, como se a agua lhe não batesse em cima ás torrentes, e uma hora depois voltava com a noticia de que os presos estavam na Casa Maldita, de que o sargento, o *Sapo*, e os milicianos ceivavam regaladamente com o João da Ventosa, e de que o corpo do Manuel Simões fôra recolhido pelo lavrador, e jazia com uma véla aos pés e outra á cabeceira na mesma cozinha, aonde o beleguim emerito e seus sequazes se estavam banquetecendo.

Em toda esta chronica, narrada pelo moço com incrivel volubilidade, o que mais socegou o animo de Antonio da Cruz foi a certeza, de que o cadaver do fazendeiro da Aramanha não desaparecêra, como se dizia, por artes do demonio. Estava prompto a medir-se e a arcar com uma companhia inteira de milicias, mas o inimigo do genero humano tremia só de cuidar que poderia encontrar-se com elle um só instante!

—Ah José! disse depois de certa pausa. Então o sôr João da Ventosa é que levantou o corpo do Manuel e o levou para casa?... Estás bem certo? Viste?...

—Com estes dois que ha de comer a terra, respondeu elle, fazendo uma cruz com os dedos, e beijando-a. Assim me Deus salve a minha alma. Ah patrão, que *diluvio* de agua que vae por ahi abaixo! Parece que quer alagar-se hoje o mundo. Credo!... [92]

—É verdade! accudiu o moleiro. Vens um pinto... Vamos! Que tal te sabia um trago, ou dois de agua pé, ein? A roupa não te pesa e estás tiritando que parece que te apanhou uma sezão...

O liquido medido com largueza pagou os trabalhos do moço, e o amo despediu-o logo depois, em quanto Manuel Coutinho passeiava de um lado para o outro inquieto e murmurando por entre dentes algumas palavras.

—Antonio! observou o mancebo, parando de repente defronte do moleiro, e encarando-o firme. Atreves-te a ires commigo á Casa Negra, para enxotarmos de lá o sargento e

a sua quadrilha? Elles são oito, ou nove, mas nós dois bem armados e decididos?!...

—Valemos por dez ou doze. Vá feito, senhor! A espingarda é de dois canos e a choupa está amolada... V. s.^a quer a outra espingarda? É um instante em quanto se carrega?

—Não!... Sim!... Carrega! Guardarei as pistolas e a espada para o fim se for preciso.

—Quer que vamos já?... Sinto uns formigueiros n'este braço, que não me deixam senão quando assentar em cheio duas boas lambadas nas costas do sargento e na cabeça d'aquelle alma ruim do *Sapo*...

—Não as perdem, mas espera!... Que bebam até cair. Nós os faremos erguer. Podes fumar homem!

—Com sua licença.

O dialogo acabou aqui. Manuel Coutinho sentou-se com a cabeça entre os punhos e os cotovellos na mesa, scismando, e o Antonio poz-se com todo o vagar a carregar e escorvar a espingarda. Depois foi ver as mós se tinham grão, abriu o ladrão da presa, e quando tornou, veio encontrar ainda o patrão na mesma posição com o relógio deante de si e os olhos cravados nos ponteiros.

[93]

—Agora! exclamou o mancebo levantando-se com impeto. É meia noite! Esperam por nós. Vamos! E cobrindo-se com a manta, que o Antonio extendera a enxugar ao lume, passou as pistolas no cinto, apertou o boldrié da espada mais alto, e pegou na espingarda.

O moleiro ainda se apromptou mais depressa. Enrolou-se na manta, cobriu com ella a coronha e os fechos da clavina, metteu-a debaixo do braço esquerdo, e empunhou com a mão direita o inseparavel varapau rematado pela choupa. No momento, em que estava dando volta á chave da porta um immenso clarão livido abriu os céus, o outeiro illuminou-se de fulgores sinistros, e a casa tremeu com a terra ao ribombo do trovão perpendicular. Apezar da sua intrepidez os dois recuaram quasi assombrados até ao meio do aposento: Santa Barbara! bradou o Antonio benzendo-se. Jesus! clamou o amo ao mesmo tempo. Ficaram immoveis ambos olhando um para o outro.

—Deixemos passar a maior, senhor! disse d'ahi a instantes o vigoroso aldeão. Ella anda mesmo por cima da nossa cabeça...

—Pois sim. Deixemos! redarguiu Manuel Coutinho sentando-se no banco defronte da porta.

Minutos depois outro relampago menor allumiou o campo, e á luz d'elle viram vir correndo ennovellado direito ao moinho um vulto, que mais parecia na velocidade um furacão, do que um homem.

—Oh lá! disse em voz cheia o moleiro. Castelhanos por aqui á meia noite?! Quem temos? É bom vêr sempre!...

Não teve tempo para mais, do que para se desviar, estender o braço, e segurar pela golla o impetuoso vulto, tão cego na partida, que se elle não se arreda a tempo, colhe-o pelos peitos, despedido como uma bala de canhão, e atira-o ao chão, porque trazia força para arrombar portas e paredes.

[94]

—Ah, sô amigo, aonde vamos com tanta pressa? exclamou o Antonio, o qual affeito a apanhar na praça os bois de cara, amarrava ao limiar com o vigoroso pulso o desconhecido, que, estafado e convulso, estacou arquejante e sem poder falar.

Manuel Coutinho, callado e quasi indifferente, havia-se aproximado da porta, e contemplava a scena, como quem só desejava, que ella se não prolongasse. Antonio da Cruz adivinhou a impaciencia do mancebo, e voltando-se para elle disse-lhe:

—É um instantinho, meu amo! Entretanto amaina mais a chuva... mas nadar por estas horas com mouros na costa, nada!... Vamos, patrão, desate-me já a lingua, como desatava as pernas pelo cabeça arriba, e diga para ahi quem é, e o que faz correndo por esta linda noite até á porta da gente de bem!... Vamos, desembuche, senão!...

—Sou... Sou...

—É! É... Quem? Cousa boa, não decerto. Com a breca! Entre que lhe queremos ver o focinho á candeia. Melros ás escuras podem sair morcegos!...

E ao mesmo passo arrastava para dentro da cozinha o vulto, que escorrendo em agua, e cortado de frio e medo, nem lhe resistia, nem tinha animo para articular palavra. Apenas lhe metteu a luz ao rosto, o moleiro, fitando-o, voou de um salto á porta, fechou-a, e voltando-se para Manuel Coutinho, disse-lhe com um riso amarello:

—Aposto que v. s.^a não é capaz de adivinhar quem o diabo nos trouxe por aqui? Sabe quem é este cara de fuinha?...

[95]

—Nunca o vi. Não o conheço.

—Pois olhe que perde!... Isto é o maior heroe cá dos sitios... Nem mais nem menos, do que o sôr Gaspar Preto, por alcunha o *Sapo*!...

—O *Sapo*? Já te ouvi esse nome... Será?!...

—O maior ladrão e traidor da cafila dos jacobinos... Oh, mas por aqui a esta hora, não é natural! O sargento Cabrinha não anda longe, aposto!... Este velhaco é o seu braço direito...

—Percebo!... bradou o mancebo, deitando tambem a mão ao *Sapo*, e saccudindo-o de modo, que se repetisse, ameaçava desconjuntal-o. Antonio! Não o deixes escapar! Foi Deus que o trouxe...

—Deus?!... Antes o demonio, cujo é!... Não importa. Veiu por guloso? Pagará as dividas que tem na minha conta. Se havia de ser amanhã é hoje. Gaspar! Toma sentido! Se não me respondes direito, por alma de minha mãe te juro, e sabes que nunca jurei em vão, que deixas aqui a pelle pelos nós d'essa corda, ou os ossos na vara do meu cajado...

—Sôr Antonio, por quem é!...

—Por quem sou mesmo. Prometti, e costume cumprir.

—Nunca lhe fiz mal...

—Hum! Nem bem!... Vamos! Cabeça alta e lingua solta. D'onde vens?

—Da Casa Negra, aonde appareceu o demonio ao sargento, a mim, e aos milicianos.

—Ah! Ah! accudiu Manuel Coutinho. Deixa-me perguntar. Este fio póde levar-nos longe.

Interrogado pelo mancebo, entre o pavor dos espectros e o medo das ameaças de Antonio da Cruz, Gaspar Preto fez uma confissão geral tão sincera, que até o segredo do tiro dado em Manuel Simões lhe saltou quasi todo da bôcca sem se sentir. O pavor ensandecia-o.

[96]

—E affirmas não estar já ninguém na casa, senão os presos?

—Ninguém, a todos os vi fugir, como lebres...

—E o sargento?

—Desappareceu. Foi o primeiro.

—Bem! Agora nós! atalhou o moleiro. O que vinhas tu aqui cheirar ante-hontem? Se disseres a verdade não te toco.

—Eu!... Eu!...

—Tu sim!

—Vinha ver... se havia gente de fóra por cá!... redarguiu o malsim contido pelo olhar firme de Antonio, e estorcendo-se como se lhe estivessem dando tratos.

—Ora graças a Deus! Já confessas!... Vinhas então como espia! Está bom. Outra pergunta. Quem foi ao Casal do Ouro? Fala!...

—Eu!... Suspirou tremulo o miseravel.

—Quem te mandou?

—O sargento... Que eu por mim!...

—Bem sei. Vamos a outra historia. Esta tarde deram um tiro no Manuel Simões?... Vê bem! Quem foi? Olha lá se mentes!...

Gaspar sentiu dobrarem-se-lhe os joelhos, fugir-lhe a vista, e zumbirem-lhe os ouvidos. Esbugalhou os olhos, e por mais que quizesse não poudo pronunciar uma syllaba.

—Quem deu o tiro, quero saber! repetiu o moleiro, meneando o varapau e encarando o assassino com terrivel gesto.

—Não sei... Não sei...

—Sabes e viste. Essa cara de réo o está confessando. Fala. Quem foi?

—Eu!... por descuido...

—Descuidos teus, já sei. É o que suppunha. Agora vê lá!... O sargento não te tinha dito nada?...

Houve uma pausa longa. O *Sapo* chorava, supplicava, mas não redarguia á interrogação.

—V. s.^a já viu esmagar uma osga contra uma parede? bradou o Antonio fuzilando-lhe as pupillas, e convulso de cholera. Pois vae ver. Juro-lhe, se este cão se cala um minuto, que deixa os miolos n'aquelle muro.

[97]

—Pelo amor de Deus!... Sôr Antonio não me deite a perder!...

—O sargento sabia?... replicou o outro alçando o cajado.

—Jesus!... Não me mate!

—Sabia ou não?...

—Sabia!... rosnou o malsim quasi sem sentidos de terror.

—Quanto te prometteu... pelo tiro? Conheço-te. Tu de graça não o disparavas.

—Agora isso não! Póde matar-me, mas não confesso.

—Eu matar-te?... Para que? O carrasco não come pão de graça.

—Então entrega-me?!...

—Com anginhos nos dedos e ferros aos pés. Juro-te! Dize a verdade, homem. Do mal o menos. Quanto te prometeu? Olha que a corda, que ha de pendurar-te na forca, já está fiada e torcida...

—Se eu disser não me descobre?

—Não! O teu crime te descobrirá. Quanto?

—Seis moedas...

—Por conta, ou ao todo?

—Por conta. As outras seis... havia dar-m'as em Lisboa... quando levassemos os presos.

—Ah! Agora repara. Vamos ás nossas contas. Gaspar, devote uma sova mestra pelo natal passado e outra por este entrudo. Bem te has de lembrar por quê!... Mas perdôo-te, tudo, e até no tiro dado em Manuel Simões não hei de boquejar... se juras fazer ao sargento o que elle te mandou fazer aos outros...

—Matal-o?!... exclamou o *Sapo*, cuja vista feroz se inflammou. [98]

—Não, maldito! A justiça que o mate, quando o sentencear!

—Então?!...

—Quero que vejas, que ouças, e que me digas tudo quanto elle fizer? Percebeste?

—Sim senhor...

—Vê lá. Se te escorrega um pé, ou a lingua, e eu o sei... guarda-te!

—Não ha de ter razão de queixa. Sou-lhe muito obrigado.

—Não me dês mel pelos beiços, que não sou abelha. Cuidado commigo. Depois!...

—Já lhe disse. Fique descançado.

—Fico, fico! Não tem duvida. Agora vens connosco á Casa Negra.

—Oh, sôr Antonio, por alma de sua mãe, pela sua boa sorte, tudo quanto mandar, menos isso... Sirvo-o de rastos, estou prompto a lamber o chão aonde pozer os pés, mas tornar alli... isso não!

—Ah! Tens medo do diabo?...

—Mate-me, entregue-me, faça de mim o que quizer, mas não volto lá.

E as feições repulsivas do malsim exprimiam por tal modo o medo e o espanto, e revelavam uma resolução tão decidida de se expor a tudo para não obedecer, que Manuel Coutinho disse algumas palavras ao ouvido de Antonio da Cruz.

—Pois bem, esperarás por nós. Ahi te deixo agua pé e brôa. Mas sentido! Olha que te quero encontrar á volta!... Forte homem! Ter pavor assim de almas do outro mundo!...

—Ah! sôr Antonio! Se você visse!... O fantasma branco alto como um cypreste crescer para si, e o defunto sentar-se de repente e olhar... Ai Jesus! Parece que os estou vendo ainda! [99]

Quando me lembro cuido que enlouqueço!...

—Está bom! Está bom! Até logo! Com que viste o defunto e o fantasma?... insistia o moleiro serio e apprehensivo, olhando para o amo com certo enleio.

—Como o estou vendo a você, sôr Antonio. Credo!...

Manuel Coutinho encolheu os hombros, conchegou o capote e saiu. O Antonio não teve mais remedio senão seguil-o, mas apezar de todo o seu valor benzeu-se, e o coração batia-lhe mais riço no peito, do que se visse um touro partir contra elle enfurecido.

IX

Que talvez podesse servir de prologo

Deixemos descansar por um pouco os heroes d'esta mui veridica historia, em quanto corremos rapidamente os olhos pelos successos, de que a Peninsula foi theatro n'este periodo memoravel.

Sem um resumido esboço, dos factos, que servem de fundo e de moldura ao quadro, difficilmente formará o leitor exacta idéa d'elle.

Os francezes, como dissemos, tinham atravessado as provincias, e entrado na capital com o nome de amigos. Retirando-se com a esquadra para o Brazil, o principe regente entregára em suas mãos o reino sem defeza. As ultimas ordens de sua alteza, datadas de 26 de novembro de 1807, ordens pacificas e conciliadoras, abrindo-lhes as fronteiras, ajudaram mais, que as armas, os generaes de Bonaparte a superar os obstaculos da invasão.

Junot confessou-o nas primeiras proclamações! A obediencia, tão elogiada por elle, e dictada pelas circumstancias, ainda não encerrava os ressentimentos, que tornaram depois vacillante e precario o dominio estrangeiro.

O regimen absoluto, que as reformas do marquez de Pombal não conseguiram remoçar, adoecia de incuravel decrepidez. [101] Muitos homens illustrados, que o grandioso espectaculo dos acontecimentos advertia, suspiravam por uma renovação, que não podia nunca ser inspirada, bem o sabiam elles por experiencia, nem pelas idéas, nem pela iniciativa de um governo caduco.

Esta illusão de animos generosos durou pouco. Os que amavam sinceramente a patria depressa se desenganaram da vaidade das promessas dos conquistadores.

Estes, apenas se reputaram seguros, arrancaram a mascara, e pozeram termo ás complacencias. Assim que viu reunidos e repousados os corpos dispersos por longas e precipitadas marchas; assim que os soldados lhe pareceram restaurados da fome, das inclemencias da estação, e da aspereza do transito o general em chefe cançou-se de dissimular, falando com a altivez de vencedor aos que o tinham recebido como hospede!

Foi então geral o sobresalto. Os actos despoticos e oppressivos dir-se-iam calculados para irritar o ciume e o amor proprio do paiz. As guardas de Lisboa confiadas só aos francezes; o emprestimo forçado imposto ao commercio com o praso de vinte dias; a insolencia do famoso decreto de Milão condemnando como sujeito a resgate o reino que não

fôra conquistado; as armas reaes picadas do frontão dos edificios publicos; e a bandeira nacional arriada no castello e nas fortalezas, e substituida pelos estandartes tricolores, foram outros tantos erros dos dominadores, que a saudade da independencia registrou como ultrajes.

Desde o dia 13 de dezembro, em que Junot rodeado de pompas guerreiras, mandára baixar o pavilhão das quinas deante das aguias do Sena, nunca mais houve paz entre a nação offendida e os invasores. A luva ficou desd'esse dia no chão por falta de chefe, que a levantasse; porém, decorridos mezes, Portugal erguia-se para responder á provocação, envidando valor igual aos brios. [102]

Atraz da occupação da pequena monarchia, que o orgulho do gabinete de Saint Cloud estava ainda longe de suppor, que podesse tornar-se em breve um dos inimigos implacaveis de sua ambição, pouco se dilatou a invasão de toda a Hespanha. Assignando o tractado de Fontainebleau, que repartia os membros de Portugal entre os Bourbons, os francezes, e o principe da Paz, auctorizando a entrada de quarenta mil soldados em seus dominios, Carlos IV não percebeu que firmava a propria abdicação.

Bonaparte anciava um pretexto para realizar os seus designios. Deram-lh'o os enredos aulicos, o nucleo de descontentes, de que se rodeava o principe das Asturias, depois Fernando VII, e a má vontade de todas as classes contra o ministro omnipotente, valido do monarcha e amante da rainha; deram-lh'o igualmente a miseria, a inquietação, a decadencia geral, e o presentimento de immensas catastrophes.

As dissensões da côrte, filhas da lucta do herdeiro da corôa com os soberanos e com o privado, D. Miguel de Godoy, e a indiscreta revelação dos aggravos reciprocos, levada ao tribunal do imperador, para este sentenciar como arbitro a familia real, ajoelhada a seus pés, facilitaram a occasião appetecida por Napoleão I, precipitando a queda do ministro entre violencias e tumultos, coagindo a abdicação de Carlos IV, e apressando a saída de Fernando VII para Bayona.

Vendo por terra o diadema dos Bourbons de Hespanha Bonaparte não o restituiu a Carlos IV, nem a Fernando VII, cingiu-o na frente de seu irmão, o rei de Naples, escolhido para reinar entre bayonetas sobre a monarchia de Izabel a Catholica. Os principes despojados resignaram-se, mas a Hespanha protestou. Madrid insurgida deu o exemplo. Murat cuidou suffocar a sublevação pelo terror dos supplicios. Illudiu-se. O sangue vertido na capital em 2 de maio tornou irreconciliavel a nova conquista com o imperio. A nação respondeu aos canhões, aos fuzis, e ás execuções militares com a resolução indomita, que as adversidades confortam, e os triumphos exaltam. [103]

A ira fez soldados os habitantes da Peninsula. O odio da servidão resuscitou os dias de Viriato e de Sertorio. Cada rochedo, cada tronco, de arvore, cada balsa escondeu um inimigo; e para repellir os oppressores até os velhos saccudiam os gelos da idade como mancebos, e as crianças pelejavam como homens. Por um, que expirava, erguiam-se mil. N'esta nova seára de Cadmo o ferro, tocando a terra, levantava legiões de heroes. O chão fugia debaixo dos pés aos veteranos da Italia e do Egypto, e a espada dos marechaes, quebrada sem gloria, ameaçava em vão as fragas de um territorio, que, alastrado de cadaveres, e abrazado pelas armas e pelos incendios, até cuspia de si os ossos do estrangeiro, negando-lhes a paz do tumulo!

Oviedo, a antiga e venerada côrte das Asturias, recordando, que suas montanhas tinham sido berço e asylo da renascença christã, alçou ousada o seu estandarte. Cadix e Sevilha acompanharam-n'a. Granada e Valencia insurgiram-se logo depois. Toledo, Santander de Biscaya, Saragoça, Tortosa, e Galliza, não ficaram atraz. Dentro em pouco os

esquadrões francezes, encanecidos nas luctas d'esta epocha [104]
de prodigios, já não chamavam seu mais do que ao terreno
aonde combatiam.

As juntas de salvação e defeza, á medida que as terras se
iam sublevando, exprimiam o seu pensamento de porfiada
resistencia. Filhas legitimas da revolução, os revezes e os
sacrificios não as desanimavam. Diversas e oppostas muitas
vezes no character e nos costumes, nenhuma trahiou o seu
juramento. Preferindo para mortalha da Hespanha os muros
voados e as torres arrazadas das praças de guerra e das
antigas cidades, todas rejeitaram a clemencia injuriosa, que
lhes promettia o perdão em troca do soberbo dominio a que
a Europa quasi inteira curvava então a cerviz.

Os successos correram como a impaciencia dos contendores.

A invasão, que talára a provincia de Granada, derrotadas por
Castaños as tropas imperiaes, foi obrigada a retroceder. A
capitulação de Bailen quebrou o prestigio das legiões
invenciveis. Os francezes, acoçados de posto em posto,
tiveram de evacuar Madrid, e recuando deante do impeto da
nação armada, só pararam ás margens do Ebro. Os capitães
mais ousados aprendiam, finalmente, a conhecer, que vale
mais o esforço de um povo unanime, do que a espada feliz do
mais do maior homem de armas.

A junta central de Aranjuez, composta de deputados de
todas as provincias, constituiu-se como representante de
Fernando VII, captivo em Valençay, e assumiu a suprema
dircção, conferida pelas necessidades e o heroismo pelo
paiz. A Inglaterra, senhora por tanto tempo do sceptro dos
mares, disputando a Napoleão em todos os campos de
batalha a primazia no continente, ouviu de repente os
clamores dos descendentes de Pelaio, e contemplando o [105]
arrojo, com que elles se atreviam contra o poder que
desmaiava os monarchas mais poderosos, estremeceu de
jubilo, e saudou n'este commettimento audaz a aurora do dia
de Waterloo.

Em Portugal, apesar de não ser menos vivo e intenso o odio,
não foi tão prompta a explosão. Mas a chamma, por calar
debaixo de cinzas, não rompeu por isso com menor violencia.

No dia 5 de fevereiro de 1808, na occasião, em que as
auctoridades francezas se reputavam mais firmes, reuniram-
se encobertamente em Lisboa seis homens, que nenhuma
distincção hierarchica apontava para chefes, mas que a
firmeza da vontade e o desprezo dos perigos recommendam
ao louvor da posteridade. Chamavam-se Matheus Augusto,
José Maximo Pinto da Fonseca Rangel, José Carlos de
Figueiredo, Antonio Gonçalves Pereira e André da Ponte de
Quental da Camera. Juraram na presença de Deus empregar
as forças, os bens, e a vida com fervor até conseguirem
restituir ao principe regente, a sua corôa, e á patria o seu
esplendor e liberdade.

Juntavam-se ás oito horas da noite alternadamente uns em
casa dos outros, e desde logo se occuparam de minar o chão
debaixo dos passos dos invasores, descobrindo no meio do
seu cortejo os illudidos e os coactos para os discriminar dos
vendidos e traidores, e sondando o animo dos officiaes
militares, dos magistrados, e dos ecclesiasticos para indagar
a sua disposição, apurando aquelles com que podia contar.

Esboçada a conspiração, e protegida por inviolavel segredo,
princiaram os primeiros conjurados a attrahir outros,
engrossando o numero dos cumplices. Á policia, regida por
Lagarde, chegaram cedo os echos d'esta empreza, que, [106]
tomando corpo á proporção que os acontecimentos
caminhavam, era já na primavera de 1808 uma verdadeira
potencia, fortificada pelos votos concordes do patriotismo
portuguez, e pela coadjuvação de valiosos auxiliares
recrutados nas fileiras do exercito nacional, nas casas mais
illustres da fidalguia, e nas classes respeitadas do clero, da

toga, e do commercio.

Quando Junot embarcou em virtude da capitulação de Cintra, só os cabeças de bando, representantes, perante o Conselho Conservador, da multidão dos adherentes, excediam de *cento e oitenta*, e os homens, de que podiam dispor, não baixavam de tres, ou quatro mil, com sete peças de artilheria, 370 cavallos do regimento da Luz, e da guarda real da policia, 112 officiaes avulsos, e 710 bayonetas!

Saltemos agora as semanas, que nos separam dos meados de junho de 1808, e observemos o estado das cousas já bastante alterado no curto espaço de sete mezes.

Determinára a Providencia que do excesso dos males, que flagellaram a Peninsula se gerassem as causas, de que primeiro renasceu a independencia, e depois a liberdade. As scenas de Bayona, e a repressão cruel dos tumultos de Madrid despertaram a Hespanha do somno, em que a falsa alliança dos francezes a embalava. Badajoz sublevou-se a par de outras terras importantes no dia 30 de maio, e á sua voz principiou a provincia do Alemtejo a agitar-se. Ao norte a Galliza, com os bellos portos do Ferrol e da Corunha, e a sua população briosa e accumulada, não hesitou igualmente em saccudir o jugo.

Os dez mil hespanhoes aquartelados no Porto, que depois da morte do general Taranco obedeciam ao marechal de campo D. Domingos Ballesta, receberam ordem da junta para recolherem, aprisionando o general Quesnel, governador militar da cidade, e todos os officiaes e soldados, de que podessem apoderar-se. [107]

Ballesta executou a ordem, e chamando as auctoridades da segunda capital do reino, perguntou-lhes, antes de partir, por quem se decidiam? Pela patria, responderam alguns.

O castello de S. João da Foz, de que era major Raymundo José Pinheiro, arvorou a bandeira portugueza, e a guarnição communicou com o brigue inglez *Eclipse*, o qual esperava os acontecimentos, cruzando proximo da costa. O povo não se moveu. A occasião ainda não estava madura.

Os timidos conselhos do brigadeiro Luiz de Oliveira prevaleceram. O Porto tornou a submeter-se ao governo de Napoleão I.

A 9 de julho chegou a Lisboa a noticia da insurreição das tropas hespanholas e da prisão de Quesnel.

O perigo eminente estimulou o duque de Abrantes.

A divisão Caraffa, composta de seis batalhões de infantaria, de um regimento de cavallaria, e de algumas baterias de artilheria, ardia em desejos de imitar seus irmãos de armas, provocada pelos emissarios expedidos a toda a pressa de Sevilha e Badajoz. Junot antecipou-se. Vinte e quatro horas depois os soldados de Fernando VII, presos e desarmados, embarcavam para bordo dos pontões francezes, e sómente poucas companhias do regimento de Murcia e alguns hussards do Maria Luiza conseguiam escapar-se.

Por meio d'este golpe ousado o general em chefe, retaliando as hostilidades dos patriotas, soube refrear a tempo as impaciencias e a animosidade dos habitantes irritados. Loison saíu a 17 de Almeida sobre o Porto com a sua columna, afim de se oppor ás tentativas da Junta de Galliza, e a 20 passava o Douro no Pezo da Regua. Mas o dia das iras populares tinha alvorecido. Rodeado por todas as partes de inimigos invisiveis, que fuzilavam suas tropas por traz das vinhas e dos rochedos, pendurados sobre a corrente torva e arrebatada do rio, volveu já sobre a noite ao Pezo da Regua, e tornou a vadear o Douro para a outra margem, abençoando a precipitação boçal dos camponezes, que o salvára quasi por milagre de uma ruina completa. [108]

O Minho e Traz os Montes, sublevadas em massa, acabavam de empunhar as armas, proclamando a independencia. Mais alguns passos de Loison além de Mesãozinho, mais prudencia e calculo da parte dos aggressores, e a columna franceza encontrava a sepultura n'aquelles penhascos e desfiladeiros immortalizados pela sua derrota!

Em quanto Junot quebrava por um lance audacioso a espada nas mãos dos batalhões de Caraffa, Manuel Jorge Gomes Sepulveda, tenente general, e governador militar do norte, em idade proecta, acclamava a restauração da dynastia de Bragança, e era seguido pelas terras mais notaveis das duas provincias.

No dia 18 a revolução rebentou no Porto, e no dia 19 foi [nomeada](#) a primeira junta portugueza, cujo papel havia de ser tão importante nos successos, que se precipitavam. Coimbra Pombal, e Leiria seguiram o exemplo do Porto, e a insurreição crescendo e alargando-se, batia pouco depois ás portas de Lisboa, ameaçando o dominio estrangeiro, tanto pelo lado do norte, como pelo lado do sul. Desde os Algarves até Evora e Beja levantou-se o mesmo grito de exterminio correspondido por milhares de vozes.

Antes de combater a insurreição a ferro, o duque de Abrantes chamou em seu auxilio o braço ecclesiastico, convidando-o a fulminar as populações armadas. [109]

Uma pastoral do cabido patriarchal representou como crime e peccado inexpiable a resistencia ao grande e invencivel Napoleão, declarando a culpa sujeita a excommunhão maior sem prejuizo das penas temporaes. Esta profanação sacrilega serviu só de aviltar aos olhos do paiz os ministros do altar, que não se envergonhavam de offerecer o incenso do templo e o beijo de Judas contra a liberdade á vontade despotica dos oppressores. Os raios mal forjados nas sacristias caíram frios e inermes deante da resolução e da perseverança dos que pelejavam pela patria, e a famosa proclamação ao Divino, despresada como merecia, não roubou ás fileiras nacionaes um só defensor.

A resposta de Bonaparte em Bayona á deputação portugueza foi mais eloquente para fazer de nós soldados, do que as excommunhões dictadas no quartel general francez. O imperador, julgando a occupação de Portugal legitima depois da partida da familia de Bragança, tractava o pequeno reino desamparado com os rigores devidos a uma colonia ingleza!

Era a sua idéa e a sua politica. Pouco lhe importavam o amor e a confiança dos novos subditos. Não os temia nem o preocupava o que havia de dispor afinal ácerca do seu destino. Junot, que os conhecia melhor, tinha procurado attrahil-os, e chegára a linsongear-se com a esperanza de os adormecer a ponto de lhes riscar da memoria as saudades da dynastia e da independencia. A obediencia imposta pela força afigurava-se-lhe esquecimento, e nos seus officios ao ministro da guerra o governador de Paris traduzia os vivas venaes da plebe ao sabor dos seus desejos, pintando a nação tranquilla, submissa, e satisfeita. A explosão das provincias e os murmuros da capital vieram depressa acordal-o d'este sonho! [110]

Olhou. Não viu em volta de si, senão odios mal reprimidos, ou adhesões falliveis e compradas. A pobreza e a miseria, filhas do bloqueio, que paralysava o commercio, tornavam ainda mais critica a sua posição. O cambio do papel moeda subira a 31 e a 32 por cento; o pão custava 75 réis o arratel. A carestia dos generos, tornando a vida difficil e dolorosa para as classes indigentes, aggravava o descontentamento geral. A Junta dos Tres Estados, reunida para pedir um rei a Napoleão, proporcionou ao juiz do povo José de Abreu Campos, a occasião appetecida de manifestar os verdadeiros sentimentos do paiz, desenganando o duque de Abrantes, de

que se achava só e detestado com o seu exercito no meio de populações hostis, que suspiravam pela hora de restaurar a liberdade e o throno de seus principes.

No mez de junho estavam dissipadas todas as illusões. Admirado do arrojo com que paizanos quasi sem defeza se arriscavam ao encontro de legiões aguerridas, Junot exclamava: «Portuguezes! Que delirio é o vosso? Em que abysmo de males vos despenhaes? Ao cabo de [sete](#) mezes de paz e harmonia, porque razão correis ás armas?» Concluindo com a lei marcial, ameaçava as villas e cidades com o saque e o incendio, e os cidadãos com a morte!

Se estivesse mais lembrado da sua juventude deveria recordar-se do modo por que a França respondêra heroicamente aos que lhe apontaram a espada ao peito dizendo o mesmo.

X

Tolda-se o tempo

Transportemo-nos um pouco antes dos successos esboçados nas paginas antecedentes aos paços da inquisição, situados no Rocio de Lisboa, aonde hoje ergue o seu frontão votado ás Musas o theatro de D. Maria II. Em algumas das salas e aposentos do antigo palacio dos Estãos, restaurado pelo marquez de Pombal, assentou Lagarde as repartições da policia geral do reino. Era justo! Ao lado do santo officio da fé o santo officio da usurpação. As duas inquisições fraternalmente hospedadas uma a par da outra não podiam offender-se do acaso que as unia! Soldados da guarda real da policia, corpo fundado e disciplinado pelo conde de Novion, emigrado francez que as victorias de Bonaparte e a invasão de 1807 lançaram outra vez nos braços dos seus compatriotas, guardavam as portas de fóra, ou de espadas em punho vigiavam os corredores e camaras, que precediam o quarto reservado aonde o proconsul se encerrava com os seus confidentes.

Deixemos passar esses vultos, que pisam os sobrados nas pontas dos pés, escorregando quasi como sombras. São rodas secundarias da machina. O olhar enviezado e inquieto, o rosto meio escondido na dobra do capote, e a humildade rasteira denunciam, sem necessidade de mais exame, os delatores obscuros, ou os agentes provocadores, destacados nas ruas e praças, ou nas tavernas para escutar e repetir os clamores de indignação das multidões. Esperemos que algum personagem de elevada gerarchia appareça, e nos introduza no gabinete discreto e só accessivel a poucos eleitos, aonde o magistrado estrangeiro conta as pulsações do coração de Portugal, e segue com a vista fria e penetrante os estremecimentos de cholera, ou de impaciencia do paiz, cançado da oppressão e envergonhado do silencio, em que a supporta ha sete mezes! [112]

O general Junot, governador de Paris, entra pelo braço do conde da Ega, seguido de seus ajudantes de campo. O ministro Herman, encarregado dos negocios do reino e da fazenda, ex-commissario imperial, não se demora atraz d'elle. Lunyt, secretario d'estado da marinha e da guerra já os tinha precedido. A concorrencia de taes pessoas inculca acontecimento notavel, e é de crer que o conselho se não separe sem que alguma providencia venha esclarecer o segredo dos ultimos dias e dos ultimos successos. Quem nos abrirá caminho até ao famoso reposteiro, que deante da entrada da sala vedada representa para os profanos o papel de véu de Pythagoras? As sentinellas, immoveis como

estatuas, velam fieis ás ordens recebidas. Os porteiros, em ar protector, ou mysterioso, despedem os pretendentes e os importunos. Um cordão de empregados corta á curiosidade todos os passos. Gritou-se, porém ás armas. O uniforme de um official superior reluz na extremidade de extenso [113] corredor. Os subalternos inclinam-se profundamente, e respondem em voz submissa ás perguntas imperiosas, que lhes dirige. Acompanhemos este iniciado. É o capitão de mar e guerra Magendie, commandante da marinha. Seguindo-o, temos a certeza de não encontrar obstaculos.

Quando o recém-chegado franziu o reposteiro de panno escarlata orlado de branco, no meio do qual campêa uma aguia azul colossal, e empurrou de leve um dos batentes da porta, a discussão já se havia travado, segundo parecia, menos placida, do que promettiam os annos e auctoridade dos diversos membros do governo, sentados á roda da comprida mesa, coberta de couro, e cingida até ao chão de um rodapé de tela encarnada. A mesa occupava o centro da casa. Junot, facil de conhecer pela estatura, boa presença, e garbo do porte, achava-se em pé junto da cabeceira, com o rosto inflammado, e a mão no punho da espada. Lagarde, á sua esquerda, analyzava com o olhar prescrutador todas as physionomias, traçando com a penna sobre uma folha de papel algumas palavras soltas. Pallido, ou antes livido, retratava no rosto a astucia unida á expressão repulsiva de um cynismo cruel e glacial.

Herman, á direita do general em chefe, sereno, apazivel, e delicado, com um lapis entre os dedos enfeitados de anneis, justificava ao primeiro volver de olhos a reputação de melindre e de primor, merecida desde que se estreára na carreira publica exercendo as funcções de consul em Portugal. Vestia em todo o apuro da moda do seu tempo. Casaca de lemiste talhada á franceza com botões de metal e golla alta, collete branco aberto, que deixava sobresaír a finissima cambraia da camisa e da tira engommadas em pregas miudissimas, calções de seda, meia a estalar na perna, sapatos e fivelas de ouro cravejadas. Um espadim curto de bainha dourada pendia-lhe da cinta, e uma caixa de rapé, mais preciosa pelo labor, do que pela qualidade, aberta a seu lado, e consultada a miudo pelos dedos distrahidos de Junot, recommendava-se pela admiravel miniatura, cercada de aljofres, que lhe ornava a tampa. [114]

O conde da Ega, cuja intimidade no quartel general do largo do Quintella as murmurações populares explicavam de um modo pouco airoso, e que dias depois havia de substituir o Principal Castro na pasta da justiça, escutava de pé, e com mostras de não pequeno sobresalto, talvez provocado pelo desassocego da consciencia, a leitura nasal, lenta, e accentuada, que Lunyt secretario de estado continuava sem mudar de tom, estudando de vez em quando por baixo dos oculos de ouro o effeito produzido no animo dos ouvintes.

A entrada de Magendie, acolhida por uma exclamação de alegria do duque de Abrantes, por uma cortezia de Herman entre dois sorrisos, e por um gesto de urbanidade de Lagarde, foi como o signal da explosão até ahi contida das paixões e receios mal reprimidos. Todos diriam que o Conselho aguardava a sua chegada para arrancar a mascara, que o suffocava, dando largas á expressão sincera dos verdadeiros sentimentos.

—Bem vindo, capitão Magendie! A sua demora fazia-nos temer que faltasse. O aviso chegou-lhe tarde?...

—Não foi o aviso, general! Mas a esquadra de sir Carlos Cotton appareceu outra vez á barra, e julguei prudente ir a bordo das fragatas *Carlota* e *Benjamin*...

—E então?! interrompeu Lunyt, pondo de parte o papel que lia, e encarando o capitão de mar e guerra.

—Fosquinhas por ora! respondeu este encolhendo os [115]

hombros. Entretanto...

—Podem encobrir planos de hostilidade? atalhou Herman, sorvendo com pausa uma pitada, e dispersando depois com um piparote os grãos que tinham saltado sobre a tira alvissima da camisa.

—É possível. Os inglezes animados pela sublevação dos hespanhoes, meditam desembarques na península, accudiu Lagarde em ar grave.

—Veremos se em terra são felizes como no mar! observou o conde da Ega.

—Mesmo no mar, redarguiu Magendie, espero que não hão de forçar-nos a barra sem deixarem nos escolhos um par de navios. Temos de observação entre as torres a fragata *Graça Phenix* e mais dois vasos de alto bordo, artilhados, mas incapazes de navegar; em Belem estão fundeadas tres charruas...

—Bem! Bem! tornou Junot. Duvido que rocem as barbas pela bôcca de nossos canhões, Magendie! Oxalá que todas as tempestades nos viessem só do mar... O peor de tudo, senhores, é que o chão treme debaixo dos pés, e...

—Que a traição vela á nossa cabeceira? Notou Lunyt, limpando os vidros dos oculos, e falando no mesmo tom lento e nasal, com que lia.

—É verdade, Lagarde! Conspira-se, trama-se, e não nos dizieis nada!...

—Para que? Quando uma nação inteira está conjurada, general, a policia passa, vê, e dissimula. Prisões e devassas, de que serviriam, senão de a irritar mais? Descobrir o que ella quer, tirar-lhe os pretextos, e escolher a occasião de ferir a muitos de uma vez pelo terror do mesmo golpe, eis o segredo dos que sabem dominar.

—Sim! Bem sei! É a theoria de Fouchet, do duque de Otranto!... [116]

—E para este caso a unica aproveitavel. O que diria o sr. conde da Ega, tão nosso amigo...

—Eu!... Pois eu!...

—Se lhe mettessemos no castello, ou nas torres dez, ou doze parentes de toga, e de espada, que estão conspirando a esta hora mesmo contra o governo de sua magestade o imperador e rei?!... proseguiu o intendente com o seu riso agudo e estridulo, semelhante ao som do córte de uma serra.

—Ah! Os parentes do sr. conde de Ega tambem são contra nós?!... notou Junot vagarosamente.

—E os da senhora condessa ainda mais!... observou Lagarde trespassando o general com a vista afiada e ironica.

Uma nuvem escureceu a frente do duque de Abrantes. Aquella seta viera cravar-se-lhe direita no peito. O guerreiro destemido, coroado tantas vezes pela victoria no meio de proezas heroicas, era accusado de excessiva sensibilidade perante o bello sexo; e a formosa condessa da Ega, segundo se dizia, graças a seus enlevos e encantos, tinha conseguido tornal-o escravo do menor de seus caprichos.

O general inclinou a cabeça, correu os dedos pela fronte annuviada, como se quizesse saccudir com o gesto pensamentos importunos, e, sem responder á allusão, levantou-se, e deu alguns passos pela casa, talvez para ter tempo de se assenhorear de si, vencendo a commoção. Os olhos dos outros vogaes do conselho fitaram-se no semblante do conde da Ega por um movimento irresistivel. Sem

resultado! Ayres de Saldanha, por calculo, ou por ignorancia, não denunciava na physionomia, senão a indifferença apathica, prova real da mais virtuosa confiança. Herman e Lagarde trocaram um sorriso fino, que não abonava a sua credulidade na innocencia apparente do fidalgo portuguez. [117]

N'este momento a mão de um ajudante de ordens arredou as prégas do pesado reposteiro, e sem proferir palavra entregou a Junot dois maços cuidadosamente lacrados. O duque recebeu-os tambem calado, e veiu sentar-se na ampla cadeira de braços, d'onde se erguêra minutos antes. Emquanto rompia o sobrescripto do primeiro, e corria os olhos pelo volumoso officio, era facil notar no seu rosto, de ordinario sereno e intrepido, a apprehensão causada por noticias desagradaveis. Antes de passar á leitura do segundo maço, e de lhe rasgar a capa, os que o conheciam assustaram-se, apercebendo-se de certa hesitação momentanea, notavel em character tão firme, porque seguramente inculcava mais do que sobresalto, ou torvação. Ao mesmo tempo recebia Lagarde um papel fechado, que não lhe causava menor cuidado, do que os dois officios ao general. Houve um minuto, ou dois de profundo e ancioso silencio.

—Nome de Deus! exclamou o duque de Abrantes incapaz de conter as paixões, e amarrotando irado o papel. Verifica-se o que sempre prognostiquei. Não me quizeram attender, decidiram tudo em Paris sem entender nada, e agora cá estamos nós para carregar com o peso de todas as culpas!... Quantas vezes os avisei e lhes disse a verdade! Deram finalmente aos inglezes o campo de batalha porque tanto suspiravam; não contentes fizeram suas alliadas duas nações inteiras. Veremos agora como desatam o nó!

E recostando os cotovellos na mesa, e a cabeça entre as mãos, sem fazer caso do espanto excitado pelas suas phrases, abysmou-se em sombria meditação. [118]

—O que é? O que succedeu?... perguntava o conde da Ega a Herman.

—Pouco viverá quem o não souber! redarguiu o malicioso diplomata, encolhendo os hombros. Rapaziadas dos portuguezes, aposto!...

—Mais do que rapaziadas, senhor Herman! atalhou o intendente geral da policia, que de livido se tornára verde, cujas pupillas chammejavam, cujo sorriso era uma contorsão diabolica. Estamos sobre um vulcão.

—Apagado! replicou o ministro do reino inalteravel. Esta gente de Lisboa não é para empresas altas. Queixa-se com saudades, fala, ameaça, mas por fim faz-se d'ella o que se quer. Em lhes não tocando nos seus lausperennes, nos seus frades, e nas suas procissões, todos andam mansos como borregos... Estes não me mettem medo a mim; oxalá!...

—Medo! accudiu Junot, levantando-se de um pulo, com o rosto incendiado, e os olhos scintillantes! Medo! Quem fala em medo!? Para enxotar como um rebanho de ovelhas toda essa plebe, toda essa espuma... basta o meu cavallo e o meu chicote!...

—Nem tanto, senhor duque! observou Magendie. Os portuguezes são homens e soldados. Mais de uma vez o têm provado. Perguntae aos hespanhoes... e ao senhor conde da Ega, que hão de conhecel-os.

Herman sorriu-se. O conde parecia petreficado. A injuria do general em chefe feria-o no rosto como golpe de mão aberta. O coração indignado convidava-o a repellil-a, porém o servilismo tapava-lhe a bôcca. Não acertava com o que fizesse. Calado deshonrava-se; falando arriscava-se... Calouse!

Junot caíu depressa em si. O seu animo era generoso, [119] embora cedesse aos impetos do sangue, facil de inflammar, provocando paroxismos de cholera, que os seus intimos deploravam, porque frisavam quasi por loucura frenetica. As palavras de Magendie advertiram-n'o. Recuperando-se da embriaguez da raiva, volveu ás maneiras cultas e urbanas, que tantas affeições lhe grangeavam, mesmo entre os adversarios.

—Senhor capitão Magendie, a plebe não é a nação. Os portuguezes são para muito; pena é que não os soubessem aproveitar, em quanto era tempo!... O erro não o commetti eu. Este povo é bom, generoso, e paciente... Podiamos, deviamos ajudal-o a regenerar-se... Preferimos tractal-o como vencido, e fazer d'elle um inimigo!... Paciencia! Colheremos os fructos que semeámos. Lagarde! Herman! Magendie! Vamos ter a guerra!... O segundo acto da tragedia começa em Portugal. A Hespanha deu-nos o primeiro... Loison escapou milagrosamente aos montanhezes sublevados no Marão, em Amarante, e em Chaves!...

—Se escapou é o essencial! Os bandos populares sem cabeça depressa se dispersam. Observou Lagarde.

—É verdade. Mas o chefe existe. Manuel Gomes de Sepulveda acclamou em Traz-os-Montes o principe regente...

—Um velho de mais de oitenta annos, tropego, e quasi cego!?... accudiu Lunyt sorrindo.

—Acrescentae, porém, velho mas habil general, valente, e adorado!... As provincias do norte estão, ou estarão todas em armas dentro de oito dias. Miranda, Villa Real, Moncorvo, e Guimarães já o seguiram, ou vão seguir-o...

—Temos o Porto, e em quanto for nosso, facilmente daremos a mão aos nossos exercitos de Hespanha, interrompeu Herman. [120]

—O Porto!... Lêde!... E passando o officio ao ministro do reino, Junot, em quanto este o lia a meia voz aos collegas, passeiava agitado, medindo a sala em todo o comprimento.

—O Porto? É tarde! já não lhe accudimos. Hoje, ou ámanhã subleva-se, e dá o exemplo. Coimbra não se demora. Contae com ella insurgida. Não nos lisongeemos com illusões...

—O mal, comtudo, não é irremediavel! Sejamos fortes! exclamou Magendie. As nossas tropas devem ter vencido em Hespanha, e...

—As nossas tropas não venceram, foram vencidas! Tornou o general em chefe sombrio, e mordendo os beiços. A fortuna vira-nos as costas. As divisões aguerridas recuam sobre o Ebro. O rei José saíu de Madrid. Estamos sós e sem retirada no meio de um reino irritado e adverso...

—Ah! disse Herman empallidecendo. N'esse caso a partida é arriscada. Não a julgo, porém, perdida.

—Nem eu! Mas contemos um pouco, se nos apraz, com os inglezes. Em Gibraltar acha-se sir Hew Dalrymple com o corpo do general Spenser. Em Cork, na Irlanda, vão embarcar nove mil soldados. A esquadra de sir Charles Cotton anda cruzando deante da foz do Douro, e das bahias do Tejo e do Mondego. De um instante para outro podemos ter de pelejar com o povo e com as tropas do rei George... N'esse caso!...

—Ameaça-nos a capitulação de Dupont em Bailen?!... accudiu Lagarde, batendo com o punho cerrado sobre a mesa. Oh!...

—Nunca!... Pelo menos em quanto eu viver! exclamou Junot

com um gesto admiravel de firmeza. Luctaremos! A derrota não é menos gloriosa, que o triumpho, quando o campo de batalha proclama o heroismo dos vencidos... Poderemos ao menos contar com a obediencia de Lisboa? A capital em nosso poder póde ser ao mesmo tempo segura base de operações, e precioso penhor para o infortunio. Lagarde! Chegou o momento. Respondeis pela tranquillidade de Lisboa?... [121]

Houve um momento de silencio. O intendente geral da policia, atalhado, olhava para o papel, que lhe tinham trazido, e conservava ainda aberto, e para o general, e hesitava.

—Que nova desgraça nos ameaça!? accudiu o duque arrebatado. Hoje é o dia das fatalidades? Falae! Estou preparado para tudo. Que dizeis de Lisboa?...

—Que respondo por ella, como por mim!... balbuciou Lagarde tremulo.

Bem! Não é preciso mais. Dás-nos a alavanca de Archimedes!...

—Só depois de amanhã em deante!... concluiu o intendente engasgado, e convulso.

—Ah! E hoje porque não?! exclamou Junot, que os revezes pareciam reanimar á medida que se accumulavam. Nome de Deus! Não sois medroso. Conheço-vos! Esse papel trouxe-vos a cabeça de Medusa? Que segredo terrivel encerra? Vamos! Vencei a consternação, e dizei-nos o que ha. O peor perigo, é o perigo encoberto. Quero saber!

E o duque de Abrantes assentou-se com a fronte erguida, os olhos brilhantes, e um sorriso intrepido nos labios. Era assim que elle costumava affrontar a morte nas batalhas.

Lagarde principiou em voz baixa a leitura. Era o plano de uma revolução traçada para rebentar no dia seguinte depois da procissão do Corpo de Deus.

Os auctores d'este commettimento, todos membros do Conselho Conservador de Lisboa, tinham sido denunciados á policia em differentes occasiões, mas poupados como conspiradores theoreticos e inoffensivos. A ousadia do trama excedia, porém, d'esta vez quanto podia prever-se de audaz e decidido. O rompimento havia de começar de tarde, ás seis horas, muito depois de concluida a festa religiosa. Junot devia ser preso no caminho do palacio de Anadia para o Rato, as guardas do Rocio, do Terreiro do Paço, de S. Domingos, de Santa Clara, e do quartel general, atacadas e desarmadas, e o Castello rendido por assalto, ou por algum artificio de guerra. As tropas francezas privadas do seu chefe, e surprehendidas, seriam obrigadas a depor as armas em virtude das ordens dictadas ao duque de Abrantes pelos seus carcereiros. O povo e os soldados portuguezes coadjuvavam a revolta occupando as ruas e as praças. [122]

O assombro dos vogaes do governo durante a communicação, que acabámos de resumir, custaria a descrever. A gravidade das physionomias tornou-se mesmo tão solemne, que ia degenerando quasi em comica. O unico ouvinte desassombrado e de sangue frio era o duque de Abrantes. A idéa de se ver colhido ao anoitecer no seu transitto costumado pelos cumplices do Conselho Conservador, affigurou-se-lhe por tal modo absurda, que, recostado no espaldar da cadeira, desatou o riso em frouxos, suspendendo a leitura, e desengatilhando de sua expressão severa o rosto dos que a sua hilaridade não admirava menos, do que o plano de sublevação forjado para a capital.

—Admiravel! Sublime!... clamava Junot estorcendo-se entre risadas. Parece-me que os estou vendo d'aqui a esses illustres conspiradores de rabicho e samarra, decidindo á

pluralidade de votos o theor das ordens, que hei de escrever depois de prisioneiro!... Mas é um entremez puro o que esta [123] boa gente imaginou: art.º 1.º O general Junot será apprehendido, e ao mesmo tempo as guardas do Terreiro do Paço e do Rocio!... art.º 2.º (porque o não puzeram tambem?) O presente decreto será registado nos livros da chancellaria da Junta Provisoria! Excelente! Deixae-me rir, Lagarde. Sois um homem unico para desterrar tristezas.

Herman, Lunyt, e o intendente olhavam uns para os outros, pasmados, e não sabiam se deviam conservar-se serios, ou imitar o general. Magendie, militar e resolutivo, ria a ponto de lhe saltarem as lagrimas dos olhos. O plano peccava pela ingenuidade. Os innocentes conspiradores fundavam todo o edificio de suas esperanças na prisão de Junot, e essa prisão era justamente o que lhes esquecêra assegurar. O duque de Abrantes, cujo valor todos respeitavam, os seus ajudantes, e a escolta de cavallaria que sempre o acompanhava, não cairiam de leve em uma cilada de poucos homens, e para o esperar em grande numero, vigiadas como estavam as ruas, parecia duvidoso que meia hora depois não se achassem recolhidos na cadeia os Scevolas incumbidos d'este prologo essencial no grande drama da restauração da patria.

—Herman! O vosso voto sobre esta farça que terrificou Lagarde!...

—O plano é fraco, porém a intenção...

—De intenções, boas, más, e pessimas está calçado o inferno! Tendes acaso receio de me vêr preso no meio das becas dos conspiradores, suando medo por todos os poros, e ordenando aos meus valentes soldados que entreguem as espadas e espingardas aos milicianos de Lisboa!?... Que gente admiravel a do vosso Conselho Conservador, Lagarde! Respeitae-os como se respeita a innocencia. Conjurados [124] assim inventam-se, quando se não acham, e guardam-se debaixo de redomas de vidro... Art.º 1.º O general Junot será apprehendido! Nada mais! Que bella concisão spartana! Ah! Ah!... Quem serve de espirito santo a este cenaculo? Algum macrobio? Alguma reliquia do tempo do marquez de Pombal, aposto?... A conspiração dá ares de quinhentista. Foi desenterrada de certo de algum archivo!...

—Informam-me que José de Seabra no principio déra alguns conselhos, mas que hoje...

—Não quer saber d'elles para nada!?... É evidente! José de Seabra, duas vezes ministro de estado, sisudo, e espirituoso, morria de vergonha se visse o seu nome ligado a similhante satyra do senso commum... Art.º 1.º O general Junot!... Desculpem, mas é incrível! Os desembargadores e os padres de Lisboa cuidam que um general francez é algum passaro raro, que se apanha e mette na gaiola para o ensinar a cantar o hymno nacional!?... Lagarde! Prohibo-vos de tocar nos veneraveis juizes, fidalgos, frades, abbades e negociantes, de que se compõe este bemaventurado Conselho. Dae graças a Deus pela sua existencia, e não os incommodeis. D'alli não vem de certo mal! Oxalá que Sepulveda fizesse parte d'elle, esperando pela minha prisão para se sublevar. O Porto ainda poderia salvar-se!

—Mas, general, o dia de amanhã parece-me critico, observou o intendente, que o riso e os motejos do duque tinham confortado pouco. Não é só gente da capital a que sae ás ruas. Os arrabaldes e o Ribatejo despovoam-se, e talvez fosse mais prudente prohibir a procissão, e prender por algumas horas os cabeças conhecidos dos arruidos populares...

—Pela gloria do imperador! Enlouqueceis, senhor Lagarde?!... Assustam-vos tanto os planos ridiculos de uns [125] poucos de dementes, que vos não envergonha o argumento de fraqueza, que dariamos, escondendo-nos com medo dos frades e das irmandades de Lisboa? A procissão ha de saír.

Nada de prisões! Os nossos soldados trazem pólvora e bala nas patronas. É quanto basta!... Meus senhores, hoje, o general Junot, depois das seis horas da tarde sae do palacio da Anadia para o Rato, e vae ser apprehendido. Ah! Ah! Está encerrado no conselho. Herman enfeitae-vos bem amanhã. Tereis de pegar a uma das varas do palio. Magendie não deixeis *appreghender* os nossos navios. Lagarde, mandae saber ao hospital se ha logares vagos na casa dos orates; os vossos amigos do Conselho Conservador acabam todos lá. Lunyt, vinde commigo; tenho que vos communicar... isto é se não receiais que o general Junot *seja apprehendido* no caminho para o largo do Quintella. Ah! Ah!... Senhor conde da Ega aceita um logar na minha carruagem?... Note que lhe offereço um posto perigoso.

E o duque saíu precedido por Magendie e acompanhado do conde e do secretario de estado da guerra e da marinha. Herman e Lagarde, que ficaram atraz, olharam um para o outro, interrogando-se com a vista e com o gesto.

—O que devo fazer? perguntou o intendente.

—Nada. É o melhor!

—Mas!...

—Meu querido senhor Lagarde, o homem que ha de prender Junot... não está de certo no Conselho Conservador de Lisboa! Redarguiu o ministro rindo. Socegue!

Momentos depois o intendente tocava a campainha, e por ordem sua um porteiro introduzia no gabinete o sargento Cabrinha e o seu assessor Gaspar Preto, por alcunha o *Sapo*. [126]

Saberemos a seu tempo o que alli vinham fazer aquellas duas boas almas.

XI

Achilles e Nestor

Em quanto no palacio do Rocio se representava a scena, a que assistiu o leitor, em uma casa, situada quasi no arrabalde, perto de Campo de Ourique, no qual trabalham ranchos de operarios sem repouso a levantar um acampamento militar para as tropas francezas, que Junot recolhe das provincias, e concentra na capital, iremos encontrar alguns dos personagens, que deixámos na Ponte de Asseca, n'aquella tempestuosa noite, que viu as proezas do sargento Cabrinha, a evasão de Paulo de [Azevedo](#), e as artes diabolicas do astuto lavrador João da Ventosa.

Estava formoso o dia, mas quente. Nem um leve sopro de aragem meneava as cortinas de caça, que por detraz das quatro janellas da frontaria substituiam os modernos e elegantes *stores*. A casa, de um só andar, caiada de branco, pintada de verde claro em todas as portas, grades, hobreiras, e maineis respirava aceio e alegria. Um muro baixo rodeava o jardim, d'onde as rozas de trepar, as baunilhas, e outras plantas, subindo pelas paredes, vinham debruçar do espigão seus festões floridos e recendentes. [128]

Um preto quasi anão, grosso, roliço, com a carapinha semeada de cans, indicio de propecta idade, e brincos de prata nas orelhas, acabava de varrer, gemendo e rosnando, os tres degraus de pedra, que desciam da porta da entrada para a viella quasi deserta.

No jardim a areia, fina e vermelha, das ruas, orladas de buxos recortados, rangia debaixo dos pés de duas pessoas, que passeavam, conversando em voz submissa. No angulo, que olhava para as terras, um mirante entrelaçado de caracoleiros e jasmims, offercia em seus bancos de cortiça commodo assento aos que desejassem recrear a vista, esparecendo-a pelos largos horisontes, que d'alli se descobriam.

—Não perca o animo nas vespervas da victoria, senhor Manuel Coutinho! Lembre-se de quem é, e creia mais em si, e em nós... deixe-me ter tambem um momento de vaidade!... Deus ha de ser por este reino, e não ha de permittir...

O homem que proferia estas palavras era um velho de aprazivel aspecto, trajado em habitos ecclesiasticos, inculcando na phisionomia, na voz, e nas maneiras, a prudencia que dão os annos, e a experiencia do mundo unida á confiança e ao entusiasmo sereno, que nascem do coração, que ardem com viveza aquecidos pelo calor de uma alma generosa, e que os gelos da idade nem amortecem, nem apagam.

O sorriso meigo e tranquillo, que lhe franzia os labios, contrastava de visivel modo com as sombras de profunda tristeza, que escureciam o rosto do amante de Leonor de Azevedo, e com a expressão de desalento retratada em suas feições abatidas.

Quem attentasse, todavia, com mais cuidado no semblante palido do mancebo, e sobre tudo no fulgor dos olhos, que despediam por vezes lampejos quasi sinistros, denunciando as intimas commoções, logo percebia, que, se um assomo repentino de duvida, ou desconforto podéra abalar por instantes a energia d'aquella forte vontade, depressa a reacção a havia de despertar do lethargo, e que pouco depois, em logar de ser necessario reanimal-a, todo o poder da persuasão seria pequeno para a conter dentro de limites razoaveis. [129]

—Deus?!... exclamou Manuel Coutinho, respondendo á ultima phrase do ancião, e volvendo ao céu, limpido e azul, um olhar de amarga desesperação. Não se esqueceu Elle de nós? Não está com os inimigos do seu nome e da nossa liberdade?!...

—Não diga isso. Caia em si. Não vê que accusa a divina justiça? Deixe-a caminhar...

—Coxa e lenta como a dos homens?!... Senhor bispo! Sou moço e militar, desculpe-me, mas não posso supportar com paciencia christã o espectaculo de tantas miserias e de tantos crimes!... Fala na justiça de Deus?! Aonde estava ella, quando o Vigario de Christo, arrancado por mãos sacrilegas da sua cadeira, foi como seu divino Mestre arrastado de prisão em prisão, de opprobrio em opprobrio, por turbas de soldados á voz de Bonaparte?...

—Estava no Calvario, como no dia em que padeceu o Redemptor! Continue!

—Ah! E porque dorme ella, quando nações inteiras choram escravas o seu martyrio, e banhadas em sangue invocam a morte nos campos talados, nas cidades saqueadas, nos patibulos e nos carceres, a morte, unica esperanza que lhes resta, depois de roubados os seus altares, de incendiadas as suas moradas, de infamadas suas esposas e filhas, e de dispersas como vil pó as cinzas de seus paes e de seus avós?!... [130]

—Quem lhe diz, que dorme, e não que aguarda a sua hora? Quantos seculos durou a perseguição da igreja e a tyrannia dos Cesares?... E hoje, d'esse colosso romano, que assoberbava o mundo, o que sobrevive? Ruinas, memorias, e a cruz triumphante alçada no Vaticano!... Tranquillize-se,

conforme-se, espere...

—Que espere!... Mas elles, os verdugos, os malvados, acaso esperam? Paulo de Azevedo, duas vezes salvo por nós, escapou por fim aos laços do infame Lagarde? Está no castello, bem sabe, e o conselho de guerra, que ha de julgal-o, tem sêde do seu sangue... Hoje, amanhã, de uma hora para a outra, as balas de um pelotão!... Não tenho animo de o imaginar!... Vel-o morto, assassinado, e não poder valer-lhe!... E sua filha, a desgraçada, que já não tem lagrimas que verter, que sente a todos os instantes no coração o frio da morte, ameaçando o que mais ama e estremece n'este mundo?!... E hei de esperar?! Resignar-me! Deixal-o morrer?!...

—Ha de esperar, sim. Que remedio!... Paulo de Azevedo está em perigo, porém ainda não morreu...

—É verdade. Mas para o salvar?!...

—Havemos de empregar todas as nossas forças.

—Oh! accudiu o mancebo, cujo desespero rompeu por fim em dolorosa ironia. Hão de salvá-lo! Contam assaltar o castello, prender Junot, e colher Lagarde como um lobo no seu antro?!... Lagarde!... O auctor de todos os nossos infortunios!... ajuntou em voz cava e com terrível expressão. Pelo menos esse não se rirá impune, festejando o ultimo suspiro da sua victima. Lagarde pertence-me. Sou o seu juiz, e a minha justiça não coxêa, nem dorme, como a da Providencia. [131]

—Não blaspheme, e escute, se póde! Os dias da usurpação estão contados. Quem sabe! Amanhã mesmo talvez troquemos o lucto da escravidão pelas galas...

—Sonho! Irrisão!... bradou Manuel Coutinho saccudindo com força o braço do seu interlocutor. Aonde estão os homens para isso? Bastaria o som de um tambor para os espantar, e Junot conhece-os. Cuida que dou fé ás proclamações e aos conciliabulos do Conselho Conservador? Becas, sotainas, velhos fracos, negociantes, e frades, que tremem da sua sombra, ousarão nunca medir-se com os soldados de Bonaparte em um combate?!... Senhor bispo de Malaca, se palavras e balas de papel matassem, então sim, mas!...

—Manuel Coutinho, a dor torna-o injusto. Essas becas e esses frades são mais fortes, do que os soldados em volta de suas bandeiras. Lembre-se de que puzemos a cabeça em cima do cepo, e de que estamos resignados a padecer!... Não esperava que o escarneo caísse da sua bôcca sobre nós! Aprende-se mais depressa a morrer com ruido no meio do fogo e dos alaridos de uma batalha, do que a aguardar o algoz sobre os degraus do cadafalso?... E ninguem sabe melhor se elle póde ferir, e se todos estamos decididos a jogar a cabeça n'esta partida... em que apostámos honra, bens, e vida pela patria...

—Sei, mas o povo cala-se e obedece. Lisboa chora e supporta. O reino...

—O reino accordou, e não torna a adormecer. Por isso lhe disse que estavamos nas vespas da victoria...

—O reino accorda?! Mas eu ignoro tudo!... Senhor bispo de Malaca!... Compadeça-se da minha impaciencia. Bem vê! Estou quasi louco! Conte com o meu braço, com o meu sangue. Ha alguma esperança?... [132]

—Ha mais do que esperanças, ha factos. Prepare-se! dentro em pouco o seu posto será nas fileiras de seus compatriotas, no exercito da independencia. Leia! Adore os designios profundos da Providencia.

Manuel Coutinho, arrancando-lhe quasi da mão o papel, que

lhe offerecia, correu-o todo em um relance de olhos, e apenas o sentido lhe penetrou a intelligencia, o sangue em ondas affluio ás faces, as pupillas faiscaram, e uma expressão de jubilo, e de enthusiasmo subito avivou-lhe as feições.

—O norte sublevado!... murmurava lendo, e detendo-se, como se julgasse impossivel o que lia. O Porto talvez levantado a esta hora! Traz-os-Montes e o Minho ámanhã, ou depois em armas!... Os inglezes em Cork, ou já no mar para desembarcarem!...

E o suor borbulhava-lhe na frente, e a vista scintillante devorava cada lettra do escripto.

—Meu Deus! Se isto é sonho, ou delirio meu, fazei que nunca desperte d'elle.

—Então, filho, disse o bispo sorrindo-se com mansidão, ainda acha que a justiça divina coxêa, e dorme? Arrepende-se agora da sua pouca fé?! Pois bem! Já vê que as becas e as sotainas ainda valem alguma coisa. O milagre fez-se, e um bispo é quem ha de no Porto presidir, ao governo do reino restaurado. Sei-o de certeza.

—Seguiu-se uma pausa curta, durante a qual os olhos e as mãos do mancebo se elevaram ao céu em um gesto sublime de gratidão e de crença fervorosa. Depois a cabeça inclinou-se, a vista fitou-se no chão, os braços descaíram e duas lagrimas de dor e de alegria saltaram do coração, e correram vagarosas pelas faces.

O bispo contemplava o rosto do amante de Leonor de Azevedo, e traduzia com a perspicacia dos annos e da reflexão os signaes fugitivos da lucta das paixões. [133]

Por fim venceu a razão. Manuel Coutinho, como se quebrasse de repente a prisão, que lhe paralyzava as faculdades, serenado o semblante, acabou de exhalar em um suspiro a maior oppressão, que lhe confrangia o peito.

—Fui temerario, senhor bispo. Falei mal de Deus e dos homens! Cegou-me o orgulho, e deixei-me arrastar pelas loucuras da tristeza. Desesperei da Providencia no momento em que ella nos accudia!...

—Só Deus é grande, filho! O que somos, e o que podem os nossos juizos falliveis em presença da sabedoria eterna?! Arrepende-se? É o essencial. Vamos ao que importa. Já viu D. Leonor?...

—Não! Faltou-me o valor. O que havia de dizer áquella infeliz, ferida de tantos golpes a um tempo?... A imagem do patibulo de seu pae, visão lugubre e incessante, segue-a por toda a parte. Nos seus olhos leio o desespero e a morte. Amo-a, senhor bispo, amo-a desde a infancia, como não amei minha mãe, como não estremeço meus irmãos, como não adoro... ia soltar uma blasphemia!... Enlaçadas desde a meninice pela mesma ternura nossas duas almas ha muito que não fazem senão uma. O que ella sente e chora, as suas lagrimas de sangue, caem-me todas, ardentes como fogo, aqui, dentro do peito, e escaldam-m'o. O véu branco da noiva será em breve o negro fumo da orphã, e viuva sem chegar a ser esposa, sei, adivinho, que um claustro começará a abrir-lhe a sepultura, aonde ella, aonde nós havemos de descansar ambos!... Não sem eu me vingar primeiro!

—Manuel Coutinho, deixe a Deus o cuidado de punir! Socegue! A voz da liberdade, a voz da patria chamam por nós. Seja homem! Seja soldado! Tem uma espada, não faça d'ella um punhal, arma de traidores!... Leonor está mais tranquilla, mais resignada. Vi-a hoje, e já falámos a seu respeito... [134]

—E ella?!... Disse-lhe?! Espera?!...

—Disse-me tudo e espera. Paulo de Azevedo não morreu, e havemos de salvá-lo. Tenha mais fé. Não atormente com os delírios da sua paixão a existência própria, e aquella alma sensível e melindrosa, que treme que uma imprudência, venha abismar no mesmo naufragio os dois amores da sua vida!... Se não fosse o seu genio arrebatado confiava-lhe um segredo, que Leonor se não atreveu nunca a dizer-lhe, porque receia os impetus da sua cholera, mas que havia por outro lado de aplacar-lhe a afflicção...

—Diga-me tudo, senhor bispo. Prometto, juro vencer o meu genio.

—Veja lá! Dá-me a sua palavra de cavalheiro de fazer o que eu lhe aconselhar depois?...

—Dou. O segredo?...

—A vida de Paulo de Azevedo não corre por ora risco. É o penhor com que Lagarde tenta extorquir a D. Leonor uma promessa de casamento...

—Oh o infame!... E eu aqui de braços cruzados!...

—Se me não me escuta, calo-me. Lembre-se da sua promessa.

—Sou mudo. Sou uma estatua.

—Bom! Saiba, pois, que o intendente da policia imaginou enriquecer um sobrinho arruinado, dotando-o com os bens da filha de Paulo de Azevedo. Pediu-lhe a mão em Mafra ha mezes, foi repellido, e vingou-se perseguindo o cavalheiro e sua filha... [135]

—Assim a causa de todas as desgraças sou eu!?... atalhou o mancebo impetuoso. Leonor e seu pae padecem por amor de mim, e no meio de seus prantos e do lucto da sua alma aquelle anjo nem uma queixa soltou ainda contra o algoz da sua vida! Porque sou eu que a torno infeliz e inconsolavel!... Hei de mostrar-me digno do sacrificio! Hei de...

—Comece por se mostrar digno das minhas confidencias, escutando-as. Observou o bispo com um sorriso. Lagarde ameaça Paulo de Azevedo, tem-lhe a espada suspensa de um fio sobre a cabeça para vencer a filha; mas no fim é tão interessado como nós em conservar vivo o unico fiador de suas esperanças!... O conselho de guerra não se reúne, e mesmo que chegue a ser convocado, a sentença não passa do papel.

—E Leonor?!...

—Altiva e varonil redobra as resistencias. Mesmo ao pé do cadafalso de seu pae prefere morrer com elle, creio, a comprar-lhe o perdão por um preço vil...

—Bem sei! O seu coração envergonha o de muitos homens!... Como se chama o sobrinho de Lagarde, esse noivo feito á força, cujo papel, tão nobre (!) entra como parte principal na tragedia de nossas desventuras?... accrescentou Manuel Coutinho em voz lenta e sombria, a que um toque de ironia cruenta avivava a expressão.

—Porque o pergunta?

—Para ajustar no mesmo dia todas as minhas contas.

—Já se esqueceu da sua promessa?

—Não! Mas!...

—Quando for tempo de o desligar d'ella sem perigo seu e nosso... então falarei. Agora não. Sabe que amanhã, depois [136]

da procissão do Corpo de Deus, se esperam grandes novidades?

—Aonde?... Se soubesse a minha impaciencia?!...

—Em Lisboa. Aonde queria que fosse?...

—E contam commigo?... Qual é o posto que hei de occupar?... Asseguro-lhe que só por cima do meu cadaver...

—Sei muito bem. Guarde para si a noticia, vá ver Leonor, demore-se pouco, porque ella espera uma visita, ou antes duas...

—Visitas!... De quem?...

—Segredo de estado. Depois saberá...

—Porém!...

—Não insista. Se podesse dizer-lh'o, cuida que me calava? A proposito! Se por acaso estiver lá em cima, quando elles... digo, quando as visitas chegarem, jura pela sua honra obedecer em tudo a Leonor, e voltar aqui pela escada do meu gabinete?...

—Mas!... Tantas precauções fazem-me suppor!...

—Supponha o que quizer. Jura?...

—A minha confiança na sua virtude é tal, que de olhos fechados me entrego em suas mãos. Juro!

—Não ha de arrepender-se. Sem isso não o deixava subir...

—Mas padre, mas senhor bispo! Essas visitas são então de inimigos?...

—Talvez! E então?! Cobre-os, quem quer que sejam, o tecto d'esta casa, recebo-as como hospedes, é quanto basta, julgo!...

—Oh! Dava metade da minha vida por adivinhar...

—O caso não merece o sacrificio!... Deixe instruir o processo, deixe informar os juizes, e quando lhe chegar a sua vez... nós o chamaremos.

—Obrigado! Como instrumento cego?!...

—Não. Como um coração generoso, como um amigo seguro, porém... perigoso. Estamos perdendo tempo! Leonor espera-o. Nem uma palavra do que se conversou aqui, e sobre tudo recorde-se do que jurou... [137]

—Hei de cumprir a minha palavra como homem de honra, mas depois, sr. bispo!...

—Depois... O que Deus quizer! Dá o mundo tantas voltas em poucas horas, Manuel Coutinho, que nos deitámos rapazes, e ás vezes accordamos velhos. Deixe andar os homens e as cousas. Creia no tempo. É grande medico. Adeus! Vou tractar de uma doença, que dá maior cuidado... Portugal está enfermo e não póde esperar.

E despedindo-o com um sorriso e um aceno de mão cheio de bondade, o velho prelado entrou para um aposento terreo, cujas portas de vidraças abriam sobre o jardim, em quanto o mancebo voltou em busca da escada de pedra, que subia para as salas do primeiro andar.

Arcades ambo!

—Está certo do que affirma? Veja lá!... A policia não gosta de representar papeis tristes, e um erro nas circumstancias actuaes póde ter consequencias... Repita! Viu os homens? Sabe o seu intento?...

—Vi, sim senhor! Largava a falua quando eu cheguei, e por um triz me não apanham!... Sempre curti um medo! A gente não ganha para sustos...

—Está bom! E como soube que vinham para a revolução, que os inimigos de sua magestade o imperador e rei tramaram para amanhã durante a procissão do corpo de Deus? Olhe bem! Não se allucine...

—Não ha engano, não senhor. Aqui trago quem ouviu tudo. Gaspar, chega-te! S. ex.^a dá licença. Dize para ahi o que saccaste do bucho ao alarve do Paulo Penedo, e o que ouviste na Ponte da Asseca.

—Ah! Este homem ouviu?!... Bem! Então que fale.

O dialogo, que estamos escutando, tinha-se travado, como o leitor já percebeu de certo, entre o intendente Lagarde, o sargento Cabrinha, e o seu assessor Gaspar Preto. [139]

Os honrados malsins, farejando a denuncia lucrativa, corriam de Villa Franca, aonde se haviam transportado a cavallo, e traziam nos alforjes nada menos do que uma boa conspiração para attrahir sobre si a chuva de ouro, com que o ministro francez costumava recompensar os serviços relevantes dos seus agentes.

Ainda que o sargento desempenhasse o papel principal, manda a verdade que se diga, que a gloria do descobrimento pertencia de direito ás longas e afiadas orelhas do seu digno assessor. Fôra o *Sapo*, apezar de meio homiziado depois da prisão de Paulo de Azevedo, devida, como sabemos, á sua traiçoeira actividade, quem, espreitando os passos do Antonio da Cruz e do João da Ventosa, e as idas e voltas nocturnas dos embuçados, que frequentavam a casa arruinada da Ponte da Asseca, principiára a desconfiar de que as ruidosas cavalhadas das almas do outro mundo nas salas desertas do palacio encobriam planos politicos.

Para melhor se certificar, provou Gaspar, que não roubára a alcunha por que era conhecido.

Cozeu-se, como o *Sapo*, com as pedras caídas, que do lado da porta do João da Ventosa pegavam com o tapume, por onde elle introduzia as visitas, segundo vimos atraz, nos quartos do primeiro andar, penou frios e fomes, tiritou de mêdo mais de cem vezes, mas por fim conseguiu o seu fim.

Seis dias antes da festa do Corpo de Deus, ás onze horas da noite, por um luar esplendido, colheu em flagrante tres dos fantasmas, que tanto desejava avistar, e teve a rara felicidade de os conhecer a todos.

Viu-os entrar. Ficou firme no seu posto. A divindade protectora dos mexericos segredava-lhe que se os olhos tinham alcançado muito, os ouvidos ainda podiam obter mais. A sua paciencia merecia premio, e o demonio, cujo era, não lh'o negou. [140]

Quando se ía já sentindo quasi inteiricado de jazer enroscado, como a serpente, os conspiradores saíram. Principiava a aclarar a madrugada. Um d'elles, o capitão de

milicias de Rio Maior, dotado de uma voz de baixo profundo, voltando-se para os outros, disse-lhes:

—Façam-me uma fogueira bem vistosa lá pelos sitios de Leiria, e assem-me n'ella esses hereges e jacobinos, que os de aqui ficam por minha conta! Não havemos de ser menos que os de Bragança e Villa Real! Viva o principe regente, nosso senhor!

Os poderes do órgão vocal do herculeo capitão eram tão extensos, que este desafio innocente do seu patriotismo seria assaz perigoso, se a solidão e a noite o não cubrissem. Entretanto os amigos, menos intrepidos, recommendaram-lhe prudencia, e o gigante, docil como uma creança, submetteu-se, encolhendo os hombros, a estes conselhos timidos. O morgado de Penin e outro cavalheiro apartaram-se então um pouco. Quiz o acaso que fosse para o lado, justamente, em que o virtuoso Gaspar se occultava; e o terror do malsim subiu tal ponto, que esteve um instante para o trahir!

Vendo de repente o Antonio da Cruz, o João da Ventosa, e o Manuel da Aramanha, o resurgido, tão proximos do seu covil, que bastaria um d'elles estender o braço para o agarrar, não foi senhor de si. Vinham atraz dos personagens principaes, e tudo inculcava que não vinham por curiosos. O *Sapo*, frio de neve, e todo um calafrio de medo, ennovellou-se n'uma bola para occupar menos espaço, e fez a Nossa Senhora da Saude a promessa solemne de uma missa e de uma perna de cêra se permittisse, que nenhum dos cinco dêsse com elle alapado n'aquella toca, seguro de que, se escapasse por milagre ao alentado varapau do ex-assassinado fazendeiro, a bala da espingarda, que o moleiro trazia ao hombro, não o erraria de certo em nenhum caso. [141]

Os conspiradores estavam longe de se supporem espiados, e traziam outros cuidados.

Voltando-se para Antonio da Cruz, o morgado disse-lhe:

—Já sabes! No dia de Corpo de Deus has-de estar em Lisboa. És lá preciso!

—Se meu amo mandar!

—De certo. Mas sei que manda. O Paulo Penedo não tarda com as ordens... E você, sôr João da Ventosa, deixa-se ficar por cá, ou acompanha tambem o Antonio á côrte?

—Eu, sôr morgado, lá por ir, ia; mas assim sem saber o que a gente lá vae fazer?!...

—Ora! Vae dar um passeio, vêr a procissão, que se despovoam aldêas e logares para accudir a ella... e depois!... Adivinha-me este dedo, que o seu cajado talvez não fique por lá parado!... Gosta dos francezes?...

—Como o diabo da cruz, senhor! Pelo amor que lhes eu tenho... e o bem que me fizeram!...

—Pois vá, homem, que póde ser que não perca o seu tempo. Ás vezes d'onde menos se espreita sae coelho...

—V. s.^a que diz isso!... Está bom. Não é preciso mais. Senhor mandar, preto obedecer!... E tu, Antonio Simões, estás ahi sem atar nem desatar? Porque não vens com o Antonio e commigo á festa? Tens medo dos francezes, homem?

—Salva tal lugar, sôr compadre! Mas que quer você que eu vá fazer á côrte pregado no meio das ruas como uma estaca? Com mil cobras? Se por lá bispasse o alma ruin do sargento, ou aquelle excommungado *Sapo*, ainda, ainda; mas qual! sumiu-se a terra com elles!... [142]

—Qual sumiu! Aposto um almude dobrado contra duas canadas singelas em como as duas osgas estão pegadas em alguma parede de Lisboa...

—Veja lá, sôr compadre! Se tem palpite n'isso é outra cousa: pernas a caminho. N'um sopro deito o albardão á égua... Não morro quieto se não racho de meio a meio aquelles dois patifes.

—O *Sapo* fica por minha conta, atalhou o moleiro. Prometti-lh'o e hei de cumprir. Você, sôr João, que me diz da figueira de José Lopes, alli em cima, no alto do logar?

—Ora essa! Que é boa arvore. Porque?...

—Pois juro-lhe que dá figos de enforcado para o anno. Antonio me não chame eu se não pendurar do pescoço em um dos ramos o judas do Gaspar Preto antes do dia do natal!...

—Você sempre tem cousas, sôr Antonio!

—Vá com o que lhe digo. De mais, pouco ha de viver quem o não vir.

—Então, rapazes? atalhou o morgado, que estivera conversando a meia voz durante o colloquio dos tres. Quem vae a Lisboa?...

—Saberá v. s.^a que nós todos tres!

—Ora assim é que é. Gosto de os vêr de feição. Bebam por lá um copo, ou dois, de vinho á minha saude, e outro á do principe regente, nosso senhor, o qual, querendo Deus, muito cedo teremos n'estes reinos para gloria da patria e da santa religião!...

E o morgado, assim como o E o morgado, assim como os ouvintes, desbarretaram-se com toda a reverencia como [143] bons catholicos e vassallos fieis e respeitosos.

—Adeus, Antonio, proseguiu. Recados a teu amo! Diz-lhe que nós cá estamos, e que o que fêr soar. Sôr João! Volte depressa. A caldeira está ao lume, ha de ferver, e póde ser necessaria a casa...

—Quando v. s.^a mandar, sôr morgado.

—Olhe! Se no meio da procissão, ou depois, houver algum barulho, não me metta as mãos nas algibeiras. Dê-lhes com alma, desanque-me os jacobinos moa-m'os como farinha, hein?...

—Vá v. s.^a descansado.

—Vou! Vou! Vocês não deixam mal o Ribatejo. Até á volta. São horas.

Os tres de fóra foram buscar os cavallos, e d'ahi a pouco desapareciam a galope pela Ponte da Asseca. O lavrador e os seus amigos recolheram-se tambem logo. D'ahi a instantes resonavam a somno solto.

Quem não tinha vontade de dormir era o *Sapo*, o qual, arrastando-se do esconderijo, fulo de terror, respirava a custo, estirando os braços, mais morto do que vivo.

A ameaça do Antonio da Cruz soava-lhe nos ouvidos como um dobre funebre, e por vezes sentia já em imaginação os gorgomillos tão apertados como se lh'os estreitasse a promettida e fatal corda!

A reputação merecida do moleiro de não quebrar palavra dada fazia-o de mil côres, e a voz da consciencia, que só o

susto tinha o condão de acordar de véras, advertia-lhe, que provocára, não uma, porém cem vezes, o castigo.

Não vendêra elle ao sargento o segredo do asylo em que se homiziava Paulo de Azevedo, abusando da hospitalidade de Antonio da Cruz, o qual, tendo-o poupado, o julgára grato? Não fôra causa da prisão do Cavalheiro de Mafra, da magoa de Leonor, e do desespero de Manuel Coutinho? Agora mesmo, não colhêra um segredo, que podia custar a vida e a liberdade a tantas pessoas? [144]

Gaspar era logico. Convencido de que a sentença proferida era irrevogavel, tractou de se eximir aos seus rigores pelos meios usuaes, isto é, accumulando novas traições. Coxeando e rastejando partiu para a villa, aonde amanheceu á porta do sargento, cuja cholera exacerbada pela certeza de ter servido de alvo á irrisão na famosa noite dos fantasmas, soube artificiosamente exaltar. O *Sapo* acabou de o petrificar, narrando-lhe as ameaças do Antonio Simões da Aramanha, e o plano, interceptado por elle, de grandes tumultos em Lisboa durante, ou depois da procissão do Corpo de Deus.

A noticia valia o seu pezo em ouro, e Cabrinha decidiu-se a ser em pessoa o portador d'ella.

A chegada de Paulo Penedo, emissario de Manuel Coutinho para chamar o moleiro em seu nome á capital, confirmou as informações do agente. Gaspar, a troco de pão, queijo, vinho, arrancou sem difficuldade ao camponez boçal quanto elle vira e ouvira do patrão em Lisboa. Separou-se, deixando-o convencido de que o amante de Leonor de Azevedo não tinha mais leal amigo.

Depois d'esta ultima proeza, os dois malsins começaram a jornada até Villa Franca, aonde haviam de embarcar, o sargento ardendo em impaciencia de cingir na frente os louros, e de sepultar no bolso as peças de 7\$500, que Lagarde não cisava aos que o serviam zelosamente: o *Sapo*, cujas vigalias eram cada noite mais tormentosas, acompanhando o patrono a Lisboa, primeiro para se afastar o mais possivel da figueira do alto do Valle, depois, para ter o gosto de vêr mettidos na enxovia do Limoeiro, graças á sua honrada lingua, o Antonio da Cruz, o João da Ventosa, e o Antonio Simões. [145]

Já os ouvimos confessar ao intendente da policia, que por um instante não caíram na bôcca do lobo em Villa Franca, e encontrando-os no gabinete do ministro, no exercicio de suas funcções, convem notarmos, que tinham sido activos no desempenho da sua missão, como homens fieis aos interesses proprios, e devotos da causa que abraçavam.

Lagarde escutára com attenção o depoimento lucido e conciso, que o *Sapo*, sem trepidar, lhe recitou, como licção aprendida de cór, admirando a prodigalidade, com que a natureza favorecêra este ente quasi disforme e rachitico, que, encarado á primeira vista, não promettia, senão fraqueza e estulticia.

Depois de tomar algumas notas, consultando um, ou dois papeis, e tornando-os a encerrar nas gavetas do bofete, o intendente conservou-se silencioso por momentos, scismando profundamente.

—A conspiração existe, dizia elle comsigo. Aqui estão as provas d'ella; mas quem ha de persuadir o duque, e vencer o seu amor proprio? A leitura d'aquelle maldito plano atrazounos!... Não importa. Deixal-os rir! A mim compete-me velar para que riam sem perigo.

Virando-se depois para os agentes, que aguardavam calados as suas ordens, acrescentou:

—Sargento! Estamos na pista de um trama complicado.

Fique em Lisboa com este homem, e procure hoje de tarde o meu secretario Loisy. Elle lhe dirá o que ha de fazer.

Estas palavras, e o gesto do ministro avisaram os dois, de que a audiencia estava terminada. Saíram logo, mas ainda [146] Lagarde não tinha tido tempo de percorrer com os olhos um papel, que acabavam de lhe entregar, abriu-se uma porta particular, e entrou no escriptorio um mancebo, de rosto jovial, vinte oito annos de idade, e figura esbelta, realçada pelo uniforme de official de cavallaria, trajado com garbo. Era seu sobrinho Armand de Aubry.

XIII

Dois parentes

O intendente acolheu o recém-chegado com um sorriso, e estendeu-lhe a mão com amizade. Aubry apertou-lh'a sem cerimonia, encarou-o com ar malicioso por momentos, e disparou-lhe depois na cara a mais longa e estrepitosa risada, que de certo tinham ouvido aquellas paredes, desde que a Santa Inquisição reinava dentro d'ellas.

—Ah! Ah! exclamou fazendo esforços em vão para se reprimir. Que duas figuras unicas, que duas corujas agoureiras acabo de encontrar no corredor!... Pelo que vejo a procissão de amanhã leva anjos, demonios, serpentes, e até estafermos do mais curioso feitio. Estes dois são magnificos. Sobre tudo um... o mais baixo. É admiravel!

—Porque? atalhou Lagarde.

—Porque, meu tio? A pergunta é rara! Aquella cabeça de anão, aquella cara de papel, e os saltos de rã da perna coxa promettem á festa um palhaço soberbo. Por quanto se aluga [148] aquelle senhor? Juro-lhe que vale quanto pesa... em cobre. Dou-lhe os parabens! Foi um achado. Posso saber o que elle custa á policia de sua magestade o imperador e rei?!...

E o official dizendo isto ria como um louco, afagando o bigode louro, e saccudindo o pó das botas de montar com a ponta do junco flexivel, que trazia na mão.

—Não custa barato, Armand! redarguiu o intendente, sorrindo-se tambem. Aquelle anão, assim mesmo contrafeito e ridiculo como te pareceu...

—Esse *pareceu* é delicioso, meu tio! Continue. Sou todo ouvidos.

—Vale mais do que muitos homens guapos e bem postos.

—Quem tal diria! Então é um diamante bruto?...

—Talvez. Dentro em pouco vel-o-has chefe...

—Chefe? Muito bem. E de que tenciona invental-o chefe? Acaso a policia conta distraír os portuguezes de suas saudades, armando tablados ao ar, e escripturando polichinellos?

—Não! redarguiu Lagarde um pouco enfadado dos motejos do sobrinho. A policia aspira a funcções mais modestas. Lisboa, esta cidade immunda como as do Oriente, começa já a ser outra cousa... As ruas...

—Tá! Tá! Meu tio. Esse elogio dos serviços da policia, na sua bôcca é capaz de abrandar as pedras... das mesmas ruas. A

proposito! Denuncio-lhe os cães vadios. Resistem ás ordens como janizaros. Hontem á meia noite estivemos em perigo de sermos devorados, eu, e o meu cavallo! Que morte para um official do exercito imperial!... Diga-me: o anão, de que tractámos, será nomeado executor da alta justiça contra as matilhas famintas? A cara do personagem é de um verdadeiro Herodes, e não desmente o officio. Puah! O maldito sempre deixou aqui um cheiro patibular!...

[149]

—Armand! Não te cansaste ainda?!...

—Oh! Cuida meu tio, que os assumptos recreativos se encontram a cada canto n'esta boa terra? O que admiro mais é a sua longanimidade. Parece incrível! Aturar fechado n'este gabinete dias, semanas, e mezes, entre cachos de malsins e grinaldas de larapios aposentados! Santo Deus! Que emanações asquerosas. É de engulhar até o estomago a um tubarão!...

—Ainda! Armand, o que sinto mais, do que a triste sociedade, que sou obrigado a admittir...

—Diga tristissima, meu tio, que não diz senão a verdade. Os melhores dir-se-iam desenterrados das enxovias, ou das galés...

—Então! O que deploro, mais do que isso, é essa tua leviandade incuravel. O homem, que estás escarnecendo, prestou-nos a ambos um serviço relevante...

—Não sabia. Pelo que observo o precioso aborto accumula as funcções de palhaço ás de nigromante? Faz magia branca nas ferias. Excelente!

—Ah, Aubry! Quando te verei um momento serio e preocupado dos deveres da tua posição?

—Quando uma bala me varar o peito, ou a cabeça. Se não levasse a vida a rir e a folgar, entre dois amores, um que hoje foge para volver ámanhã, outro que arrebatava e embriagava; o amor dos sentidos e o amor da gloria; cuida que valia a pena de a arrastar de desengano em desengano, de revez em revez até aos rheumatismos, e aos defluxos astmaticos da velhice? Por alma de meu pae! Nasci e hei de acabar com esta sina. Sou assim feito. Não tem remedio! Mas apesar de rir muito, de chorar pouco, e de preferir o lado comico ao aspecto lugubre da existencia, ajuntou, tornando-se um tanto grave, creia que este coração, facil em se alvoroçar com a promessa de uns bellos olhos pretos, azues, ou verdes, a côr é indifferente uma vez que sejam formosos (!), é incapaz de trahir a honra e a amizade, ou de se aviltar por nenhum preço...

[150]

—Bem sei. Por isso te estimo. Desejava-te só menos estouvado. Não póde ser? accrescentou sorrindo-se involuntariamente do gesto negativo do sobrinho. Paciencia! Escuta-me. Aquelle homem, que saiu d'aqui ha pouco... Não rias! ao qual ignoro porque pozeram a alcunha de *Sapo*...

—Quem seria o philosopho que tão bem chismou o reptil? Preciso abraçal-o! O *Sapo*?! Mas é verdadeiramente um sapo o seu homem, meu tio! Bom! Não se agaste. Já me calo. Passo a estar serio e aprumado como uma estatua... Diga!

—Aquelle homem... foi quem descobriu o asylo de Paulo de Azevedo, e entregou á policia a sorte do cavalheiro, do qual depende...

—Cuidei que lhe tinha escapado! interrompeu o mancebo. Pareceu-me ouvir-lhe dizer que duas vezes...

—O tivemos nas mãos, e que nos escorregou por ellas, zombando de nossas diligencias? É verdade. Não te enganaste. Mas á terceira fomos mais felizes. Estava escondido aqui mesmo em Lisboa, e mandei-o prender... O

sargento Cabrinha, um dos meus agentes mais activos, e este *Sapo*, que ainda promete ser melhor...

—Ah, meu tio, fale-me de tudo menos d'esse miseravel. Deploro vê-lo convertido em Plutarco de semelhante monstro...

—Pois sim. Mas attende-me. Lavemos agora um pouco a nossa roupa suja em familia. O que te resta dos bens de tua casa?... [151]

—Dividas e credores, replicou Armand com um sorriso stoico sublime.

—Nada mais?...

—Acha pouco? Dividas desassocegadas e credores inquietos!... Tenho com que me entreter toda a minha vida.

—Um!... Pois de todas as propriedades, que herdaste, mobílias, ouro, prata... não possues absolutamente nada?!...

—Nada!... O ouro a que posso chamar meu... e assim mesmo só por uma audaciosa figura de rhetorica, porque o não paguei ainda... trago-o aos hombros... são as dragonas!

—Ah! Então o naufragio foi completo!?!... E com que contas para o futuro?...

—Essa é boa! Conto com os meus vinte e oito annos, com esta figura soffrivel, com a saude á prova de todas as fadigas, que devo á minha compleição, e que tem sido o desespero dos medicos, e com o acaso de uma bala, ou de uma proeza, que me eleve em patente, ou me deixe no campo como muitas outras buxas de canhão, que valem menos do que eu.

—És louco!...

—Sou philosopho!

—Talvez! Mas dize! Eras filho unico. Teus paes deixaram-te...

—A sua benção e alguns punhados de escudos nas gavetas. Que quer, meu tio?! As Aspacias de París, as Sylphides do corpo de baile, e as Musas da opera vendem os sorrisos caros. Não imagina!... E sorriram tanto, e com tal graça para mim, que as mãos abriram-se-me sem as sentir... Quando caí na realidade... sabia de cór todas as piruetas e saltos de Vestris, todos os passeios e casas de pasto de mais fama, e podia dar licções de gosto e de ouvido a todas as platéas civilizadas... Mas nem um real no bolso para afugentar o demonio! Encolhi os hombros e fiz-me soldado. [152]

—Bem sei. Porém a herança de tua tia?!...

—Santa e excellente velha!... Saltam-me as lagrimas dos olhos ainda quando me recordo d'ella! A herança da boa tia veiu nas poucas horas de melancholia, que tenho penado em minha vida.

—Isso não explica!... Lembro-me de ter ouvido falar em terras...

—Oh, de certo. Um bom par de geiras... Eram muito fracas. Vendi-as por economia.

—Mattas e pinhaes!?!...

—Magnificos!... Eram muito sombrios. Troquei-os a dinheiro para me não entristecerem.

—Uma casa de residencia vasta com jardins?...

—A casa era humida e constipava-me. Os jardins precisavam de muito amanho, e não apparecia jardineiro. Desfiz-me da casa e dos jardins.

—Uma mobilia antiga, mas rica?!

—Custava-me muito caro o transporte, cedi-a.

—Percebo!... N'esse caso estás?...

—Como diz o livro de Job: Nú saí do ventre de minha mãe, e despido de bens da fortuna descerei á cova.

—Admiro o teu sangue frio. Não te parece já tempo de assentar, e de mudares de vida...

—Conforme a mudança! Saltar da agua fria para caír no fogo, não sei se é peor.

—Armand! É necessario cazares, e que o dote de tua mulher...

—Chegue para remendar a capa esburacada do mendigo?!

—Mais do que isso. É preciso que dê para uma capa nova. [153]

—Não digo que não. Mudarei ainda de pelle. Estou prompto.

—Estimo. Falei-te na filha de Paulo de Azevedo...

—É moça?...

—Dezoito annos.

—Feia como uma herdeira, ou desastrada como as morgadas?...

—Não. Linda, airoza, e gentil como uma parisiense.

—Santo Deus!... E esse thesouro, essa fada, mimo de todas as perfeições, guardou até hoje o seu coração livre á espera de um perdulario, de um estouvado, que nunca viu?! Meu tio! Sabe que o unico ridiculo, de que tenho medo, é da sorriada merecida de Jorge Dandin?...

—Repito. É uma menina séria, prendada, e espirituosa...

—Não duvido. Antes isso! A ingenuidade de Agnés sempre me assustou muito! Essa menina... Mathilde?... Clara?...

—Leonor! Leonor de Azevedo...

—É verdade! Leonor!... Essa Leonor não estava justa a cazar com um cavalheiro, tambem fidalgo, official, capitão, creio eu, do segundo regimento do Porto, licenciado depois do tumulto das Caldas?... Se não erro, elle chama-se?...

—Manuel Coutinho! accudiu o intendente. Não houve nunca promessa de casamento, enganas-te. As duas familias davam-se muito. O que poderia existir era algum namorico, alguns requebros naturaes... innocentes...

—Sim! Sim! Muito innocentes. Sabe que nunca me resolvi a calçar sapatos de defuncto, e que de sapatos de vivos gosto ainda menos?... Uma pergunta, meu tio?... Hei de ser sempre noivo por procuração? Conta cazar-me sem eu vêr nunca minha mulher... nem até no oratorio da policia?... [154]

Lagarde piscou os olhos, assoou-se com ruido, e coçou depois ao de leve a ponta do nariz aquilino. Eram os gestos, que n'elle inculcavam hesitação e perplexidade.

—Cazares sem vêr tua mulher?! exclamou rindo constrangido. Pelo amor de Deus! Quem te metteu isso na cabeça?

—Cuidei! Como os principes cazam pelos retratos...

—Has de vêl-a, adoral-a, e agradecer-me de mãos postas a escolha.

—Estou certo, meu tio. Porém!... Como o meu voto me parece essencial desejo dal-o em consciencia. Quando me apresenta a D. Leonor?...

—Um dia cêdo! Amanhã talvez! redarguiu o intendente, agitando-se, e estorcendo-se na cadeira, como se o assento fossem brazas.

—E porque não ha de ser hoje. Sou tão curioso!...

—Hoje! Sem a avisar! De mais tenho que despachar... Espero...

—O honrado sargento, ou o palhaço talvez?!... Vamos. Decida-se. Hoje, ou nunca! *Alea jacta!* como nós diziamos no collegio. Os bons palpites aproveitam-se. O matrimonio é um grilhão de ferro coberto de flôres... Quem sabe se amanhã eu terei medo da felicidade conjugal, e me arrependerei? Seja docil! Deixe-me vêr hoje esse portento encoberto...

—Pois bem! Faça-se a vontade ao teimoso, contestou Lagarde, depois de alguns instantes de reflexão, tirando o relógio do bolso, e consultando-o. São dez horas. Ao meio dia aqui te espero.

—Viva o melhor dos tios! bradou Armand, rindo, e abraçando-o. Diz o rifão: em quanto venta molha a véla! [155] Quero remar com a maré. É verdade que na Ponte da Asseca, em um casarão arruinado, apparecem aventesmas, e que um troço de milicianos debandou por uma noite de tempestade, fugindo de um fantasma?...

—Porque?

—Nunca tive a honra de conversar particularmente com nenhum espectro, e desejava certas informações sobre o paraizo e sobre o purgatorio...

—Os fantasmas da Ponte da Asseca sabes o que são? accudiu o ministro agastado. Um bando de conspiradores, que a policia vae desmascarar e punir.

—Jesus, que ares tragicos, meu tio! Pela sua vida não represente de tyranno. O papel cai-lhe mal. Dê-me essa missão a mim. Adoro as aventuras, e Cazote é o meu idolo... Quem sabe se irei lá encontrar algum diabo amoroso?

—Pois bem, irás! atalhou Lagarde sorrindo. Mas já te previno. O que lá acharás são morgados lorpas, e rebeldes endurecidos. Agora adeus. Não te esqueças. Ao meio dia em ponto!

—Ao meio dia em ponto! respondeu o sobrinho, saudando-o, e saindo.

XIV

Amor

Quando Manuel Coutinho assomou aos umbraes da porta do aposento, acabava Leonor de lêr uma carta de seu pae, escripta com a firmeza de animo, que tornava tão nobre o

caracter do velho cavalheiro. Da sua prisão do castello, com a morte eminente e a vingança de poderosos inimigos suspensa sobre a cabeça, falava Paulo a sua filha com o mesmo socego, com que o faria solto e desaffrontado. Nem uma queixa! Nem um indicio de tristeza, ou desalento! Ausente em uma viagem longa, ou distraído em uma partida de caça, não tractaria com indifferença mais soberana as vigalias e amarguras do carcere.

Dizia-lhe que o seu processo, apressado a principio pelo odio, agora coxeava, retido por mão occulta. Zombava da vigilancia, com que era guardado, [attribuindo-a](#) á scena comica da sua evasão no palacio da Ponte da Asseca.

Perguntava-lhe por Manuel Coutinho, e pedia-lhe que recommendasse ao mancebo muita paciencia e conformidade, e resignação para atravessar os dias dolorosos do captiveiro. Finalmente, lembrava-lhe em estylo [157] risonho alguns episodios de suas peregrinações pelas aldeias e casaes do Ribatejo, assegurando-a, de que o descanso do corpo e a serenidade do espirito iam obrando n'elle o prodigio de o transformarem, de seco e agil, em um ente mais obeso, mais corpulento, e mais oleoso, do que fr. Raymundo, frade notavel em Mafra pela estatura agigantada, pela estupidez, e pela voracidade.

Aonde a sua ternura extremosa se denunciava, e a alma stoica deixava perceber a ferida dos espinhos da saudade, era nos conselhos dados á donzella, e nos gracejos constrangidos, com que a motejava ácerca da alvura da tez e das rosas pallidas, tão festejadas no seu rosto, deplorando que o sol, as geadas, e a vida alpestre de uns poucos de mezes as tivessem queimado! Rogava-lhe ironicamente, que aprendesse de alguma dama franceza o segredo d'aquella frescura artificiosa, que só ellas sabiam fabricar para engano da idade, e conservação de successivas gerações de adoradores.

Apezar do tom jovial, a carta era mais triste do que se respirasse sincera melancholia. Leonor, avaliando o coração paterno pelo seu, sentiu correrem-lhe as lagrimas e empanar-se-lhe a vista á proporção que a ía lendo. Dotada, tambem, de indole varonil e soffredora adivinhava facilmente as apprehensões e os tormentos, que aquellas lettras escondiam, e quasi revia por baixo d'ellas as nodoas do pranto suffocado por uma vontade forte.

A donzella recostava-se em uma marquezia de palhinha. O braço nù do cotovello para baixo descansava em um velador entre duas jarras de porcelana cheias de rozas e madresilvas. Duas portas de vidraças abertas sobre o jardim, para onde se descia por escada de poucos degraus deixavam entrar a luz em jorros. A sala era atapetada de esteira, e estava ornada de alguns paineis de paizagem, pendentes das paredes estucadas. Nos vãos das portas duas gaiolas douradas encerravam aves africanas de vistosas plumagens. Em cima do marmore de um tremó, entre flores, jazia esquecido o livro, que tivera na mão pouco antes de rasgar anciosa o sobrescripto da carta, que viera interrompel-a. A um lado, no bastidor, sobre a tela repregada notava-se ainda a agulha picando a talagarça na petala delicada da ultima flor, cujo matiz deixára em meio. Um vidro de peixes, de cores cambiantes, enfeitava a mesa fronteira ao tremó e ao espelho. [158]

—A filha de Paulo de Azevedo vestia de escuro sem affectação. Um corpete, dos que então se chamavam *Mimosos*, de seda preta com guarnições singelas, e cintura curtissima, desenhava mal a rara elegancia d'aquelle corpo esbelto, moldado pelas graças. Uma fita larga, com laço e pontas caidas, unia-o á saia de tafetá de cauda alta, orlada com uma barra de requifes; mas a saia, segundo a moda do tempo, não era menos desairosa do que o corpete; e n'esta nossa epocha de crinolines e balões de verga de aço a magreza da roda, e a estreiteza do córte, que a cingia aos

membros quasi a ponto de accusar de mais as fórmas, faria estalar de riso um conciliabulo de modistas e petimetres. Uma singela cruz de coral, encastoadada em ouro, e suspensa de um fio de aljofres debruçava-se sobre o collo de neve, que um poeta sem exageração denominaria verdadeiro collo de garça. O penteado, não menos singular para os nossos dias, que o feitto do trajo, era todo de anneis irregulares, acompanhando a testa em figura quasi de diadema, e rematando no alto da cabeça por uma flor natural cravada nas tranças. Sapatos de setim de entrada muito baixa, cobriam ou antes descobriam o pé mais breve e mais lindo, que um estatuario poderia desejar para modelo das extremidades de uma Hebé. A manga do corpete desnudava todo o braço, que na pureza e correção das linhas não desmentia a formosura do semblante, o enlevo namorado dos olhos, e a expressão nobre, quasi altiva, e apesar d'isso ingenua e suave da physionomia. [159]

Vendo-a assim reclinada, com os atomos dourados do sol a brincar-lhe nos cabellos, com a meiga pallidez, que um carmin fugaz e transparente apenas córava por momentos, e com aquella melancholia tão feiticeira pousada na vista, perdida com o pensamento bem longe de si e de tudo o que a cercava, um pagão, se a contemplasse de repente, hesitaria entre Juno e Diana, mas de certo não equivocaria sua belleza casta com os encantos mais faceis da lasciva deusa de Paphos.

Manuel Coutinho, que a amava, que desde a infancia a vira crescer em annos e attractivos, deteve-se suspenso de admiração, não se atrevendo a despertal-a do enlevo com o ruido de seus passos. Mas o coração tem sentidos mais subtis, que os ordinarios. Sem o vêr, sem ter percebido a sua chegada, Leonor adivinhou que era elle, e a sua alma, fugindo á dor, logo voou a enconral-o. Um suspiro á flor dos labios, um sorriso em que a magoa e o jubilo se fundiam, duas lagrimas congeladas, tremendo nas pestanas, disseram ao mancebo, que o sonho se quebrára, e que a amante, baixando das illusões do devaneio, volvia ás realidades doces, mas bem tristes, da existencia, e da paixão.

Leonor olhou para elle. N'este simples volver de olhos disse tudo, calados os labios, mas cheia de luz a vista radiosa. Um rubor, que esmorecia, e breve tornava a avivar-se, denunciou ao mesmo tempo o sobresalto da alegria e as tremulas palpitações do peito. O mancebo, não menos rendido, porém mais impetuoso, soltou a alma em um suspiro de entranhavel affecto, prostrando-se-lhe aos pés e, adorando-a, quasi como se adora a Deus. O que ambos falaram mudos n'este momento só pôde conceber-o quem já gosou tambem as delicias por vezes acres das expansões do primeiro amor. Á donzella ria a esperança na bôcca e nas pupillas. Ao amante, olvidados os zelos e amarguras das confidencias, que acabára de escutar, tumultuavam no seio agitado as commoções, como vão e vem as ondas inquietas espumando sobre a areia. [160]

Por fim a mão estreita e melindrosa estendeu-se para o obrigar a erguer-se. Um beijo ardente, seguido de mil osculos, n'essa mão que não fugiu, affrontou de novas e vivas cores as faces da filha de Paulo de Azevedo.

Desviando com um gracioso gesto de infinita brandura o amante ajoelhado, e constringendo-o a levantar-se com o imperio só dos olhos. Leonor disse-lhe:

—Veiu tarde!... Não imagina o cuidado com que o esperava!...

—Leonor! Leonor! exclamou Manuel Coutinho incapaz de se vencer. Jure-me que não dará nunca a outro esta mão, que tenho nas minhas, como penhor da nossa ventura...

—Juramentos?! Já se não contenta com menos? Não crê em mim?!...

—Como em Deus!

—É de mais agora. Basta a fé... Teve noticias de meu pae? Será possível ao menos demorar a sentença? que o ameaça. Quando me lembro!... Manuel! E nós aqui n'estes colloquios, quando elle.. geme desamparado, e se prepara para a morte... que será tambem a minha, porque, se o perder, sei que não posso, que não hei de sobreviver-lhe!... [161]

—Não diga isso. Seu pae está mais perto da liberdade, do que da morte...

—Quem lh'o disse? Elle escreveu-me. Aqui está a carta; mas só confia em Deus! Ha alguma novidade? Veja que padeço ha tantos dias, chorando quasi orphã aquella vida, que é tudo para mim... Diga! Devo ter ainda esperanza?...

—Deve!... O bispo, e sua irmã não lhe contaram nada?...

—Não! Mas o que ha? Ouvil-o-hei da sua bôcca... A boa nova será para mim mais risonha!

—O Porto vae acclamar o principe regente. Sepulveda sublevou as provincias do norte! O Alemtejo e o Algarve fazem e farão o mesmo!... Os francezes acossados retiram sobre Lisboa de toda a parte!...

—Seja para sempre glorificado o vosso nome, meu Deus! exclamou a bella entusiasta, caindo de joelhos, e erguendo as mãos. Os ferros do captiveiro são asperos e pesados e a minha alma, ferida e cega de prantos, nem já a vista se atrevia a elevar ao ceu para vos pedir justiça!... O dia da liberdade começa a raiar. Manuel! O seu posto não é aqui, é ao lado de nossos irmãos que pelejam e morrem pela patria...

—Bem sei. Parto em dois dias. Vinha dizer-lh'o.

—Perdoe-me. Tenho pressa de vêr meu pae! Quero dever-lhe o seu resgate... As damas antigamente mandavam os cavalleiros correr aventuras, e não os premiavam senão coroados de louros. Quer ser meu cavalleiro?... ajuntou com um sorriso e em um tom irresistivel.

—Não o sou já? Que votos póde fazer que eu não cumpra?

—Vá! A empreza é gloriosa. Ajudará a restaurar a patria, a restituir o throno ao seu rei legitimo, e um pae extremoso aos braços da sua filha!... Porque não sou homem?! Nunca invejei tanto uma espada!... [162]

—Quem sabe, accudiu o mancebo sorrindo, se os dias das amazonas não voltarão!...

—Porque o diz zombando?... Cuida que me faltaria o valor?... Estou louca! Desculpe! De balde quero dissimular a minha fraqueza mais do que posso. Elles são briosos; hão de combater aqui como combateram em toda a parte... Quantas victimas! Quanto sangue! Manuel! Não seja temerario! Quero tornar a vel-o!... Oh! se uma bala, se um golpe!...

—Deus será comnosco. Havemos de vencer. Anime-se!

—E eu?!... Ficarei só entre dois amores, que são toda a minha esperanza, entre duas saudades, que prendem toda a minha alma! Só! Não sem outra companhia mais do que receios e cuidados, sem outras armas senão as minhas lagrimas e orações!... Attentando, depois, na confissão que acabava de soltar, vermelha de pejo como uma roza, cobriu o rosto, e o pranto, rebentando, principiou a deslizar-se-lhe por entre os dedos. O mancebo, exaltado, lançou-se outra vez a seus pés, e em vozes suffocadas e incoherentes repetiu-lhe mil protestos. A final, Leonor levantou a face orvalhada d'aquellas lagrimas tão suaves para ambos, e os

bellos olhos sorriram humidos, como o sol de abril por entre chuueiros finos. Uma vista longa e apaixonada beijou com ineffavel delirio a vista do amante, que se sentia desfallecer de jubilo, e que sem forças para exprimir com palavras o alvorço, amiudava os osculos frementes nas mãos, que tremiam, entregando-se a seus carinhos.

—Leonor! disse depois de alguns momentos. Agora póde vir a morte, póde redobrar o infortunio, achar-me-hão forte! Sei que sou amado! Levo commigo a confissão da sua ternura!... [163]

—Ingrato! accudiu ella com meigo requebro. Era preciso que um instante de dor, mais poderoso que o pejo, lhe dissesse o que devia ter adivinhado!?... Não sabia que a ninguem, a mais ninguem... depois de meu pae, tenho a affeição...

—Porque não diz o amor!... Teme ver-me feliz?!...

—Pois sim! O amor! redarguiu, alçando a fronte com nobre altivez, e fitando no mancebo um olhar de indizível e terno orgulho. Porque hei de encobrir o que sinto; porque hei de negar o que não posso esconder? Amo!... Desde a nossa infancia jurei que não teria outro esposo. Não é crime escutar o coração! Amo-o, Manuel Coutinho!...

—Leonor!...

—Agora ouça! Antes de partir, volte aqui. Deante de Deus estamos unidos. Quero dar-lhe uma prenda, que nos recorde a alegria triste d'este dia!... A guerra vae a principiar. A sua ausencia póde ser larga... Hei de supportal-a com toda a constancia, hei de ser digna mulher de um soldado!... Volte! Lembre-se de que deixa n'esta solidão metade da sua alma em troca da minha que leva toda... Quero vê-lo victorioso, coberto de gloria, mas!... Que eu não fique viuva sem ser esposa! Tem outra amante que vae servir, a patria! Sacrifique por ella... tudo... tudo! menos a vida que me pertence! Adeus agora! Preciso de socegar o animo para uma visita, que espero, e da qual depende talvez a sorte de meu pae...

—Lagarde!?... atalhou Manuel Coutinho irado e sombrio de repente. Porque se sujeita a ouvir esse monstro, auctor de nossas desgraças? [164]

—Porque o meu dever o manda. Cuida que ha sacrificio, que me custe, para salvar meu pae? Oxalá que viesse pedir-me todo o meu sangue em preço do sangue d'elle!

—Sabe o que Lagarde quer exigir-lhe pela soltura do sr. Paulo de Azevedo? perguntou o mancebo tremulo e pallido.

—Sei! contestou ella serenamente.

—E conta responder-lhe?!... interrompeu o amante ancioso.

—Não lhe disse que o amava? Duvida do meu coração, ou da minha fé!? Pela vida de meu pae estou prompta a immolar tudo, menos... a honra do seu nome, que é sagrada, e a minha alma, que é livre... O esposo, que posso ter, já o escolhi.

—Obrigado, Leonor, pela doce promessa! Partirei tranquillo... Mas, então porque escuta Lagarde? Com que espera movel-o?...

—É o meu segredo. Todos os sacrificios, menos um! Tudo menos vender-me, ou aviltar-me!... Não ouviu rodar uma carruagem? É a d'elle! Sáia por aquella porta... Não! Não! ajuntou, notando a agitação do amante. Não lhe devo occultar nada! Entre para aquelle gabinete!... Mas jure-me, que ouça o que ouvir, veja o que vir, mesmo que eu fosse ameaçada... o seu braço, a sua voz, a sua presença, é como se estivessem ausentes...

—Juro! Mas se elle ousar!...

—Não ousa! De mais, sei, e posso defender-me! Creia em mim. Agora vá! Um momento! Deixe-me colher forças para o combate!... E pousando-lhe na frente os lábios de rosa afagou-lh'a com um beijo.

—Leonor!... exclamou elle ebrio de jubilo.

—Recompense-me! Seja homem! Hoje a nossa arma é a paciencia. Não o sente? Sobe a escada... Vá! Nem um gesto, [165] nem uma palavra! Responde pela vida de meu pae!

E impellindo-o com maviosa brandura obrigou-o a entrar para o gabinete, cuja porta de vidraças recatavam duas cortinas de seda despregadas quasi até ao chão.

Depois, levando a mão ao peito, como se quizesse contel-o, alçou a vista com expressão sublime e magoada, e aguardou que a porta se abrisse.

Não tardou. Lagarde d'ahi a um instante appareceu entre os umbraes.

XV

Cubiça e Nobreza

O intendente geral da policia era homem de sala. No tracto usual ninguem o excedia em delicadeza.

Apenas apontou ao limiar, inclinando-se profundamente, adeantou-se com o chapéu na mão. Com o sorriso estereotypado nos lábios beijou a mão, que Leonor de pé, séria, e grave, nem lhe estendeu, nem lhe recusou.

Seguiu-se uma pausa curta durante a qual a vista do ministro se cruzou com a da donzella, frias e penetrantes ambas como duas espadas.

A um aceno cortez da filha de Paulo de Azevedo, offerecendo-lhe cadeira, Lagarde escusou-se com o gesto, ajuntando logo risonho:

—Minha senhora... Venho como supplicante mover a piedade da belleza deshumana, e os supplicantes não se assentam em presença dos juizes.

—Vem mover a minha piedade, ou offerecer-me a sua?! accudiu a donzella em tom ironico. Não mudemos os papeis! A supplicante devo ser eu. O vencedor não veiu aqui dictar-me as condições na idéa de me achar resignada a escutal-as [167] e a submetter-me?!... Não o incommoda ficar de pé?...

—Não, minha senhora. Tenho de pedir licença para lhe apresentar outra visita...

—Outra visita?!

—Meu sobrinho...

—Seu sobrinho?!...

—Era tempo, não lhe parece?...

—Eu!...

—Percebo! É-lhe indifferente? Consinta que junte duas

palavras. Quer que lhe fale como amigo?...

—Se póde!... Receio tanto o intendente geral da policia!...

—Não receie. Seja menos injusta. Desejo-lhe bem. Respeito a sua firmeza, préso os seus sentimentos de filha extremosa, e sei que se quizer ha de fazer a felicidade do marido que preferir.

—Tantos louvores, sr. Lagarde!... Ha quantos mezes me avalia assim? accudiu Leonor sorrindo, mas tornando-se logo séria. Confesse que tenho motivos fortes para suppor o contrario. Costuma tractar, como nos tractou a nós, as pessoas que lhe merecem bom conceito?!...

—Ah, cruel!... voltou o ministro, córando um pouco, porém disfarçando a torvação momentanea com o riso. As setas são agudas, e essa mão mimosa aponta-as com uma certeza! Pois bem! Se fiz o mal, posso ao menos dar-lhe remedio... O conselho de guerra ámanhã, ou depois, reúne-se para julgar seu pae... A sentença depende das provas, e as provas principaes estão nas minhas mãos. De mais, Lunyt, o secretario de estado dos negocios da guerra, é meu amigo intimo... Já vê! Se eu interceder e ajudar... o sr. Paulo de Azevedo sae absolvido e solto...

—Bem o sei, redarguiu a donzella. Quererá o sr. Lagarde?... [168]

—Duvída?! Porque tem tão pouca fé?...

—Porque não acredito facilmente em conversões repentinas. Perseguiu-nos sem tregua, não socegou em quanto não teve meu pae em ferros, e hoje... offerece-me ser o seu protector!?... Ha grande mysterio n'isto, não o negue!... Temo que exija tanto da minha gratidão em premio, que eu não deva acceitar!

—Nada escapa á sua agudeza! Quer saber tudo? Tem razão. Joguemos liso. Posso interessar-me, e ser ouvido, falando a favor do pae da noiva de Armand, de meu sobrinho; mas percebe muito bem, por maiores que fossem os meus desejos de servir, que o empenho não teria a mesma força, se o mettesse em beneficio de estranhos... de pessoas desaffectedas ao governo de sua magestade o imperador e rei. Agora permite que meu sobrinho entre? Espera as suas ordens n'aquella saleta...

—Pois sim. Uma palavra antes, sr. Lagarde. É a noiva, ou é o dote, o que mais o tenta n'este negocio?!...

—Oh, minha senhora, que pergunta! Que offensa!... O dote?!... Não faz mal, de certo o dote, a riqueza nunca se despreza; porém o thesouro d'essa linda mão!...

—Supponha que... em troca da sua... como hei de dizer?

—Diga amisade, minha senhora, amisade sincera. Fale affoutamente!...

—Talvez seja muito. Benevolencia parece mais natural... Supponha, pois, que em troca da sua benevolencia eu cedia o dote, e guardava a *linda* mão... que é já de outro, e que em nenhum caso, aconteça o que acontecer... darei a seu sobrinho?...

Leonor falava serena, e sorrindo-se, porém a voz e o tom affirmavam assás, que a proposta era positiva, e que a resolução tomada seria inabalavel. Lagarde franziu o sobrolho, raspou com o dedo a ponta do nariz, cortejou-a em silencio, e reconcentrou-se por instantes como quem reflectia. [169]

—O dote sem a mão?! disse por fim lentamente, e esbrugando as palavras como se as pezasse. Julga, minha senhora, que seria possivel?...

—Depende da minha vontade, e estou prompta.

—Não me entendeu! É uma esmola, que nos quer fazer a meu sobrinho e a mim, ou uma peita, com que espera subornar o ministro?...

A interrogação parecia aspera; porém o olhar e a voz não podiam ser mais amáveis. Leonor concebeu esperanças.

—Nem uma, nem outra cousa! É um testemunho de reconhecimento. Protesto-lhe que dos tres a mais agradecida serei eu.

—Esquece-lhe, que o mundo dirá, que me vendi!... Não pode ser! Uma esposa não se nota que seja generosa, porém uma estranha!... Minha senhora, não decida nada sem o conhecer. Armand está aqui. É moço, é gentil, é brioso. Merece-a. Sei que o accusam de ser um pouco estouvado e perdulario. Não o defendo. São defeitos que o matrimonio corrigirá. Veja-o!... Tome tempo!... Não me julgue tão mau como dizem os meus inimigos. Tudo ha de compor-se.

—Deus permitta! replicou a filha de Paulo de Azevedo.

Mas a sua phisionomia espirituosa traduzia perfeitamente, sem os disfarçar, a malicia e o desprezo, com que assistia ao combate da avidez e da cubiça na alma de Lagarde, impaciente de receber o que lhe promettiam, mas preso ainda, apezar do cynismo, pelos escrupulos de um resto de decoro e de respeito da sociedade. Talvez, que não o embarçasse pouco n'este conflicto a idéa, que formava do character do sobrinho, e a apprehensão de que elle recusasse favores, cuja origem o cobriria de opprobrio. [170]

—Deus quer o nosso bem, e ha de permittir!... atalhou o magistrado, todo brandura e delicadeza. Sobre tudo se fizermos da nossa parte...

—Da minha tudo, menos!...

—Não diga isso!... Esse *menos* é que precisamos que desapareça. Meu sobrinho é um cavalheiro...

—Affiança-m'o?... N'esse caso estou socegada. O *menos* virá d'elle!...

Uma sombra escureceu o rosto do intendente. Ainda não lhe occorrêra esta hypothese, e um estremecimento nervoso avisou-o, de que ella podia converter-se em obstaculo insuperavel. Que certeza tinha de que Aubry annuisse ao pacto infame, que procurava extorquir, fazendo da cabeça de Paulo de Azevedo o penhor da docilidade de sua filha?

—Não imaginemos coisas tristes! redarguiu contrafeito. Seu pae, lembre-se, está preso, e em vesperas de ser sentenciado...

—Meu pae, tornou a donzella altiva, saberá morrer, que lh'o ensinaram os seus antepassados; o que nunca soube, nem ha de aprender na velhice, é a vender o sangue da sua alma, a ventura e a dignidade de sua filha para salvar a vida.

—N'esse caso!... Mas o pobre Armand!... Falámos tanto d'elle que por fim esqueceu-nos! Como ha de estar impaciente. Tinha um desejo tão ardente de vir aqui!... Ah, ri-se? Não acredita?!... Pois é verdade. Dá licença?!...

E sem aguardar mesmo o aceno secco de cabeça, com que Leonor respondeu, Lagarde, precipitando-se direito á porta, cortou com esta saída theatral a conversação no ponto, em que ameaçava tornar-se tempestuosa. Em quanto elle saia, a donzella enxugou á pressa duas lagrimas, reprimidas até então pelo orgulho, e inclinou a fronte como se lhe faltasse o vigor para supportar mais. Durou só um momento esta [171]

fraqueza. Um minuto depois erguia a face, e tornava a obrigar-a a exprimir a frieza glacial do papel forçado, que se via constringida a representar. Um rapido volver de olhos á porta de vidraças, detraz da qual Manuel Coutinho escutava, e um suspiro ancioso foram os ultimos signaes do seu desalento.

O intendente entrava com o sobrinho.

Vendo-o, Leonor córou, e fez-se logo, pallida.

O mancebo, contemplando-a, sentiu-se vencido de repente, e conheceu que aquella bella e doce imagem se lhe gravára profundamente no coração. A tristeza resignada, que respiravam as feições da donzella, a sua vista magoada, mas serena e quasi severa, e a casta e graciosa elegancia do porte, acabaram de o render. O semblante, em que um momento antes sorria zombeteira a mofa do conquistador, seguro do triumpho, desarmou-se instantaneamente da expressão quasi insolente, e inclinando-se, perturbado, e reverente, Armand saudou a filha de Paulo de Azevedo como poderia saudar uma rainha no seu throno.

—Aqui vem a seus pés mais este captivo, minha senhora! exclamou o intendente no estylo refinado e galanteador da côrte franceza. Compadeça-se d'elle. Não consinta que suspire em vão!

Armand empallideceu. Não era com gracejos vulgares e pueris, que elle agora desejava expressar á donzella a admiração. O official, de ordinario tão solto e audacioso, já não achava phrases que pintassem o estado da sua alma. Mas se os labios eram mudos, falavam os olhos, e o proprio enleio significou uma homenagem á amante de Manuel Coutinho. [172]

—Veja como a adora! proseguiu Lagarde, que, sem o querer, representava o papel comico de um tutor de entremez. Que victoria, minha senhora! Fez como Cesar, viu, e venceu!...

—Ah! interrompeu Leonor, deixando cair de alto sobre o tio e o sobrinho uma vista ironica e aguda, que os gelou a ambos, porque o desprezo e o escarneo, que exprimia, traspassava.

—Meu tio!... murmurou Armand confuso, e recuando como ferido de uma bala.

Houve uma breve pausa. O ministro estudava um exordio, que o salvasse dos apuros do lance, em que se mettêra, amaldiçoando interiormente Aubry, cuja falsa delicadeza começava a assustal-o. A filha de Paulo de Azevedo, em pé, branca como uma estatua de alabastro, mas imperiosa, amparava o corpo gentil com a mão no espaldar da cadeira e n'esta posição, cheia de dignidade, aguardava silenciosamente, que um dos dois ousasse dizer-lhe tudo.

O mancebo, que a interjeição de Leonor fizera córar até á raiz dos cabellos, e que a vista de tantas graças e enlevos cada vez seduzia mais, esperava ancioso, que o intendente, auctor do enredo, lhe rompesse o caminho, temendo adivinhar na mudez e no ar soberano e offendido da bella portugueza um trama, que a honra o obrigasse a desmentir.

—Armand, minha senhora, disse por fim Lagarde, que o amor proprio e a cubiça forçavam a insistir, encarrega-me de lhe pedir, que se digne receber os testemunhos de seu respeito e adoração. [173]

—Sempre como procurador?!... atalhou ella com um sorriso ironico.

—Em pessoa, minha senhora, em pessoa!... Se não veiu mais cedo é que...

—Meu pae não estava ainda quasi no oratorio, e o sr. Lagarde temia que a filha fosse menos docil?

—Oh!... bradou Armand, encarando o ministro severamente, e adeantando-se impetuoso. Minha senhora, balbuciu depois, se aqui vim foi attrahido por uma doce esperança, que vejo ter sido chimerica... Posso saber o que meu tio quiz fazer, valendo-se do meu nome? Presinto um segredo de violencia, talvez de iniquidade, mas, juro-lhe pela minha honra, que estou innocente... que sou incapaz de acceitar a sua mão, que me faria bem ditoso, agora o sinto, se livremente m'a não dêsse. Peço-lhe a verdade! Ao menos não me condemne sem me ouvir!...

Lagarde não soube conter-se. Um raio, que lhe estalasse de repente sobre a cabeça, não o teria desfigurado tanto. Empregado o ardil classico do famoso quadro do sacrificio de Ephigenia, escondeu metade da cara no lenço de assoar, pedindo a Deus que um alçapão propicio se lhe abrisse debaixo dos pés para o sumir da vista irritada dos personagens, cujas explicações previu, que iam desmascaral-o inteiramente.

Leonor, escutando as nobres palavras de Aubry, recompensou-as com um olhar sympathico. O semblante perdeu a expressão severa, e a voz, meiga e commovida, vibrou harmoniosa, como um canto suave, no peito agitado do official francez.

—Agradecida! redarguiu offerecendo-lhe pela primeira vez a mão, que elle beijou estremecendo. Não tenho que lhe perdoar... Agora vejo! O sr. Lagarde... como hei de dizer toda a verdade!? O sr. Lagarde prendeu meu pae, accusou-o, e tem suspensa sobre a sua vida a espada de um conselho de guerra... Tinha-me falado ha mezes n'este casamento... A minha recusa aggravou-o... e hoje, aqui mesmo, veiu propor-me salvar meu pae se eu consentisse... [174]

—Oh, meu tio! interrompeu o mancebo fulminando o intendente com os olhos, e vermelho de colera e pejo. Não diga mais, minha senhora. Adivinho a resposta. Regeitou!...

—Regeitei! continuou a donzella. A minha mão pertence a outro; o meu amor não se vende.

—Nem o meu nome se infama! rugiu Aubry tremulo de raiva. Sr. Lagarde agradeça ao sangue, que nos corre nas veias, a minha paciencia! Se não fosse! E suffocado em ira apertou os punhos, e levou-os á frente. Lagrimas de indignação rebentaram de seus olhos seccos. O intendente parecia petrificado.

—Offereci o dote sem a noiva; proseguiu Leonor. Era o meu resgate. Oh, perdoe sr. Aubry, não o conhecia ainda. Depois que o ouço... não lhe faria a affronta de suppor...

—Vê! accudiu o official, colhendo o ministro do braço, e saccudindo-o com furia. Vê a que me expoz?!... Meu tio, tenho vergonha, queima-me os labios dar-lhe este nome! Quem lhe deu o direito e a ousadia de arrastar o meu, o nobre appellido de meus virtuosos paes pelo lodo de suas torpezas?! Sou pobre, accrescentou voltando-se convulso para a filha de Paulo de Azevedo, mas a pobreza supportada com valor, com alegria, como eu a supportei sempre, não desdoura, engrandece. Hoje não possuo outras riquezas, senão o orgulho da propria indigencia, que nunca ajoelhou, o respeito do nome sem macula que herdei, e esta espada... que póde abrir-me o caminho da gloria, ou o da sepultura!... Nunca me passou pela idéa, que houvesse no mundo um coração tão vil e corroido, que se atrevesse a cuspir no meu rosto e sobre as cinzas dos que mais amei a injuria de me aviltar ausente a especulações infames!... Socegue, minha senhora! Todos os thesouros da terra, depois d'isto, não me obrigavam a acceitar a sua mão, ainda que m'a offerecesse. [175]

—Louco! D. Quixote! Nescio!... rosou Lagarde, ao qual a generosa declaração do mancebo restituiu a voz, e redobrou a ira de se ver descoberto e punido.

—Senhor Lagarde! disse Armand, cravando n'elle um olhar sombrio. Sei que devo parecer-lhe nescio e estouvado. Glorio-me da censura. O que me faria córar eternamente seria um elogio... depois do que acabo de ouvir.

—Senhor Aubry, observou Leonor, creia que nunca hei de esquecer a nobreza do seu character. Aonde quer que a fortuna o leve... conte com a minha amisade. Não sou ingrata. Se meu pae escapar...

—Ah! exclamou o mancebo. Esquecia-me! Senhor Lagarde! ajuntou, travando rijo do braço ao ministro, que se ia desviando para se evadir despercebido. Uma palavra antes de sair! Os vinculos do nosso parentesco estão rotos de hoje em diante. Quer que o mundo ignore os motivos? Ponho uma condição a esse sacrificio da minha parte!...

—Condições?!... interrompeu o intendente, ameaçando o sobrinho e Leonor com os olhos e com o gesto.

—Condições, sim! atalhou o mancebo friamente. Offereço-lhe o seu perdão, e a minha indiferença...

—Offereces-me o teu perdão? É admiravel! Que me importa o teu perdão?... [176]

—Em troca de um acto de generosidade... forçada. Bem vê que lhe faço justiça, e que digo *forçada*, proseguiu Aubry, contendo-o, e dominando-o com a vista.

—Oh! exclamou Lagarde, rindo convulso e constrangido. A scena era para se ver no theatro francez! Enlouqueceste Armand?!...

—Não! redarguiu Aubry, cerrando os dentes e crescendo para elle indignado. Não enlouqueci! Mas ninguem até hoje me affrontou impunemente. Em tres dias o pae d'esta senhora ha de estar absolvido e solto...

—Ah! É de mais! accudiu o ministro affectando intrepidez, porém assustado. E se não estiver? póde acontecer que as tuas ordens não sejam cumpridas á risca. Se não estiver pódes dizer-me o que farás? Accommettes a policia, fuzilas o conselho de guerra, ou assaltas os moinhos de vento de Monsanto?!...

—Por Deus, senhor Lagarde, não tente a minha paciencia! bradou o official empallidecendo de colera, em quanto as pupillas scintillantes faiscavam mil ameaças. Se não estiver livre e absolvido... como lhe mando!... ouve? juro-lhe pela santa memoria de minha mãe, á qual deve só n'este momento a vida! que amanhã o nome mais infame do imperio será o seu!...

O intendente fez-se branco e recuou, lendo na vista inflammada do sobrinho o odio e o desprezo.

—Armand! exclamou balbuciando, renegas o teu sangue por estranhos?! Unes-te aos inimigos da tua patria contra mim!?...

—Os inimigos combatem-se com as armas na mão, não se salteam nos corredores da policia, pedindo-lhes a bolsa, ou a vida!... Fez-me córar de vergonha! A maior injuria, que podia irrogar-me, era suppor alguém que eu fosse cúmplice de mercados tão vilões... [177]

—És uma criança! Julgas o mundo pelos romances!...

—Basta! clamou o mancebo. Quer acaso convencer-me?! Se não obedecer ao que lhe disse, que é o desaggravo da minha

honra ultrajada, não se admire do que eu fizer!...

—Do que fizeres! Ameaças?! Crês que te receio?... Em eu te desamparando cuidas que vales alguma cousa?! rugiu o intendente exasperado.

—Hei de valer sempre o que vale um nome honrado! Não preciso de mais. Repito. Tome bem sentido! Se o pae de D. Leonor não for solto em tres dias...

—Não é. Que mais?! atalhou o ministro, cruzando os braços.

—O general Junot e o conselho do governo saberão como se enriquece o intendente geral da policia! Vou revelar-lhes tudo. Então veremos.

—Tu! Meu sobrinho! exclamou Lagarde retrocedendo fulminado.

—Eu! Seu sobrinho por minha desgraça. Escolha agora.

Voltou-se depois para Leonor, que o dialogo tornára immovel, e acrescentou:

—Minha senhora, adeus. Levo d'aqui a admiração da sua formosura, e a magoa de ter sido causa innocente de suas lagrimas. Sei que me perdoa, e que me fica estimando. Não peço mais. Socegue. Mesmo sem o dote, o senhor Lagarde ha de servir seu pae... Elle sabe que eu costumo cumprir a minha palavra. Vamos, ajuntou apontando a saída ao ministro com um gesto imperioso. O luto entrou comnosco n'esta casa... É tempo de deixarmos que a alegria e a tranquillidade voltem. [178]

E quasi obrigando Lagarde a retirar-se, lançou sobre Leonor um olhar de apaixonado enlevo, inclinou-se com um suspiro, e desapareceu.

—Manuel Coutinho, disse a donzella, erguendo a fronte de repente, depois de alguns momentos de silencio, ouviu tudo?...

—Tudo, redarguiu elle, que não se demorou em vir lançar-se de novo a seus pés.

—Então sabe a divida que hoje contrahi... que ambos contrahimos com Armand de Aubry. Espero que a vida d'elle lhe seja tão sagrada...

—Como a de um irmão, respondeu Manuel. É uma grande alma.

—Alviçaras! Alviçaras! Senhora D. Leonor! Gritou a voz do bispo do lado do jardim. Os inglezes estão a desembarcar. O nosso captiveiro pouco durará se Deus quizer.

E o prelado entrou afadigado e tremulo de jubilo no aposento, aonde os dois lhe abriam os braços não menos alvoroçados.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

NOTAS AO PRIMEIRO VOLUME

O poder do ministro eclipsou-se com o ultimo suspiro do principe e, com elle expiraram as tradições viris e os commettimentos reformadores... [pag. 24.](#)

O governo do marquez de Pombal abrangeu todo o reinado de el rei D. José I. Varios, e mais ou menos parciaes, foram os juizos dos contemporaneos ácerca da administração severa, intolerante, e absoluta, mas a muitos respeitos fecunda e reorganizadora de Sebastião José de Carvalho e Mello. A obra, que apprehendeu, o rejuvenescimento da unidade monarchica sustentado pelo apoio das classes medias devia encontrar, e de feito encontrou, a opposição dos privilegios, dos abusos, das hypocrisias, e do fanatismo. No paço a familia real, nos gremios puritanos da nobreza os fidalgos mais poderosos, nas corporações religiosas a companhia de Jesus, declararam guerra mortal e incessante ao ministro, aos seus actos, e ás suas tendencias. Para a familia real Sebastião José de Carvalho era quasi um inimigo da força e da consciencia do rei. Para a nobreza arrogante e affeita a dominar o poder despotico de um ministro, que não acurvava as vontades, ou as leis ao aceno imperioso dos eleitos de sangue azul era um peão fidalgo, insolente e soberbo, que importava derrubar e punir o mais depressa possivel. Finalmente, para os jesuitas, cuja influencia dilatada nos ultimos annos de valimento durante o reinado de D. João V, não consentia emulos, e muito menos peias, os planos atrevidos do secretario d'Estado, representando ameaças e perigos perennes para a prosperidade da sociedade, equivaliam a um cartel, que a todo o transe convinha acceitar e concluir pela derrota do orgulhoso sob pena de aplanar aos adversarios os caminhos do triumpho. [180]

A firmeza do rei, o prestigio que a auctoridade monarchica possuia ainda, e a intrepidez do ministro venceram estas resistencias colligadas. Por que preço, porém? Que o digam os carceres e prisões povoadas de suspeitos, réos apenas muitos d'elles de alguma opinião mais livre. Que respondam os processos, as alçadas, os degredos, e os supplicios, paginas luctuosas de um governo inexoravel e vingativo. Copiando do cardeal de Richelieu até as perfidias cruentas, Pombal assignalou com um rasto patibular as principaes estações da sua administração. Por fim escorregou e caiu no sangue vertido muitas vezes sem necessidade. Os horrores, que afogaram nos pratos e crueldades da praça de Belem a famosa conspiração de 1758, a expulsão [dos](#) jesuitas; os castigos atrozes contra os tumultuarios do Porto; a execução de João Baptista-Pelle; o encarceramento prompto e perpetuo de quantos podia receiar como rivaes, ou como censores pelo nome, pela integridade, pela jerarchia, ou pela sciencia são nodoas indeleveis e accusadoras, que não apagam o merecido elogio de outros actos, nem a recta e desassombrada apreciação de suas reformas uteis e opportunas.

O marquez de Pombal tentava em parte o impossivel. Não admira, por isso, que na queda arrastasse consigo quasi tudo o que nos monumentos do seu governo era fragil, instavel, e transitorio. A monarchia pura tinha envelhecido muito e depressa para ser exequivel salva-a por meio da transfusão de idéas e principios repugnantes á sua índole, contrarios aos preconceitos e crenças do povo e das classes elevadas, e sem base firme em que assentasse uma construcção duravel. Os tres reinados de D. Affonso VI, D. Pedro II e D. João V adeantaram a tal ponto a caducidade, que os milagres do genio, e os prodigios da vontade o mais que puderam conseguir foi suspender a dissolução espaçando até ao fim do reinado seguinte a revolução eminente. O ministro absoluto serviu-se em muitas occasiões do poder como de uma arma cega e demolidora, e a ferro e fogo imaginou transformar a sociedade decrepita e moribunda em uma sociedade nova, e vigorosa e viril, filha legitima das grandes idéas philosophicas fadadas á conquista do futuro. Suas leis e seus esforços provam a [181]

elevação do pensamento e a intensidade dos bons desejos; mas do que elle decretou ficou de pé sómente o corpo logo tornado cadaver. O espirito... não eram aquelles ainda os dias da sua victoria nem os seus meios de persuasão. Por isso com o ultimo suspiro de D. José I baqueou não só o poder, mas subverteram-se em grande parte até as idéas representadas pelo marquez de Pombal.

II

Um gabinete quasi todo composto de aulicos, sujeito ao voto do confessor valido substituiu o mando odiado do marquez... [pag. 24.](#)

A rainha D. Maria I contava, quando subiu ao throno, quarenta e tres annos de idade. Nascida e educada para reinar houve um momento, em que seu pae, segundo se affirma, concebeu a idéa de proclamar a lei salica, cingindo a corôa na fronte juvenil do principe D. José. Acclamada em 13 de maio de 1777 com D. Pedro III, esposo e tio, o primeiro acto do seu governo foi um acto de clemencia. Mandou abrir as prisões e soltar os presos d'Estado. Chamou dos longos destellos, em que jaziam, a muitos varões respeitaveis pelos annos, pelo character, e pela jerarchia. Menos feliz do que Richelieu e Colbert o marquez de Pombal assistiu vivo ás exequias do seu poder e á demolição da sua obra.

Demittido dos principaes empregos exercidos por largo tempo, teve o marquez por successores na presidencia do real erario o marquez de Angeja, cuja lealdade D. José I attestára espontaneamente recolhendo-se a sua casa na fatal noite de 3 de setembro de 1778; na secretaria d'Estado dos negocios do reino, o visconde de Villa Nova da Cerveira; na dos negocios estrangeiros e da guerra Ayres de Sá; e na repartição da marinha e ultramar Martinho de Mello e Castro.

Estes cavalheiros não eram homens obscuros, ou ineptos, mas qualquer d'elles estava longe da vigorosa iniciativa de Sebastião José de Carvalho, e todos juntos confundiam e atavam, mais do que desenredavam e esclareciam, as resoluções. [182]

A consciencia timida da rainha, o genio apoucado de seu marido, as insinuações hypocritas dos beatos, que se apoderaram logo de todas as avenidas do paço e começaram a influir na direcção dos negocios, não concorreram pouco para tornar o novo reinado uma quasi restauração de tudo quanto o marquez de Pombal intentára destruir, ou modificar.

Combatida de escrupulos suggeridos por falsos devotos a rasão da rainha principiou logo a vacillar, e á prudencia e character limpo de allusões do seu confessor o arcebispo de Thessalonica, D. Fr. Ignacio de S. Caetano, é que ella deveu não se afogar mais cedo nas trevas da demencia.

O governo de D. Maria I não foi, comtudo, um governo absolutamente estacionario e inimigo de reformas. Se o risco das grandes cousas traçadas pelo marquez de Pombal assustava a capacidade menos elevada dos ministros, que lhe succederam, todos elles ao menos manifestaram bons desejos e rectas intenções, seguindo, ainda que muito de longe, o espirito moderno, que alvorecia em França, e cujos clarões ainda se não haviam convertido nos relampagos deslumbrantes, que precederam a revolução de 1789; ou nas tempestades medonhas, que revelaram as subversões de 1792 e 1793.

Modesto nas idéas e nos commettimentos, o gabinete da

rainha creou a junta do código civil, cujos trabalhos nunca viram a luz da estampa; fundou a Academia Real das sciencias; estabeleceu os estudos de primeiras letras e humanidades nos claustros das corporações regulares; instituiu a casa Pia para asylo das creanças orphãs; dotou as aulas de Fortificação e a Academia de Marinha; e decretou novas estradas e meios de as executar sob a direcção de José Diogo de Mascarenhas Netto.

A entrada de D. Rodrigo de Sousa Coutinho no ministerio em principios de 1797, por morte de Martinho de Mello, introduziu na administração um elemento activo, emprehendedor, e dedicado por indole e tendencias a arriscar planos mais vastos e mais altos muitas vezes, do que o consentiam as circumstancias e as forças debilitadas da monarchia.

[183]

III

Os tres sujeitos eram nada menos, do que tres delegados do *conselho conservador de Lisboa*, associação composta de patriotas dedicados á restauração da independencia, etc., [pag. 88](#).

A existencia d'esta sociedade secreta politica não é uma invenção. Saiu á luz dos prelos da imprensa regia um opusculo de 24 paginas de 8º, com a seguinte denominação *Catalogo por copia extrahido do original das sessões e actas feitas pela sociedade de portuguezes, dirigida por um conselho intitulado CONSELHO CONSERVADOR DE LISBOA, e installada n'esta mesma cidade em 5 de fevereiro de 1808; tendo se unido os installadores em 21 de janeiro do mesmo anno para tractar da restauração da patria.*

O conselho fundou-se em 5 de fevereiro de 1808 com seis socios que eram: G... Matheus Augusto, José Maximo Pinto da Fonseca Rangel, José Carlos de Figueiredo, Antonio Gonçalves Pereira, André da Ponte do Quental da Camara; José Maximo da Fonseca foi nomeado secretario. O local das reuniões decidiu-se que fosse alternadamente a casa de cada um dos adeptos. A hora das conferencias ás 8 da noite.

A formula do juramento adoptada era esta: «Na nossa presença, oh immenso, Sempiterno, Omnipotente Deus, creador do Universo, estando em nosso accordo, sem constrangimento, ou duvida, livres e deliberados jurámos tractar de hoje em diante com todo o possivel disvelo, fervor, prudencia, e firmeza a causa nobilissima da religião da patria e do throno applicando para isso nossas forças, talentos, bens e vida até conseguirmos entregar este a seu dono O PRINCIPE REGENTE e áquelles o esplendor, a liberdade, a gloria. Este juramento seja para sempre o fundamento da nossa honra e da nossa felicidade, que chame sobre nós a benção divina e os applausos da nossa posteridade: a violação d'elle, pelo contrario, attrairá sobre nós as maldições do céu e da terra; a vileza para nós e para os nossos descendentes.»

Na setima sessão prestaram este juramento um pouco theatral o coronel de cavallaria Alvaro Xavier de Povoas e Fernando Romão da Costa Athaide Teive. D'ahi em diante cresceu todos os dias o numero dos socios e associados. Na sessão de 25.º constituiu-se o *conselho conservador* á pluralidade de votos e ficou composto dos seguintes deputados e adjuntos: o bispo de Malaca D. Francisco, o D. abbade de Belem fr. Manuel de Mesquita, o arceidiago do Funchal Manuel Joaquim de Sousa, o beneficiado Joaquim José da Costa, o marquez de Angeja D. João, o conde de Rio Maior, o visconde da Bahia, o desembargador Sebastião José de Sampaio, o brigadeiro Antonio Marcelino da Victoria, os coroneis Lemos, Lacerda, e Raposo, o tenente coronel Costa

[184]

Athaide, o major Antonio Marcelino Soares, e todos os mais socios approvados e admittidos. João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, hoje duque de Saldanha, entrou tambem no conselho inscripto sob numero 27. Consta da relação publicada a pag. 87 do opusculo.

O conselho desde 5 de fevereiro até ao 1.º de outubro de 1808, em que se dissolveu, celebrou quarenta e duas sessões. O numero dos socios ajuramentados subia a 183. O dos auxiliares abonados por varios d'elles elevava-se a 959, além do concurso de tropa e povo, com que contava para o caso de um rompimento.

Os planos de sublevação, as proclamações, os avisos ao almirante inglez sir Charles Cotton, e os projectos da sociedade não corriam tão secretos como elle imaginava.

A policia franceza suspeitava, pelo menos, se não conhecia plenamente a organização d'este nucleo; porém não julgou prudente proceder contra elle, temendo-se talvez mais de um processo ruidoso em circumstancias criticas, do que dos tramias pouco bellicosos e activos dos conspiradores. É o que se deprehe de um trecho da *Historia da Guerra da Peninsula* do general Foy.

[185]

IV

Muitos homens illustrados, que o grandioso espectaculo dos acontecimentos advertia, suspiravam por uma renovação, que nunca podia ser inspirada, bem o sabiam por experiencia, nem pelas idéas, nem pela iniciativa de um governo caduco [pag. 101](#).

Allude-se no texto ao plano de uma constituição semelhante á que Napoleão I concedêra ao grão-ducado de Varsovia, plano concebido, [segundo](#) afirma o general Foy, no liv. II da sua *Histoire de la Guerre de la Peninsule*, por alguns patriotas portuguezes, desejosos de colherem ao menos da intrusão estrangeira os beneficios da liberdade.

O general Foy cita como auctores principaes do plano o desembargador Francisco Duarte Coelho, o doutor Ricardo Raymundo Nogueira, reitor do Collegio dos Nobres, e o conego Simão de Cordes Brandão, lente de direito natural e das gentes na Universidade de Coimbra, e insere nas provas sob a lettra J o projecto de codigo politico, que então se queria pedir a Bonaparte. (Tomo II, edição de Paris pag. 38 e seguintes e pag. 469 e seguintes).

José Acurcio das Neves (*Historia da Invasão dos Francezes em Portugal* tomo II) transcreve igualmente o documento, porém não diz claramente a quem elle deve ser attribuido; mas o auctor da *Historia de El-Rei D. João VI*, vertida em portuguez (Lisboa typographia Patriotica 1838 a pag. 189-191), depois de nos dar tambem o projecto, accrescenta, que esta mensagem fôra dirigida pelo doutor Gregorio José de Seixas de accordo com muitas pessoas distinctas por engenho e representação. Entretanto o padre José Agostinho de Macedo, como nota o sr. Innocencio Francisco da Silva no tomo VII do seu *Diccionario Bibliographico* pag. 276, accusou em mais de um logar de suas obras a Simão de Cordes, lançando-lhe em rosto o haver sido um dos que no fim do seculo passado maior impulso tentáram dar á maçonaria em Portugal, e principalmente em Coimbra, aonde chegára a organizar algumas lojas.

O bispo de Vizeu no *Elogio Historico* fórma juizo [\[186\]](#) absolutamente opposto do procedimento e doutrinas de Simão de Cordes.

Sejam, porém, as que aponta o general Foy, ou outros

auctores, o projecto de constituição redigiu-se e corre hoje impresso. Restava o mais difficil. Era necessario achar pessoa auctorizada, que se decidisse a apresental-o. Aceitou a missão arriscada o juiz do povo, que era então um tanoeiro chamado José de Abreu Campos, notavel pela firmeza e integridade. Mais de um lance de nobre ousadia confirma esta opinião formada com justiça ácerca do seu character.

Quando o conde da Ega foi incumbido por Junot de aggregar aos membros da *Junta dos Tres Estados* os representantes denominados dos braços da nação para lhes extorquir em simulacro de côrtes um voto de adhesão, o juiz do povo protestou contra os actos da assembléa, como illegaes e emanados de corpo incompetente. Quando as quinas foram picadas e substituidas pela aguia corsa, Abreu Campos negou-se a apagal-as da cabeça da sua vara.

O juiz do povo correspondeu ás esperanças depositadas n'elle. Intimado para assignar com o clero e a nobreza, em nome do povo, a mensagem de 24 de maio de 1808 (provas de *l'Histoire de la guerre de la Peninsule*, par le general Foy. Paris 1827, tom. II, pags. 467-469) o honrado tanoeiro, protestando contra o acto por nullo e abjecto, e contra os que o practicavam por incompetentes, apresentou o projecto de constituição composto em fórma de petição dirigida ao imperador, e appellou para o voto do paiz representado em côrtes.

Esta voz isenta proclamando a emancipação politica offendeu os ouvidos do duque de Abrantes. O juiz do povo, chamado ao quartel general, foi asperamente reprehendido, e varias pessoas, suspeitas de liberaes, mandadas sair de Lisboa.

Prevaleceu assim a mensagem servil dictada á simulada junta da nação. José Sebastião de Saldanha partiu encarregado de a apresentar a Napoleão I. Achando, porém, já interceptadas as communicações da Hespanha com a França, recolheu a Lisboa sem ter podido passar adeante da cidade Rodrigo.

[187]

V

Deixemos passar esses vultos, que pisam os sobrados nas pontas dos pés, escorregando quasi como sombras. São rodas secundarias da machina, [pag. 111 e 112](#).

O general Junot, intitulado-se nos seus actos governador de Paris, primeiro ajudante de campo de S. M. o imperador e rei, e general em chefe do exercito invasor, compôz desde principio e da maneira seguinte o pessoal do governo em Lisboa:

Por decreto datado de Lisboa no 1.º de dezembro de 1807, nomeou Francisco Antonio Herman commissario do governo francez junto do conselho do reino de Portugal, o qual lhe daria conta de todas as suas deliberações, podendo assistir a ellas, querendo, e assignar as actas. Por decreto de 3 de dezembro, do mesmo anno foi Herman incumbido tambem da administração geral da fazenda. Em 8 de dezembro foi encarregado o general Laborde do commando superior de Lisboa e o conde de Novion do commando das armas da cidade. O marquez de Alorna recebeu a nomeação de inspector geral e commandante das tropas nas provincias de Traz os-Montes, Beira e Extremadura (22 de dezembro de 1807).

J. J. Magendie já exercia as funcções de commandante em chefe da marinha em 1 de março de 1808, como consta de um aviso seu aos officiaes da arma, e aos empregados do

porto de Lisboa, expedido n'essa data. P. Lagarde foi nomeado intendente geral da policia do reino em 25 de março de 1808, por decreto de Junot, referendado pelo secretario de Estado dos negocios do interior e da fazenda, Francisco Antonio Herman. Por decretos da mesma data nomeou Junot corregedor-mór da Extremadura a mr. Pepin Bellisle, auditor do conselho de Estado, da provincia do Alemtejo a mr. Lafond, e da provincia de entre Douro e Minho a Taboureau, ambos tambem auditores do conselho de Estado. Quintella foi feito corregedor-mór da Beira.

O decreto, que approvou as instrucções dictadas a estes novos magistrados, sahiu com a data de 2 de abril de 1808. [188] Por decreto de 16 de abril do mesmo anno foi Lagarde nomeado conselheiro do governo para assistir ás sessões do conselho. A 16 de abril já o general Junot havia recebido de Napoleão o titulo de duque de Abrantes.

INDICE

A Camillo Castello Branco	5
I — Uma noite desabrida	7
II — O moinho da Raposa	15
III — Duas paginas da historia d'este seculo	21
IV — O bem soa, o mal voa	32
V — Não ha atalho sem trabalho	43
VI — Ressurreição de Lazaro	55
VII — Segredos em toda a parte	67
VIII — Entre os bastidores	83
IX — Que talvez podesse servir de prologo	100
X — Tolda-se o tempo	111
XI — Achilles e Nestor	127
XII — Arcades ambo!	138
XIII — Dois parentes	147
XIV — Amor	156
XV — Cubiça e Nobreza	166

UM REINADO TRAGICO

(Complemento da HISTORIA DE
PORTUGAL)

POR * * *

Edição Popular e Illustrada

**Com grande numero de retratos dos
homens contemporaneos,
e de gravuras representativas
dos acontecimentos mais notaveis
do reinado de D. Carlos**

Attendendo a instantes pedidos de muitos dos assignantes da nossa **Historia de Portugal**, resolveu esta Empreza publicar um novo livro que, embora seja como que o complemento d'aquella—e por isso absolutamente igual em formato, papel, etc.—será no emtanto completamente independente dos anteriores volumes, e no qual, sob o titulo de **Um Reinado Tragico**, se fará a descripção de todos os successos politicos que vão desde o *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890 até aos tragicos acontecimentos de 1 de fevereiro de 1908, que determinaram a subida ao throno portuguez do rei D. Manuel II.

Publicação em fasciculos semanaes de 16 paginas, in-4.º grande, ao preço de

60 RÉIS

ou a tomos mensaes de 5 fasciculos, ao preço de

300 RÉIS

FLOS SANCTORUM
Vida de
todos os santos
e martyres do Christia-
nismo

SEGUINDO, DIA A DIA, A ORDEM DA SUA COMMEMORAÇÃO PELA EGREJA

**Trabalho de compilação e de synthese,
feito sobre os mais modernos e conscienciosos estudos**

PELO

Rev. Dr. SANTOS FARINHA

Bacharel formado em theologia pela Universidade de Coimbra e parcho
collado da freguezia de Santa Izabel, de Lisboa

Illustrado com centenaes de gravuras

Cada fasciculo semanal de 2 folhas de 8 paginas cada, in-4.º grande, contendo pelo menos 2 gravuras,

60—REIS—60

Cada tomo mensal de 5 fasciculos, ou 80 pag., grande formato, contendo numerosas gravuras,

300—REIS—300

DIRIGIR OS PEDIDOS Á

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

SOCIEDADE EDITORA

Livraria Moderna—Rua Augusta, 95, Lisboa

TYPOGRAPHIA—45, RUA IVENS, 47

Notas:

[1] Eram pannos lavrados, ou lisos, que vestiam as paredes. Tambem se usavam de couro.

Lista de erros corrigidos

Aqui encontram-se listados todos os erros encontrados e corrigidos:

	Original		Correcção
#pág. 15	hombos	...	hombros
#pág. 17	á	...	é
#pág. 26	nosas	...	nossas
#pág. 27	Bonapart	...	Bonaparte
#pág. 29	anino	...	animo
#pág. 31	presa	...	pressa
#pág. 33	ruidasa	...	ruidosa
#pág. 33	costumudo	...	costumado
#pág. 44	cava	...	cave
#pág. 53	do	...	de

#pág. 57	Pedr	...	Pedro
#pág. 64	inop nada	...	inopinada
#pág. 68	quatros	...	quatro
#pág. 68	e	...	o
#pág. 78	acabavaentão	...	acabava então
#pág. 79	da mesmo	...	do mesmo
#pág. 84	naural	...	natural
#pág. 108	noneada	...	nomeada
#pág. 110	setes	...	sete
#pág. 122	os que os	...	que os
#pág. 127	Azevdo	...	Azevedo
#pág. 156	attribindo-a	...	atribuindo-a
#pág. 180	do	...	dos
#pág. 185	segunda	...	segundo

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK A CASA
DOS FANTASMAS - VOLUME I ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE
THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS
WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere

in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.

Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The

person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.